



ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

VOLUME VIII

**Deise Nanci de Castro Mesquita, Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha,
Patrícia Maria Jesus da Silva (Organizadoras)**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO



Cegraf UFG



UFG Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Diretora do Cegraf UFG

Maria Lucia Kons

Conselho Editorial

Alessandra da Silva Carrijo – UFG

Aline Gomes Souza – SME de Goiânia

Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco – UFRJ

Denise Cardoso – UFPA

Elianda Figueiredo Arantes Tiballi – PUC Goiás

Éric Fernández Hernández – Universidade de Havana / Cuba

Jose da Silva Ribeiro – Ao Norte / Portugal

Josias Pereira da Silva – UFPel

Maria Luiza Batista Bretas – IF Goiano

Neisi Maria da Guia Silva – UFG

Rafael de Almeida Tavares Borges – UEG

Silvana Matias Freire – UFG



ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

VOLUME VIII

Deise Nanci de Castro Mesquita,
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha,
Patrícia Maria Jesus da Silva
(Organizadoras)

Cegraf UFG
2022

© Deise Nanci de Castro Mesquita, Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha,
Patrícia Maria Jesus da Silva, 2022
© Cegraf UFG, 2022

Diagramação
Julyana Aleixo Fragoso

Revisão
Lídia dos Santos Ferreira de Freitas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

E75 Escola de educação básica para todos! : volume VIII
[Ebook] / organizadoras, Deise Nanci de Castro Mesquita,
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha, Patrícia Maria
Jesus da Silva. - Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF). -
Goiânia : Cegraf UFG, 2022.

Inclui referências.
ISBN: 978-85-495-0576-7

1. Educação. 2. Educação básica. 3. Ensino audiovisual. I.
Mesquita, Deise Nanci de Castro. II. Rocha, Maria Alice de
Sousa Carvalho. III. Silva, Patrícia Maria Jesus da.

CDU: 373

Bibliotecária responsável: Rosemarilany Barbosa Guida / CRB1: 3165

Sumário

APRESENTAÇÃO	8
--------------------	---

Mariusua Alves Sartin 11

PARTE I

A EDUCAÇÃO DO OLHAR: EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA ESTUDANTIL	13
---	----

Deise Nanci de Castro Mesquita
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha
Patrícia Maria Jesus da Silva

CONSUMISMO.....	29
-----------------	----

Antônio Paixão Correia Neto
Isabella Pimentel Sousa
Amanda Vieira Prado

ESTUDANTES NA PANDEMIA.....	35
-----------------------------	----

Bruno Vieira dos Santos
Elisa Sousa Borges
João Gabriel Bernardo
Mariusua Alves Sartin

EVOLUÇÃO GRÁFICA DOS GAMES..... 45

João Gabriel Montalvão de Freitas

NOSSA MENTE 53

Laura Fernanda Gomes Barbosa

Marcos Vinicius Sousa Rodrigues

Patrícia Maria Jesus da Silva

O LIXO EM ESTADO DE MUDA..... 66

Fátima Cristina Silva Moraes

PROJETO BOLA DE OURO..... 76

Bolivar Moreira Matos

Kauã Vinícius Alves Pereira

Herick Bruno Carvalho Costa

RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR E ALUNO..... 82

Daniel Martins Braggio

Júlia Guimarães Almeida

Suiani Fabiano Caixeta

TRANSFORMAR JUNTOS É TRANSFORMAR DENTRO 91

Andresa Moreno

Débora Rodrigues de Almeida

Elzita Maria de Lima

TRÊS OLHARES DA PANDEMIA 107

Paulo Henrique Rodrigues Arantes

Vitória Geovanna Lemos de Araujo

Yan Carlos Melo Camargo

VOU TE CONTAR 115

Élida Ferreira

Victor Gabriel Miranda Amorim

PARTE II

O ENSINO COLABORATIVO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:
POSSIBILIDADES PARA EFETIVAÇÃO DE UMA ESCOLA PARA
TODOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA 123

Denizia Rosa Ferreira Alves

SOB/RE A RADICALIDADE DA ESPERANÇA 173

Élida Ferreira

VOZES-MULHERES EM ECO COM A VIDA-LIBERDADE: A
EXPERIÊNCIA COM A POÉTICA MARGINAL-PERIFÉRICA DE
AUTORIA FEMININA NA EDUCAÇÃO BÁSICA 190

Glauce Kelly Cardoso Pires

Vivianne Fleury de Faria

APRESENTAÇÃO

O primeiro semestre do ano de 2021 começou animado. Apesar das dificuldades e tristezas que insistiam em tomar conta dos nossos dias, provocadas pela pandemia da COVID-19, a disciplina eletiva Videoclube Cepae em Cena: produção e mostra audiovisual estudantil trouxe um alento para nossas tardes de verão. Acalorados pelos debates promovidos pelas equipes de diversificadas escolas de educação básica participantes, entusiastas da pedagogia freiriana, esses momentos de trabalho conjunto exigiram de todos os envolvidos muita alegria, esperança e compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

E quanta pluralidade! Reunidos em um mesmo espaço virtual ciceroneado de forma extensiva pela Universidade Federal de Goiás, participaram, colaborativamente, pesquisadores doutores, mestres, mestrandos, graduandos, secundaristas, discentes dos anos iniciais e finais do ensino fundamental em seus primeiros passos na produção científica formal, oriundos de instituições particulares, como a Escola Aldeia e a Escola Casa Verde; públicas da rede municipal e/ou conveniada, como a Escola Jalles Machado de Siqueira e o Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata; estaduais, como o Colégio Olavo Bilac e o Colégio Polivalente Prof. Goiany Prates; e da rede federal, como o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG.

O encontro desse heterogêneo grupo de estudiosos de diferentes faixas etárias e níveis de escolarização possibilitou a elucidação do que Freire (1987, p. 47) formula sobre o “o homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais” pelas vias de uma formação ética que busca promover a intervenção no mundo com boniteza, objetivando que a sociedade seja mais humana, mais justa, menos desigual.

Sempre pautados no respeito às singularidades dos participantes, com a disponibilização de textos de vários gêneros discursivos, simples e/ou complexos, mas aprofundados e atrelados à realidade, os encontros síncronos quinzenais foram dedicados à partilha da compreensão e da análise acerca das indicações bibliográficas. Para isso, essa disciplina integradora de múltiplos sujeitos teve como pano de fundo a apreciação de vídeos produzidos por amadores e profissionais do meio cinematográfico, bem como o estudo de autores que abordam questões sobre análise e produção fílmica, cineclubismo estudantil no Brasil, linguagens imagéticas móveis e estáticas, representação, criatividade, edição, exibição, adaptação de obras literárias para o cinema, entre outras.

Aliados às discussões realizadas em ricas rodas de conversa, tais apreciações e estudos capacitaram os envolvidos para organizarem-se em pequenos grupos interescolares que, por afinidade temática, se reuniram para experimentar, com criatividade e criticidade, a produção de curtas-metragens representativos de suas preocupações e angústias sociais. Em consequência, por meio de “visualidades” que dão conta de reconhecer, recortar e registrar as realidades de suas historicidades e culturas, todos os curtas produzidos buscaram provocar o público a futuras e controversas análises.

Concluído esse exercício de experimentação artística, cada grupo exibiu o seu produto audiovisual representado por narrativas estéticas e culturais aos demais colegas e a uma especialista em roteiros, também convidada para apreciar, analisar e sugerir a reor-

ganização dos curtas que comporiam o catálogo da mostra Olhares em Transição e que poderiam se habilitar à inscrição e à submissão para seleção de exibição em festivais cinematográficos estudantis espalhados pelo país.

Esse evento aconteceu no dia 15 de novembro de 2021 e foi aberto apenas à participação de familiares e amigos dos envolvidos. Mas, agora, na primeira Parte deste volume VIII da coletânea Escola de Educação Básica para Todos!, dez deles poderão ser apreciados e avaliados pelo público em geral, já que são disponibilizados os seus *links* para acesso livre no canal do *Youtube*. Assim, todos terão a oportunidade de conferir se, de fato, essas imagens estáticas e em movimento – suas composições, roteiros e sons – podem ser tomadas como narrativas audiovisuais “poéticas”, segundo a compreensão de Adélia Prado em *live* de 2008, quando esclarece que “tudo aquilo a que se imprime o estatuto de arte só se justifica pela poesia que ela contém; já que, se não tiver poesia, não é cinema, não é teatro, não é pintura, não é literatura”.

Em estilo “documentário”, os curtas-metragens foram produzidos com a utilização de celulares e aparecem em forma de entrevistas, animações, montagens de desenhos em *stop motion* e/ou de imagens de domínio público etc. Para aguçar a curiosidade do leitor/espectador, seguem seus títulos: *Consumismo*, *Escolinha Bola de Ouro*, *Estudantes na pandemia*, *Evolução gráfica dos games*, *Nossa mente*, *O lixo em estado de muda*, *Relação professor e aluno*, *Transformar juntos é transformar dentro*, *Três olhares da pandemia* e *Vou te contar*.

E, para abrilhantar ainda mais esta obra que divulga criações audiovisuais estudantis, na segunda Parte são apresentados outros documentários que também são fruto de pesquisas científicas, desta feita em nível *stricto sensu*, realizados como produto educacional no Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB/CEPAE/UFG), cujos títulos são também muito convidativos: *O ensino colaborativo nas práticas pedagó-*

gicas: possibilidades para efetivação de uma escola para todos na educação básica; Sob/re a radicalidade da esperança e Vozes-mulheres em eco com a vida-liberdade: a experiência com a poética marginal-periférica de autoria feminina na educação básica.

E, então, qual deles você irá assistir primeiro?

Mariusa Alves Sartin

Mestranda do PPGEEB/Cepae/UFG

Professora no Colégio Estadual Polivalente Prof. Goiany Prates

Professora de AEE no Centro de Orientação, Reabilitação e

Assistência ao Encefalopata

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

PRADO, Adélia. O poder humanizador da poesia. Sempre um bom papo, 2008. Entrevista concedida a Afonso Borges. Disponível em: <https://youtu.be/sisSlTXy6bM>. Acesso em: fev. 2022.

PARTE I

A EDUCAÇÃO DO OLHAR: EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA ESTUDANTIL

Deise Nanci de Castro Mesquita – Cepae/UFG¹

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha – Cepae/UFG²

Patrícia Maria Jesus da Silva – Escola Municipal Jalles Machado³

Em obediência às regras sanitárias de afastamento social decorrentes da pandemia de Covid-19 durante o segundo semestre de 2021, primeiro semestre letivo de 2021 no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, não apenas as atividades extracurriculares constituídas por projetos de pesquisa, de ensino e de extensão precisaram ser oferecidas na modalidade remota, mas também as disciplinas regulares da matriz curricular. Diante desse fato, durante o planejamento escolar, uma das atividades interdisciplinares previstas pelos Departamentos de Pedagogia e de Língua Portuguesa foi a oferta de uma disciplina eletiva a um pequeno grupo de alunos do ensino médio, cuja ementa

1 Doutora em Letras e Linguística (PPGLL/UFG). E-mail: mesquitadeise@ufg.br

2 Doutora em Educação (PPGE/UFG). E-mail: maria.carvalho@ufg.br

3 Mestre em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/Cepae/UFG). E-mail: patriciaandre2105@gmail.com

visava ao estudo sobre cineclubismo escolar no Brasil, análise fílmica, linguagem imagética, representação e criatividade, produção científica em linguagem visual e audiovisual, criação, edição e exibição e à organização de uma mostra visual e audiovisual estudantil, em um ambiente totalmente virtual.

Assim, foi estruturada a disciplina denominada Videoclube Cepae em Cena: produção e mostra audiovisual estudantil, a partir do princípio freiriano de “educação autêntica”, que, segundo nos alerta o autor, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizada pelo mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando diversificadas visões e múltiplos pontos de vista (Freire, 1981). O intuito, pois, era que, durante os encontros síncronos quinzenais das segundas-feiras à tarde e nas demais semanas alternadas, os alunos exercessem seu protagonismo escolar, ou seja, fossem responsáveis pela própria aprendizagem e assumissem esse processo de forma crítica, criadora e criativa, entendendo que aprender não depende, exclusivamente, da leitura de textos escritos em linguagem alfabética que tratam ou discutem sobre determinado conteúdo disciplinar, mas que se realiza a partir de uma reflexão crítica sobre um acontecimento social ou natural que convoca à imersão em outros gêneros discursivos, cuja escolha pode vir de sua própria curiosidade ou experiência intelectual, ou por sugestão de outras pessoas, além do professor.

No entanto, para a grata surpresa da equipe responsável pela organização da disciplina, o que se presenciou após o início da atividade não foi apenas o preenchimento das vinte vagas disponibilizadas aos secundaristas das 1^a, 2^a e 3^a séries do Cepae, mas também o engajamento de alguns mestrandos de seu Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica, de bolsistas e estagiários de outras unidades acadêmicas da UFG, bem como a inserção de novos parceiros: estudantes do ensino fundamental dos anos iniciais e finais e alguns de seus professores, pertencentes a escolas municipais,

estaduais e particulares de educação básica de Goiânia e Aparecida de Goiânia, que ajudaram a transformar a proposta dessa modesta disciplina eletiva em uma rica e extensa rede de experimentação artística estudantil. Uma prova disso é o fato de que uma média de quarenta pessoas participaram efetivamente da disciplina, socializando seus conhecimentos, ideias e criações, além de oferecerem materiais acadêmicos, artísticos e culturais de apoio que foram utilizados durante os encontros por videoconferência na ferramenta de conexão *Google Meet*, podendo ser acessados na sala virtual Cineclubismo Estudantil, pelo *link* <https://classroom.google.com/c/MzE5NjQ3Nzg5OTQx?cjc=h4fx4c2>.

Fig. 1 - Sala de aula virtual do *Google Meet*: Videoclube Cepae em Cena



1. Documentário: *A tradução de diferentes olhares em tempos de pandemia*
 Alunos da Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira
 Responsável: Profa. Ma. Patrícia Maria Jesus da Silva
 Link: <https://www.youtube.com/watch?v=71RnyoHnh2U>

A partir de então, as propostas desenvolvidas na disciplina passaram também a integrar o plano de atividades de dois projetos já em curso e em fase de finalização, o de extensão A Vida em Transição: diferentes olhares (PJ692-2020) e o de pesquisa Imagem da Vida em Transição (PI04760-2020). Para conhecer algumas das experiências desenvolvidas durante esse interstício (2020/2021) pelas escolas parceiras desses projetos, seguem os *links* de alguns documentários apresentados no V Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos!, disponíveis no *Youtube*:

Fig. 2 - Projeto Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira



2. Documentário: *Nosso olhar singular sobre a pandemia universal*

Alunos do Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata

Responsável: Profa. Ma. Élide Ferreira

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=yLTNLafezxE>

Fig. 3 - Projeto Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata



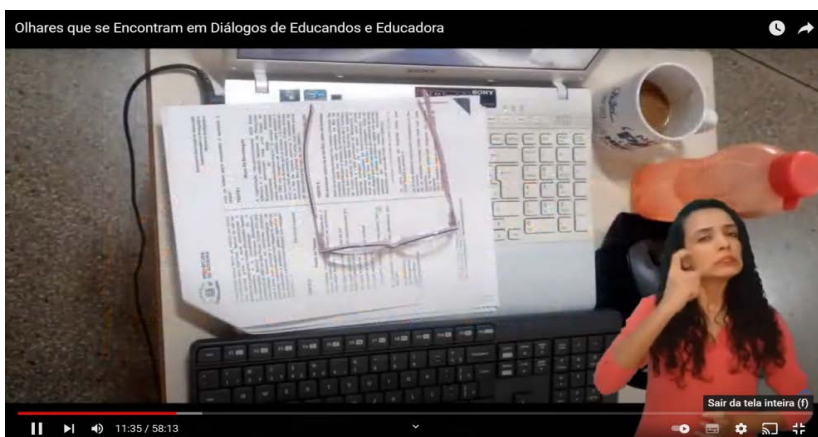
3. Documentário: *Olhares que se encontram em diálogos de educandos e educadora*

Alunos da Escola Municipal Herbert José de Souza

Responsável: Profa. Ma. Mariana Cirqueira Ricardo da Silva

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=PJnuCgQL1L0>

Fig. 4 - Projeto Escola Municipal Herbert José de Souza



4. Documentário: *Pandemia, escola e esperança*

Alunos de Escolas da Secretaria Municipal de Educação

Responsável: Profa. Ma. Denizia Rosa Ferreira Alves

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=RvygffSomZE>

Fig. 5 - Projeto Escolas da Secretaria Municipal de Educação



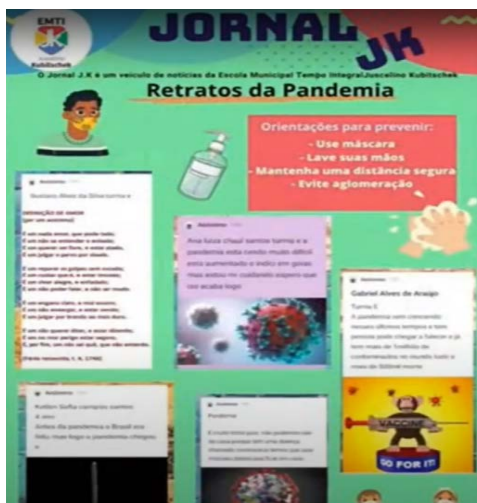
5. Documentário: *Retratos da pandemia*

Alunos da Escola de Tempo Integral Juscelino Kubistchek

Responsável: Profa. Ma. Andrea Hayasaki Vieira

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=RvygffSomZE>

Fig. 6 - Projeto Escola de Tempo Integral Juscelino Kubistchek



Assim, com o intuito de prosseguir com o profícuo trabalho desenvolvido entre essas instituições externas já integradas, e ob-

jetivando institucionalizar a parceria entre as escolas recém-incorporadas, dois novos projetos de extensão foram estruturados e cadastrados na UFG: Videoclubismo Estudantil: escolas de educação básica em cena (PJ364-2021) e Olhares Singulares Sob(re) Novos Cenários (PJ363-2021). O objetivo traçado pelos envolvidos passou a ser, então, a extensão dessas práticas a outras escolas de educação básica em Goiás, a partir da implementação de uma rede de experimentação artístico-cultural estudantil, por meio da criação de videoclubes estudantis, sem fins lucrativos, que se configurassem como mais um espaço político-pedagógico de “educação do olhar”, por meio da apreciação, produção, socialização e divulgação de curtas, documentários, animações etc., no ambiente escolar.

Ao se propor uma ação educativa pela via da experimentação artística utilizando uma linguagem cada vez mais acessível à comunidade escolar, a visual e audiovisual, o que se preconiza é que a imagem tem a mesma potência criativa da palavra (escrita e/ou falada), quando esta, também pela via do cinema, se presta a desconstruir estereótipos etnocêntricos e discriminatórios que ajudam a humanidade a enxergar e a reelaborar o mundo, a partir de uma perspectiva decolonial de resistência e superação de padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos minoritários e subalternizados.

Dessa forma, não há por que privilegiar apenas textos escritos e/ou falados como sendo capazes de expor, problematizar e sustentar ideias; afinal, como se poderia fazer jus ao direito inalienável de todo ser humano, com e sem deficiência, de produzir, participar e usufruir do conhecimento, se apenas essas duas formas de manifestação criativa humana fossem aceitas, adotadas e ensinadas na escola? Este é o fato: há sujeitos que não podem se valer exclusivamente da escrita ou da fala para veicularem suas ideias, seus discursos, suas produções científicas etc., e que lançam mão de linguagens visuais, audiovisuais, táteis, de sinais e outras, para dialogar com a sociedade e agir no mundo.

Por isso, também, o conceito de ensino e aprendizagem adotado nessa ação educativa esteve sustentado, sobretudo, no desenvolvimento de experiências criativas, de análise e síntese e de envolvimento dos estudantes em seus contextos específicos. Afinal, tal como sustenta Bondía (2002), na contemporaneidade, a obsessão pela informação, a falta de tempo e o excesso de trabalho impõem certo modo de viver que torna quase impossível constituir experiências, daí a relevância de se pensar e propor alternativas, dentro e fora do ambiente escolar, que invistam em processos de alteridade, que convoquem o sujeito a pensar, colaborar, descobrir, criar e aprender; e, também, a relevância da realização artística visual/ audiovisual como forma de exercitar novas percepções e reações exigidas por aparelhos técnicos cujos papéis crescem cada vez mais na vida cotidiana. Nas palavras de Benjamin (1993), trata-se, pois, de fazer com que os espetaculares aparelhos técnicos de nosso tempo (câmeras, computadores, tablets, celulares etc.) sejam tomados como “meros objetos das inerções humanas”.

Durante o processo, como forma de preparação para a produção final da disciplina – a efetiva criação de um curta-metragem pelos alunos, divididos em grupos –, o cinema e a sua extensa produção artística não comercial foram trazidos e problematizados durante os encontros, não somente como meio de entretenimento e/ou informação, mas de compreensão e apropriação de uma outra linguagem, imagética, que também fala, expressa, denuncia, questiona, provoca e, conseqüentemente, propicia uma compreensão mais adensada do mundo.

Para exemplificar a plausibilidade da criação artística amadora, isto é, fora de contextos exclusivamente profissionais, foram exibidos e comentados alguns curtas produzidos por estudantes de ensino básico, graduação e pós-graduação que se aventuraram a tratar de questões relacionadas à educação em tempo de pandemia de forma lírica, poética, ao estilo proposto por Georges Didi-Huberman em

“Quando as imagens tocam o real” (2012). Neste texto, também apresentado e comentado durante um dos encontros síncronos do grupo, o filósofo, historiador e crítico de arte, professor da *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, chama atenção para o fato de que a arte pode ser tanto o “meio mais seguro de alienar-se do mundo como de penetrar nele”, deixando-nos um convite para a superação do que Benjamin chama de “analfabetismo da imagem”:

Se o que se está olhando só o faz pensar em clichês linguísticos, então, se está diante de um clichê visual, e não diante de uma experiência fotográfica. Se, ao contrário, se está ante uma experiência deste tipo, a legibilidade das imagens não está dada de antemão, posto que privada de seus clichês, de seus costumes: primeiro suporá suspense, a mudez provisória ante um objeto visual que o deixa desconcertado, despossuído de sua capacidade de lhe dar sentido, inclusive para descrevê-lo; logo, imporá a construção desse silêncio em um trabalho de linguagem capaz de operar uma crítica de seus próprios clichês. Uma imagem bem olhada seria, portanto, uma imagem que soube desconcertar, depois renovar nossa linguagem e, portanto, nosso pensamento. (Didi-Huberman, 2012, p. 215-216).

Nesse sentido, foram realizados debates entre os alunos sobre temas relevantes ao entorno da escola, da cidade e do mundo em geral, a fim de que, posteriormente, pudessem eles mesmos protagonizar a produção de materiais visuais e audiovisuais que retratassem o cotidiano com perplexidade e encanto. Para orientar esse diálogo e inspirar o ato criativo, foi apresentada uma entrevista realizada pelo jornalista e idealizador do projeto Sempre um Papo, Afonso Borges, com a escritora Adélia Luzia Prado Freitas, em que ela chama a atenção para “o poder humanizador da poesia”. A íntegra da entrevista pode ser apreciada pelo *link* <https://youtu.be/sisSlTXy6bM>, estando disponível para acesso livre no Youtube.

Fig. 7 - Adélia Prado na Associação Cultural Sempre Um Papo - 2008



Com essa que é consagrada “a voz mais feminina da poesia brasileira”, entendemos que a arte está para o sentimento, para os afetos, para a sensibilidade, e não para a razão, para a inteligência lógica, para “o quê das coisas”. Falar, pois, de experimentação artística, seja pela via do cinema, do desenho, da pintura ou da literatura, não tem a ver com tema, com conteúdo, mas com forma, com o próprio espanto que se tem com a vida, afinal, conclui: “O que alimenta a poesia é o próprio susto com o cotidiano, o assombro que é existir. É muito perturbador viver se existindo” (Prado, 2008). E assim se expressa em um de seus poemas, na obra *Bagagem* (2003), publicada pela primeira vez em 1976:

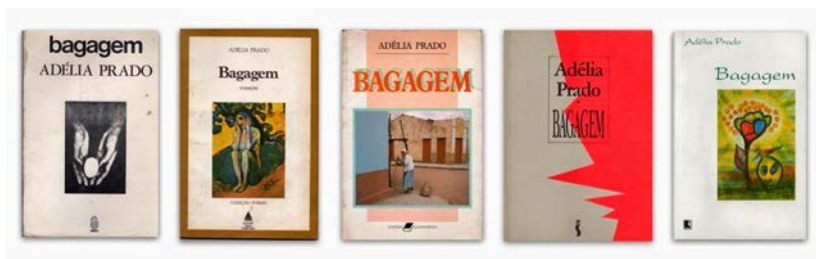
O Retrato

Eu quero a fotografia,
os olhos cheios d'água sob as lentes,
caminhando de terno e gravata,
o braço dado com a filha.

Eu quero a cada vez olhar e dizer:
estava chorando. E chorar.

Eu quero a dor do homem na festa de casamento,
seu passo guardado, quando pensou:
a vida é amarga e doce?

Eu quero o que ele viu e aceitou corajoso,
os olhos cheios d'água sob as lentes.

Fig. 8 - Edições do livro de poesia *Bagagem*, de Adélia Prado

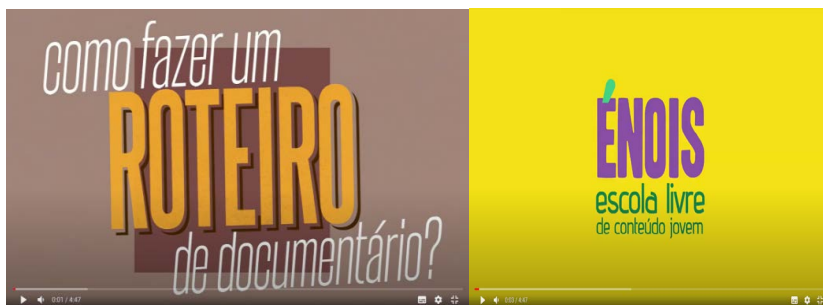
Ainda para subsidiar o processo de criação, também foram realizadas rodas de conversa que pudessem corroborar nossa percepção de que a imagem serve não apenas para ilustrar a aparente obviedade observada, mas que, como linguagem e, portanto, manifestação simbólica, pode se prestar a testemunhar, traduzir, materializar, revelar, bem como transgredir, violar, reelaborar, recriar experiências singulares representativas de utopias universais. Nas palavras de Tania Rivera (2008), assim se concebem as manifestações artísticas estáticas, como a fotografia, e as em movimento, como o cinema: suas imagens podem tão bem tranquilizar nossa alma em um quimérico mundo coeso e coerente (ser imagem-muro), ou lançar-nos à vertigem de uma complexa e caótica realidade (ser imagem-furo):

Temos aí uma dimensão da imagem que não deixa ver as falhas e nos dá a ilusão de um mundo homogêneo e bem-organizado (mesmo quando trata de temas complexos e problemáticos, como a violência, por exemplo). Podemos chamá-la de imagem-muro. Ela é antianalítica, faz-nos esquecer da terrível sentença de Freud de que o eu não é mais senhor em “sua própria casa” — pois o inconsciente nos tira o tapete e denuncia como ilusão o domínio que teríamos de nós mesmos e do mundo. Nessa dimensão, a imagem é tranquilizadora, ela nos recentra, nos faz senhores de nossa própria casa — e de nosso próprio cinema. Ao lado dessa vertente da imagem, porém, perfila-se uma outra que não deixa de estar presente

no cinema, a imagem-furo — agenciamento de imagens que nos põe em questão, problematiza a realidade e pode nos colocar na vertigem, por vezes poética, de um mundo heterogêneo do qual não somos senhores. Brechas entre imagens, espaço irreconhecível, caos pulsante que é a própria vida. Terrível e maravilhoso *aleph*. (Rivera, 2008, p. 8).

Também, foram oferecidas vivências sistêmicas que apresentaram e discutiram conceitos, procedimentos e resultados relacionados aos processos de captação de imagens, de edição e de exibição de mostras visuais e audiovisuais estudantis. Esses exercícios ajudam na percepção de que a construção do roteiro, sua apresentação ao grupo, avaliação e reorganização devem preceder, necessariamente, o ato de produção; que as mostras artísticas visuais e audiovisuais são planejadas tendo como foco central a fruição estética do espectador; e que a seleção dos vídeos/filmes a serem exibidos deve ser feita a partir de uma prévia análise técnica e artística. Enfim, esses debates suscitaram, explicitaram e orientaram sobre questões relativas à produção, às dificuldades de realização, às mensagens subliminares (diretas ou indiretas) e ao exercício de captação, montagem e edição de imagens-furo com vistas à fruição estética. Estes são alguns sites livres de produção audiovisual disponíveis na plataforma *YouTube*, utilizados para pesquisa e estudo do grupo:

Fig. 9 - É nois - Laboratório de Jornalismo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=lafP3i0UBk>

Fig. 10 - TV Escola, Ministério da Educação, Brasil



Fonte: <http://www.matematicauva.org/wp-content/uploads/2017/02/oficina-de-produo-de-vdeos-da-tv-escola.pdf>

Fig. 11 - Andresa Moreno - Professora de Fotografia, Cinema e Artes Visuais - Escola Casa Verde



Fonte: <https://youtu.be/ydSq7pj1ZVU>

Em uma proposta escolar que busca o crescimento acadêmico-cultural dos participantes e privilegia o protagonismo do estudante, todos os envolvidos são convidados a expor suas opiniões, participar das decisões e, à guisa disso, convocados a assumir suas consequências. Logo, também o que se seguiu à conclusão do processo dessa disciplina e dos projetos a ela integrados exigiu responsabilidade e compromisso, tanto dos docentes quanto dos discentes, mestrandos e bolsistas que colaboraram com o seu desenvolvimento. E o que

se poderá notar com as produções audiovisuais que fizeram parte do catálogo da mostra Olhares em Transição, apresentado a seguir (fig. 12) e ao longo deste volume, nos textos que lhes dão visualidades, contendo os *links* que direcionam ao seu acesso livre pelo *Youtube*, todos cumpriram com primazia as suas obrigações: estes atendendo às orientações com dedicação aos estudos e realização de tarefas em casa; e aqueles, formalmente, via diálogo franco e aberto, acompanhando, analisando, provocando, sugerindo e apoiando o processo.

Fig. 12 - Mostra estudantil Olhares em Transição

Enfim, essas produções que se originaram desse auspicioso encontro dão a notícia daquilo que é caro à proposta: o conhecimento, a participação, a colaboração e a elaboração criativa de alunos de ensino fundamental e médio, em parceria com graduandos e pós-graduandos e seus professores. Esse projeto se baseou, pois, na compreensão de que o aprendizado não ocorre em camadas, uma sobre a outra, amalgamadas pelos conteúdos oferecidos a conta-gotas pelas disciplinas, ano após ano escolar, mas que os conhecimentos científicos são fruto da percepção, abstração, análise e reelaboração de aspectos empíricos, concretos, de um mundo real, submetidos a estudos sistemáticos e leituras criteriosas que só podem ser acessados, e quiçá apreendidos, ao custo de muito engajamento pessoal, e não a partir de uma recepção passiva de informação pelo aprendente, comumente transmitida pelo ensinador (Freire, 1995, 1996 e 2013).

Desde então, a organização de videoclubes estudantis em instituições de educação básica vem sendo implementada por esses e outros parceiros, oferecendo à comunidade escolar e de seu entorno a possibilidade de entrar em contato com diferentes cinematografias, narrativas, estéticas e culturas, já que a sua programação se compõe de filmes de arte que, na maioria das vezes, não se encontram disponíveis para exibição em circuitos comerciais locais. Além de servirem como salas de cinema, os videoclubes estudantis são espaços privilegiados para se debater temas sociais importantes da atualidade, além de trazer ao palco questões que representam o cotidiano da comunidade escolar e o seu ponto de vista sobre o mundo.

Congregar estudantes de diferentes idades e realidades sociais em torno de uma proposta que visa ao seu protagonismo no processo criativo, a partir da experiência fílmica, é lançar mão de mais uma ferramenta educativa que oportuniza o exercício do compartilhamento de ideias, da dialogia, da cooperação, da tolerância e do respeito às diferenças, que potencializam o desen-

volvimento do pensamento crítico e suscitam ações concretas de transformação da realidade.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, n. 19, p. 20-28, 2002.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. 2012. Quando as imagens tocam o real. *Pós: Belo Horizonte*, v. 2, n. 4, p. 204-219, 2019.
- DOC TV BRASIL IV. *Oficina para formatação de projetos*. 2006.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro. Record, 2003.
- PRADO, Adélia.. *O poder humanizador da poesia*. Sempre um bom papo, 2008. Entrevista concedida a Afonso Borges. Disponível em: <https://youtu.be/sisS1TXy6bM>. Acesso em: fev. 2022.
- RIVERA, Tania. *Cinema, imagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CONSUMISMO

Antônio Paixão Correia Neto – CEPAE/UFG¹

Isabella Pimentel Sousa – CEPAE/UFG²

Amanda Vieira Prado – CEPAE/UFG³

Fig. 1 - Frame do curta *Consumismo*



Considera-se consumismo o hábito/ação de consumir em excesso produtos/bens e até mesmo serviços. A princípio, esse cenário poderia não indicar um transtorno ou problemas cujas consequên-

1 Estudante do 2º ano do Ensino Médio – Cepae/UFG. E-mail: antoniopaixaocorreia2@gmail.com

2 Estudante do 2º ano do Ensino Médio – Cepae/UFG. E-mail: isabellapsousa04@gmail.com

3 Graduanda em Engenharia Física e Bolsista PIBIC/UFG. E-mail: amandaprado@discente.ufg.br

cias afetariam alguém além do indivíduo que consome exacerbadamente. Entretanto, o mundo vive hoje uma situação caótica quando se trata do lixo que produzimos diariamente, e, por conta disso, perdem-se muitos recursos e muitos danos são causados ao meio ambiente. Como o consumismo corrobora essa situação? É simples: quanto mais se consome, mais se descarta e mais lixo é gerado!

O tema mencionado é pertinente para nós, estudantes, já há algum tempo. Enquanto realizávamos as muitas pesquisas para o curta-metragem que produzimos, descobrimos um mundo capitalista que vai além do que imaginávamos e o *frame*/cena acima (fig. 1) resume, especificamente, todo o cenário do mundo atual quando se trata do assunto. A faixa onde se lê “Consumismo excessivo esconde problemas emocionais, segundo psicóloga” nos leva a levantar as muitas causas desse sério problema em nossa sociedade.

A figura 1, onde a descrição aparece tapando os olhos da mulher, foi colocada com o objetivo de ilustrar o quanto estamos cegos e nos escondendo atrás do consumo. O globo que se encontra dentro da sacola nos faz refletir sobre como temos visto o nosso planeta, um globo que podemos extrair e vender desenfreadamente, sem pensar nos impactos ambientais, mas apenas no retorno financeiro.

Fig. 2 - Frame do curta *Consumismo*

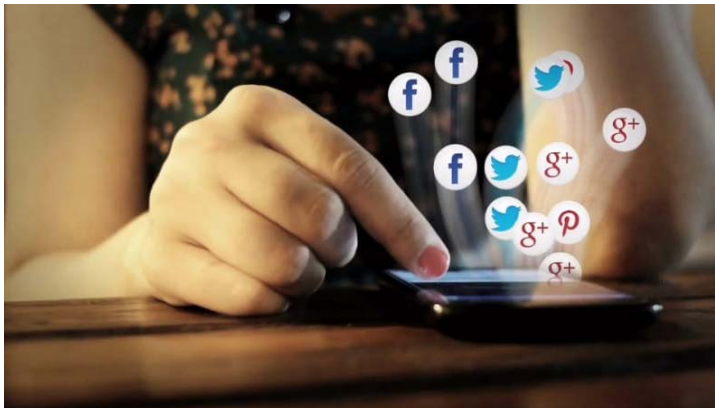


No curta, temos o intuito de fazer nosso telespectador ver o quanto as mídias influenciam o consumismo excessivo. Expusemos um caso em que a ex-funcionária da mundialmente famosa rede social *Facebook* denuncia a empresa e alega que os impactos psicológicos e vícios não são levados em consideração pela equipe de marketing. “O *Facebook* paga seus lucros com nossa segurança”, diz Frances Haugen.

Entre os grandes objetivos que elencamos com o curta-metragem que, cuidadosamente, produzimos, está alertar e informar aqueles que muitas vezes não entendem a dimensão do alcance das mídias sociais e a influência que exercem quando se trata do mundo do consumo.

Quando se vê uma produção audiovisual pronta, pouco se vê ou se sabe sobre o processo pelo qual seus autores passaram até entregarem algo que, por trás das câmeras, levou muito tempo e cobrou dedicação para que pudesse chegar a ser finalizado. Esse processo não foi diferente para nós.

Fig. 3 - *Frame* do curta *Consumismo*



Buscamos, por meio do curta, mostrar que o consumismo está totalmente atrelado às mídias sociais, pois o indivíduo é constantemente induzido e bombardeado por propagandas de produtos den-

tro das redes que utiliza o dia todo. Durante o processo de produção, observamos que as próprias redes sociais nos levam a ter problemas emocionais, o que acreditamos poder se tornar algo extremamente perigoso aos próprios usuários.

Fig. 4 - Frame do curta *Consumismo*



Além de retratar o consumismo atualmente e como a sociedade em geral lida com ele, as pesquisas feitas para o curta também tiveram enfoque na história do consumismo. Pudemos verificar que, desde a Idade Média, já existia consumismo, e que grande parte da realeza já tinha o hábito de consumir artigos de luxo apenas para se diferenciar das outras camadas de sua sociedade. Isso mostra que o consumismo não é «produto» dos dias atuais, e sim algo que se intensificou no capitalismo moderno.

Ter tido a oportunidade, por meio da disciplina eletiva Videoclubismo CEPAE em Cena, de realizar uma produção audiovisual tratando de algo que tanto nos interessa e incomoda, aproveitando ainda a oportunidade de alcançar pessoas e conscientizá-las de alguma forma acerca do tema, foi uma experiência muito valiosa para nós.

Link para o curta-metragem:

https://www.youtube.com/watch?v=nYs9_suirrM&feature=youtu.be

CRÉDITOS

Direção

Antônio Correia

Isabella Pimentel

Narração

Antônio Correia

Isabella Pimentel

Roteiro

Antônio Correia

Isabella Pimentel

Edição

Isabella Pimentel

Entrevistados

Camilla Parrode

Pesquisas

Associaçaopaulistamedicina.org.br

Caleidoscópio.blog.br

Muitocurioso.org

Media.gettyimages.com

Dicas.vestibulares.com.br

Jornaldafranca.com.br

Veja.abril.com.br

Extra.globo.com

G1.globo.com
Lincoln.com.br
Financasfemininas.com.br
Sohistoria.com.br

Disciplina eletiva

Videoclube Cepae em Cena: produção e mostra audiovisual estudantil

Parcerias

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata
Escola Aldeia
Escola Casa Verde
Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira
Universidade Federal de Goiás
Goiânia/Goiás
2021/1

ESTUDANTES NA PANDEMIA

Bruno Vieira dos Santos - CEPAE/UFG¹

Elisa Sousa Borges - CEPAE/UFG²

João Gabriel Bernardo - CEPAE/UFG³

Mariusas Alves Sartin - CEPAE/UFG⁴

A disciplina Videoclube CEPAE em Cena: produção audiovisual estudantil nos trouxe a oportunidade de, juntos, externarmos pensamentos, percepções da realidade, sonhos e preocupações. De forma lúdica, criativa e com criticidade, trouxemos para o centro do palco, através de uma linguagem fílmica, questões sociais e de saúde que afligem a comunidade estudantil no ano de 2020. Durante a criação do curta-metragem – estilo fílmico contemporâneo que caiu no gosto do público de todas as idades –, foi construído um enredo, narração, imagens e sons, com arte e poesia, por meio de animação.

Tudo começou com o convite por mim aceito, como mestrandas, para acompanhar um grupo de três alunos secundaristas do CEPAE como monitora na criação, edição e exibição de uma produção audiovisual estudantil. Iniciei nosso trabalho perguntando sobre quais os possíveis temas que poderiam nortear nossa produção. Após algumas sugestões, decidimos abordar as dificuldades psico-

1 Estudante do 2º ano do Ensino Médio – Cepae/UFG. E-mail: brunovieiradossantos16@gmail.com

2 Estudante do 2º ano do Ensino Médio – Cepae/UFG. E-mail: elisasousabp@gmail.com

3 Estudante do 2º ano do Ensino Médio – Cepae/UFG. E-mail: joaogabrielbernados@gmail.com

4 Mestranda em Ensino na Educação Básica – PPGEEB/CEPAE/UFG. E-mail: mariusasartin@gmail.com

lógicas enfrentadas por alunos e professores em decorrência da pandemia de COVID-19, momento em que todos ficaram reclusos em suas casas, estudando e trabalhando, entrelaçados à rotina familiar, enquanto borbulhavam notícias de morte, doença e tristeza por todo o planeta.

A teia tem início com um marcador temporal. Na contemporaneidade, mais do que em tempos remotos, utilizamos nosso tempo de forma intensa, construindo história e fazendo seu registro, agora não mais nas pedras, mas com recursos bastante diversificados.

Fig. 1 - Frame do curta *Estudantes na pandemia*



Com o famoso “corte na produção”, afunilamos para as análises feitas a partir do contexto social dos alunos. Antes de dar vida ao vídeo, os três alunos do primeiro ano do ensino médio fizeram algumas entrevistas informais com colegas, dentro e fora do ambiente escolar, sobre a temática abordada na produção fílmica. A princípio, era uma tarefa fácil. Falávamos com propriedade das consequências do isolamento social que vivíamos naquele momento, da falta de sentir o perfume da(o) professora(o), do ambiente barulhento da escola.

Fig. 2 - Frame do curta *Estudantes na pandemia*

Ah! Como tudo isso nos fazia falta! Uma falta que chegava a afetar o psicológico não só dos alunos, mas de todas as pessoas.

Já era primavera! O CEPAE florescia. Floresciam também as ideias de como transmitir para os espectadores o que sentíamos e pensávamos sobre nossa nova realidade, por meio de visualidades. Esse era um período do ano de muita beleza natural, mas, nesse ano em particular, até as flores choravam pela dor que se alastrava como erva daninha. Foram selecionadas imagens animadas, feita seleção cuidadosa de cores e de tom de voz a narrar o roteiro, e escolhido som apropriado para dar conta de compor uma representação fílmica das dificuldades vividas pelos alunos no chamado novo normal. Na certeza de que não daríamos conta de retratar toda a realidade, trazíamos apenas um recorte como representação de um todo.

Em nossas leituras durante o curso da disciplina, aprendemos com Didi-Huberman (1998) que as imagens tocam o real; podemos sentir fortes emoções através da apreciação das imagens, móveis ou estáticas. A seleção das imagens para a produção do curta *Estudantes na pandemia* buscou retratar o sofrimento vivido pelos alunos.

Fig. 3 - Frame do curta *Estudantes na pandemia*



Retratamos a dificuldade de administrar atividades escolares e familiares no mesmo espaço físico; a falta de equipamentos e acesso à rede de transmissão; e o distanciamento do ambiente escolar, tido por alguns alunos como espaço terapêutico e de entretenimento.

Fig. 4 - Frame do curta *Estudantes na pandemia*



Eram imagens que falavam; falavam sobre a saúde mental dos educandos, ou a falta dela; imagens que encobriam realidades e lembranças que desejávamos apagar de nossa mente, assim como nos

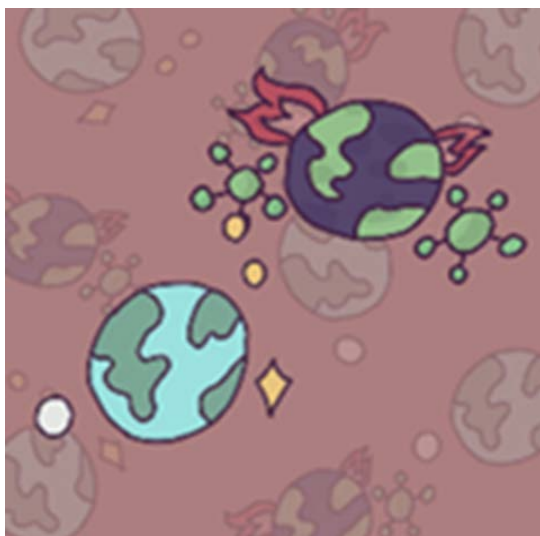
diz Freud (1899) em “Lembranças encobridoras”, quando fala da importância psíquica de um evento e sua retenção na memória. A realidade trazida à tona pelo curta aponta as marcas deixadas na saúde mental de toda a população, aqui, em especial, a dos estudantes.

A saúde mental é como uma pessoa harmoniza seus desejos, capacidades, ambições, ideias e emoções, ou seja, é a forma como reagimos às situações da vida. Para alguns alunos, essa harmonia se tornou um peso, chegando a surgir problemas psicológicos, como insônia, irritabilidade, crise de ansiedade e, até mesmo, depressão (considerado um dos problemas mais sérios).

Fig. 5 - Frame do curta *Estudantes na pandemia*



Alunos do ensino médio se encontram em uma etapa do desenvolvimento humano de grande alegria e esperança, que, neste momento pandêmico, foi represada pelas circunstâncias. O curta traz provocações para o público sobre como eles estão enfrentando suas dificuldades durante o ensino remoto: se a saúde mental deles tem interferido em seu desempenho escolar, se eles estão ocupando sua mente com coisas produtivas e se a esperança continua a mover sua natureza humana.

Fig. 6 - Frame do curta *Estudantes na pandemia*

Os questionamentos lançados aos espectadores foram embaçados na voz de Paulo Freire (2019, p. 70), quando nos esclarece que a “desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto”. Há de se lançar mão da arte para falar de esperança e desesperança, saúde e pandemia. A arte foi representada intencionalmente aqui por linguagem imagética móvel, estática, poética e musical, como elementos que compõem e conferem ao homem sua humanidade.

O autor Freire (2019) foi um forte pilar para a construção das narrativas produzidas nessa disciplina. Apoiamos-nos em suas sábias palavras para compreender melhor a realidade que permeia a vida de docentes e discentes no momento pandêmico que procuramos retratar no curta. Por meio de suas palavras, nos ajudou a compreender que os fatos sociais devem impactar o fazer pedagógico, estar diretamente relacionados ao ato de ensinar e aprender. Assim, devemos trazer para a escola os dilemas sociais como objeto de estudo, uma vez que os acontecimentos socioeconômicos e cul-

turais devem ser considerados como oportunidades de informação e formação do aluno, respeitando as especificidades de cada sujeito na construção da sua relação com o outro e com sua aprendizagem, seja de conteúdos didáticos estruturados pela escola, seja pelos conteúdos sociais que tanto nos interessam, repletos de subjetividade, representatividade e poder.

O aluno João elegeu a imagem a seguir (fig. 7) como representante da ideia central da produção cinematográfica realizada. Para ele, esta imagem representa bem um dos pontos-chave abordados durante a pesquisa e produção acerca da saúde mental dos estudantes. Segundo ele, nossa mente, assim como uma engrenagem, deve funcionar de forma correta e saudável, para o nosso equilíbrio. É, também, através da estabilidade mental que podemos garantir bom desempenho nos estudos.

Fig. 7 - Frame do curta *Estudantes na pandemia*



Já para o aluno Bruno, a imagem abaixo é a que melhor retrata o curta-metragem (fig. 8). Ela nos dá a ideia de que o ambiente escolar foi forçado a se adaptar dentro de nossas casas, com aulas a distância através de computadores, celulares e notebook, utilizando plataformas digitais que mais se aproximam do

ambiente de sala de aula, ainda que distantes, frias e com interatividade bastante limitada.

Fig. 8 - Frame do curta *Estudantes na pandemia*



Link para o curta-metragem:

<https://youtu.be/NwgXvDuvilk>

CRÉDITOS

Direção

Bruno Vieira dos Santos

Elisa Sousa Borges Pohlmann

João Gabriel Bernardo Saran

Mariusas Alves Sartin

Roteiro

Bruno Vieira dos Santos

Elisa Sousa Borges Pohlmann

João Gabriel Bernardo Saran

Mariusas Alves Sartin

Imagens

João Gabriel Bernardo Saran

Trilha Sonora

Undertabe fallen down

Edição

Bruno Vieira dos Santos

Animação

João Gabriel Bernardo Saran

Narração

Elisa Sousa Borges Pohlmann

Agradecimentos

Às nossas queridas professoras, Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita e Dra. Maria Alice Carvalho, pela oportunidade de aprender a ver, olhar e sentir. A todos os nossos colegas docentes e discentes da Escola Aldeia, Escola Casa Verde e Escola Municipal Jalles Machado, pela partilha de saberes durante a disciplina.

Projeto de extensão

A Vida em Transição: diferentes olhares

Olhares Singulares Sob(re) Novos Cenários

Videoclubismo Estudantil: escolas de educação básica em cena

Pesquisa Imagem da Vida em Transição

Disciplina eletiva

Videoclube Cepae em Cena: produção e mostra audiovisual estudantil

Parceria

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata

Escola Aldeia

Escola Casa Verde
Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira
Universidade Federal de Goiás
Goiânia/Goiás
2021/1

Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as Imagens Tocam o Real*. In: <https://rebeldesistemico.files.wordpress.com> . Acesso em: 12 dez. 2020.

DOC TV BRASIL IV. *Oficina para formatação de projetos*. 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREUD, Sigmund. Lembranças Encobridoras (1899). In: FREUD, Sigmund. *Primeiras Publicações Psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. III, p. 333-358, Edição Standard Brasileira. (PDF)

TV ESCOLA. *Oficina de Produção de Vídeos*. Disponível em:<http://www.matematicauva.org/wp-content/uploads/2017/02/oficina-de-produdo-de-vdeos-da-tv-escola.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2022.

EVOLUÇÃO GRÁFICA DOS GAMES

João Gabriel Montalvão de Freitas – Cepae/UFG¹

Ultimamente, é notória a melhoria gráfica de jogos eletrônicos e, com isso, o aumento no número de jogadores que se apresentam cada vez mais realísticos. Mas, qual a razão para essas melhorias e por que a proximidade com a realidade é cada vez mais cobiçada? O curta *Evolução gráfica dos games* é o resultado de uma investigação preliminar sobre essas questões, que têm como objetivo final meu Trabalho de Conclusão de Ensino Médio (TCEM) sobre as melhorias e *upgrades* em processamento gráfico em jogos online.

Fig. 1 - Jornal da Cultura – 14 fev. 2022



O que motiva meu interesse por esse tema é o fato de que, segundo dados divulgados pelo Jornal da Cultura em 14 de fevereiro de

¹ Estudante do 2º ano do Ensino Médio - Cepae/UFG. E-mail: joao.gabriel.montalvao@gmail.com

2022, as empresas brasileiras que produzem *games* são reconhecidas internacionalmente por sua enorme criatividade e vêm investindo cada vez mais nesse quesito. Só em 2021, foram U\$ 53 milhões. Há, portanto, também um interesse financeiro em minha investigação, pois eu gostaria de fazer parte desse mercado.

Fig. 2 - Jornal da Cultura – 14/02/2022



Outro dado interessante divulgado na mesma matéria jornalística é que a maciça maioria desses produtos utiliza celulares, ou seja, para acessar esses modernos *games*, os jogadores não dependem de computadores potentes ou outros tipos de aparelhos eletrônicos especialmente construídos para esse entretenimento.

Fig. 3 - Jornal da Cultura – 14/02/2022



Para o desenvolvimento de meu TCEM, entrevistei um grupo de amigos que são criadores de jogos e que atuam fora do âmbito empresarial. Para eles, tudo começou pelo interesse em ser jogador amador, apenas. Foi uma forma que encontraram, assim como eu, para passar o tempo ocioso durante o período de distanciamento social na pandemia da Covid-19. E isso não aconteceu apenas no Brasil, já que muitas pessoas do mundo inteiro passaram a buscar o que fazer virtualmente e acabaram achando como solução os inúmeros jogos eletrônicos brasileiros, também disponíveis no exterior, via internet.

Fig. 4 - Jornal da Cultura - 14/02/2022



Mas não foi apenas o ócio que provocou esse enorme sucesso no consumo de jogos eletrônicos. A qualidade desses jogos é uma das mais importantes razões para a migração de pessoas para os jogos virtuais. Muitos gostam de jogar devido à grande similaridade do jogo com o mundo real. As imagens a seguir, *frames* do curta que realizei, podem exemplificar essas mudanças e suas características.

1. Aumento da realidade nas musculaturas e faces

Fig. 5 - *Fifa E-sports*



Fig. 6 - *Fifa E-sports*



2. Novos modos, eventos e skins

Fig. 7 - Call of Duty Mobile



Fig. 8 - Call of Duty Mobile



Fig. 9 - Call of Duty Mobile

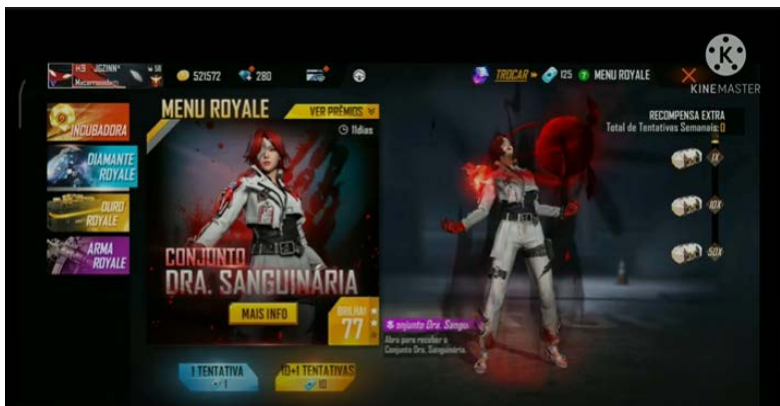


3. Novos eventos, skins e correções

Fig. 10 - Garena Free Fire



Fig. 11 - Garena Free Fire



Para a realização do curta, cujo [link](#) segue abaixo, utilizei imagens e vídeos postados pelas criadoras em sites especializados em três jogos. A partir de minha experiência como jogador, expliquei um pouco dos motivos pelos quais as empresas investem cada vez mais em melhorias gráficas, quais consequências podem ser originadas dessas melhorias, além de apresentar algumas atualizações rotineiras e suas principais mudanças nos eventos trazidos pelas criadoras.

Link para o curta-metragem:

<https://youtu.be/PTZNbLGLdgs>

CRÉDITOS

Direção

João Gabriel Montalvão de Freitas

Roteiro

João Gabriel Montalvão de Freitas

Imagens

<https://youtu.be/crIVOEt9lg>

<https://youtu.be/thJKuq1-UlA>

<https://youtu.be/N0SIdx22sVA>

<https://youtu.be/sSUx54kmUD8>

<https://images.app.goo.gl/xmmHDV93QKpZswG7>

<https://images.app.goo.gl/s7TK4FXkRuwUmYEV6>

<https://ge.globo.com/esports/fifa/noticia/fifa-21-graficos-no-ps5-e-xbox-series-x-agradam-comunidade-veja-imagens.ghtml>

<https://theclutch.com.br/wp-content/uploads/2021/09/cod-mobile-operadores-1024x797.jpg>

[https://s2.glbimg.com/DVfA2JCtExoD5yz3Zk0psLUN5UE=/0x0:3840x2160/1008x0/smart/filters:strip_icc\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_bc8228b6673f488aa253bbcb03c80ec5/internal_photos/bs/2020/3/l/Q7EPAPQYq8tB3jL7uDWQ/mbappe-fifa-21-next-gen.jpeg](https://s2.glbimg.com/DVfA2JCtExoD5yz3Zk0psLUN5UE=/0x0:3840x2160/1008x0/smart/filters:strip_icc()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_bc8228b6673f488aa253bbcb03c80ec5/internal_photos/bs/2020/3/l/Q7EPAPQYq8tB3jL7uDWQ/mbappe-fifa-21-next-gen.jpeg)

[https://s2.glbimg.com/3QoTIJi3xu75sJZP7jSTqIZR0vA=/0x0:1920x1080/984x0/smart/filters:strip_icc\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_08fbf48bc0524877943fe86e43087e7a/internal_photos/bs/2018/v/b/Ec7YE2TKysnedwBjAILw/mapa.jpg](https://s2.glbimg.com/3QoTIJi3xu75sJZP7jSTqIZR0vA=/0x0:1920x1080/984x0/smart/filters:strip_icc()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_08fbf48bc0524877943fe86e43087e7a/internal_photos/bs/2018/v/b/Ec7YE2TKysnedwBjAILw/mapa.jpg)

<https://images.app.goo.gl/5wXPAoYwLFPY6uvn6>

Edição

João Gabriel Montalvão de Freitas

Trilha Sonora

FIFA 21

Sons Free Fire

Encerramento

Looney Tunes

Projeto de extensão

A Vida em Transição: diferentes olhares

Olhares Singulares Sob(re) Novos Cenários

Videoclubismo Estudantil: escolas de educação básica em cena

Pesquisa Imagem da Vida em Transição

Disciplina eletiva

Video clube Cepae em Cena: produção e mostra audiovisual estudantil

Parceria

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata

Escola Aldeia

Escola Casa Verde

Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2021/1

NOSSA MENTE

Laura Fernanda Gomes Barbosa -
Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira¹

Marcos Vinicius Sousa Rodrigues -
Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira²

Patrícia Maria Jesus da Silva -
Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira³

O curta-metragem *Nossa Mente* estreia com uma música triste e mostra na tela a imagem da escuridão, que, intercalada às vozes dos narradores, revela o percurso de reflexão sobre transtornos mentais durante a pandemia. Logo de início, nota-se a seriedade e a sensibilidade com que é desenvolvido o enredo do filme: apresentar a saúde mental/emocional de quatro personagens de diferentes faixas etárias (terceira idade, fase adulta e adolescência).

Essa produção audiovisual foi elaborada com base nos estudos, discussões e orientações que aconteceram nas aulas da disciplina eletiva Videoclube Cepae em Cena: produção e mostra audiovisual estudantil, oferecida pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).⁴ Nesse espaço disponibilizado pela univer-

1 Estudante do 9º ano na Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira. Bolsista de Iniciação Científica /UFG. E-mail: patriciaescola.16@gmail.com

2 Estudante do 9º ano na Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira. E-mail: patriciaescola.16@gmail.com

3 Mestra em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/CEPAE/UFG). Professora de História na Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira para o Ensino Fundamental – anos finais. E-mail: patriciaescola.16@gmail.com

4 Coordenados pelas profas Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita e Dra. Maria Alice Carvalho de Sousa

sidade à comunidade escolar, fomos norteados pelo diálogo e reconhecimento das nossas potencialidades. Éramos instigados a pensar e a criar para o encantamento, pois, “a força comovedora da arte nos faz ‘abrir’ os olhos”, assim explica Adélia Prado em entrevista concedida ao canal do *Youtube* Sempre um Papo. Ela conclui ainda que “a arte/poesia não é didática e não é catequética, é expressão pura” (Prado, 2008).

Imbuídos por esse conselho, procuramos enxergar por novos ângulos o tema proposto. O curta-metragem produzido por dois estudantes⁵ do 8º ano e por uma professora de História vinculados à Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira trouxe à tona um assunto que é visto como tabu pela sociedade e pretendeu dar voz às pessoas que se sentem fragilizadas emocionalmente, seja pelo excesso de atividades endereçadas a elas ou pela solidão sentida por aqueles que são da terceira idade ou adolescentes.

O *tema gerador* não está isolado da realidade e só pode ser compreendido nas relações do ser humano com o mundo, segundo a proposta freiriana para a educação. Pelas ideias do autor, a investigação deve se relacionar com as experiências vivenciadas pelos estudantes, de modo que “investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis” (Freire, 2018, p. 136).

Em sintonia com esse pensamento, o enredo foi constituído a partir da fala dos participantes sobre suas questões e emoções – ansiedade e depressão. A composição da narrativa traz trechos de imagens em movimento de pessoas que apresentam diferentes ideias e opiniões sobre o que vivenciaram em seus lares durante o período de pandemia, mostrando um pouco dos seus medos e as tentativas para aliviar essas emoções, de modo que tais vulnerabilidades não se ampliassem. Afinal, para quem pedir ajuda em um país que mal conseguia oferecer suporte para os profissionais da

5 O aluno Gabriel Nunes foi convidado para participar do projeto e colaborou na elaboração do roteiro do filme.

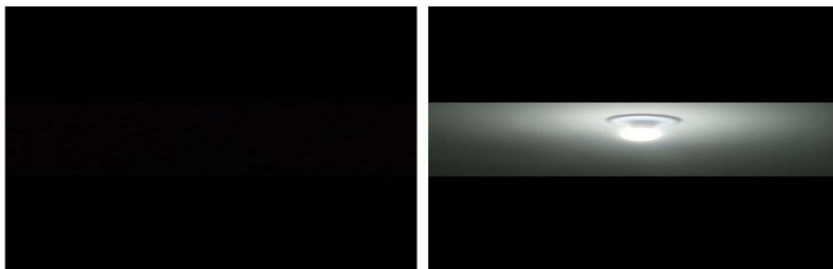
área da saúde que atuavam na linha de frente? Como as pessoas mais vulneráveis socialmente poderiam receber um tratamento emocional quando o Estado não conseguia manter e ampliar os leitos de UTI para internações?

Os entrevistados são moradores da Região Metropolitana de Goiânia – Goiás – Brasil. No entanto, as queixas que foram apresentadas por eles fazem parte da realidade nacional. Segundo dados de uma pesquisa feita pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e publicada no site Agência Brasil, nos meses de maio, junho e julho de 2020, 80% dos brasileiros tornaram-se mais ansiosos, sendo que essas pessoas eram, em sua maioria, mulheres, jovens, indivíduos com menor renda ou escolaridade, ou ainda indivíduos com histórico prévio da doença. Para os pesquisadores, tal realidade tem relação com questões socioeconômicas, como baixa renda e menor escolaridade. Eles defendem ainda que o impacto na saúde mental deve ser tratado como crise de saúde pública.

A arte de compor as cenas

Para o processo de compor essa obra cinematográfica e mostrar o que aconteceu com a mente dos jovens, adultos e idosos durante o período de distanciamento, o curta *Nossa mente* quis trazer ao espectador as questões emocionais dos personagens, levando as pessoas a, talvez, se identificarem e perceberem, pelas falas, a necessidade de olhar para depressão e ansiedade sem julgamentos, refletindo sobre as causas desse adoecimento em massa.

Na primeira parte do filme, elaboramos cenas como a escuridão, para representar a solidão e a tristeza do luto enquanto momentos mais difíceis, em que pensamos que estávamos sozinhos (fig. 1).

Fig. 1 - Cenas do curta-metragem *Nossa Mente*, 2022

Contrastando com essa tela escura que aparece diversas vezes no filme, é apresentada, no final do vídeo, a imagem da luz/lâmpada como símbolo de novas oportunidades – bem no estilo de *a luz no fim do túnel* –, mostrando que não estamos sozinhos e que podemos ser felizes, pois nunca é tarde para recomeçar, para sermos seres humanos melhores conosco, para as outras pessoas e para o planeta, e, ainda, para cobrarmos dos governantes ações que promovam a qualidade de vida dos brasileiros.

Nas cenas seguintes (fig. 2), aparecem os personagens que dão movimento à narrativa com imagens que marcam o ambiente familiar e seus cotidianos. Chamou-nos a atenção a abertura dos participantes para falar diante das câmeras sobre um tema complexo de se expor.

Fig. 2 - Cenas de entrevistas com personagens do curta-metragem *Nossa Mente*, 2022



Na primeira entrevista, fomos trazidos para a mente dos idosos, que já passavam boa parte do tempo sozinhos e, na maioria das vezes, recebiam visitas apenas nos almoços de família aos domingos. Com o isolamento social, devido à necessidade de protegê-los para que não contraíssem o vírus e por serem de grupo de risco, tiveram que passar mais tempo ainda sozinhos.

As imagens apresentadas não pretendiam trazer o real, mesmo que o estejamos mencionando o tempo todo, pois não eram simples cortes ou enquadramentos de espectros visuais da vida das pessoas que foram filmadas. Mas, almejávamos levar os leitores/

espectadores a tocar o real pela impressão, rastro ou traço visual, naquilo que pode afetar cada um (Didi-Huberman, 2016).

É importante ressaltar que as entrevistas foram gravadas ao estilo de um documentário, o que pode ser notado na entonação e oralização das perguntas direcionadas pelos narradores. Apesar de os participantes responderem de modo direto às questões, eles o fizeram de maneira franca em questionamentos sobre como se sentiam quando tinham depressão e após os acontecimentos recentes (pandemia), ou, ainda, sobre como lidaram com a quarentena.

Logo de início, a senhora Raimunda Maria, de 68 anos, é apresentada sob um ângulo que a mostra sentada à mesa (fig. 3). Por trás dela, compõe o cenário uma cozinha organizada, com xícaras e utensílios domésticos, panos e forros decorativos, armários, panelas, potes e fogão. Ela inicia sua fala dizendo: “Eu sentia uma pessoa inútil. Eu não tinha ânimo para fazer nada” (*sic*). O verbo enunciado no passado nos leva a pensar que ela não se considera mais uma pessoa depressiva, mas que já passou por isso e luta para não retornar a esse estado. Ela finaliza sua reflexão sobre o transtorno dizendo que “depressão é uma coisa que ela não é doença, você sabe. Uma coisa que você põe na cabeça e se você não ficar firme, ela te leva” (*Nossa Mente*, 2022).

Na segunda entrevista, fomos guiados para a cabeça dos adultos. Queríamos representar que, em suas mentes, tudo se tornou uma bagunça com a chegada da quarentena, deixando-os ansiosos, desesperados de preocupação com seu futuro e o de seus filhos. A participante Karollyne Melo, de 25 anos, assim como a senhora Raimunda, foi entrevistada em sua cozinha e as gravações ora mostram-na sentada à mesa, ora capturam os movimentos das crianças Geovanna e Enzo pela casa, além de seu próprio movimento durante os afazeres domésticos (fig. 3). Ao ser perguntada sobre como se sentia em relação à ansiedade, respondeu: “eu sinto medo, agonia, fico estressada [...] eu oro e peço a Deus para tirar essas crises de

ansiedade de mim, eu sinto sufocada. Tem dia que estou bem, tem dia que não estou”. E finaliza afirmando que sentiu medo durante o período de pandemia.

Para compor a terceira entrevista, apresentamos os jovens, que perceberam um grande tédio em seu dia a dia quando tiveram que ficar “presos” dentro de casa e de sua própria mente: “e logo a gente que gosta de se aventurar, ficamos totalmente perdidos!” (fig. 3).

Em ambientes diferentes das primeiras personagens, os adolescentes Maria Fernanda, de 12 anos, e Luís Eduardo, de 11 anos, aparecem em suas salas de estar. Maria Fernanda reflete que “no começo foi muito chato e até hoje também está sendo muito chato [...] para me distrair fiz *Tik Tok*, assisti *Tik Tok*, assisti filme e é isso”. Para a mesma pergunta, Luiz Eduardo disse: “fiquei ansioso e também fiquei sozinho por causa que minha mãe ia para o serviço” (*sic*) (*Nossa Mente*, 2022).

Em nosso país, nem sempre as pessoas conseguem falar abertamente sobre seus transtornos mentais e emocionais, em específico a depressão e a ansiedade, que são os focos de nosso filme. Esse fato se dá porque tais transtornos são desqualificados e tratados com desconfiança e julgamentos, o que estimula o silenciamento por parte de quem sofre ou faz essas pessoas acreditarem que esse seja um problema apenas delas. Ao escutarmos as percepções dos entrevistados a respeito do assunto, ficamos surpresos, pois, mesmo envergonhados em falar, eles se disponibilizaram a compartilhar com outras pessoas suas reações emocionais e a realidade em seus lares, como aparece nos cortes de cena na figura 3.

Fig. 3 - Cenas do cotidiano dos personagens, *Nossa Mente*, 2022

“Agora com o fim da pandemia voltamos com a minha vida normal, encontrando com minhas amigas e colocamos as fofocas em dia. Não é maravilhoso? Obrigada, Senhor, por tudo isso”. Essa fala da senhora Raimunda finaliza as entrevistas e, em sequência, aparecem imagens do cotidiano dos personagens e de como eles fizeram para se sentir melhor e aliviar um pouco as tensões. Assim, no desfecho se desenrola o movimento de virada do enredo, transformando a expressão dos personagens, que, até o momento, se apresentavam tristes/sérios, e transitando para as cenas que são embaladas ao som de uma música contagiante, com crianças que, de modo genuíno, mandam beijo para quem assiste, além da presença de animais domésticos, considerados essenciais pelos participantes do filme para a distração durante a pandemia. Escolhemos duas imagens (fig. 4) para mostrar o significado da felicidade, alegria, carinho e amor que os animais podem trazer para os personagens da obra, ajudando-os a superar as dificuldades da vida.

Fig. 4 - Animais de estimação dos entrevistados, *Nossa Mente*, 2022

Para o exercício de leitura cinematográfica, o filme foi apresentado aos alunos que estudam na instituição a que estamos vinculados neste ano de 2022 e foi solicitado pela professora orientadora do trabalho que eles expusessem suas percepções como espectadores, as quais compartilhamos e consideramos importantes para avaliar como nossa produção impactou os leitores que se disponibilizaram a refletir sobre o tema:

Produzido em vídeo filmagem, o curta tem algo único e especial, os minutos finais de puro alvoroço representam como a vida é bela e está nos detalhes, concluindo assim o projeto em que a mensagem é clara e singela: depressão e ansiedade têm tratamento e cuidados. (Trecho do texto de M.G., 2022).

Nesses tempos por causa de medos e inseguras os casos de pessoas com ansiedade aumentaram muito, principalmente em adolescentes e adultos. Nós deveríamos pensar sobre isso e falar mais sobre esse assunto, por que esses casos não acontecem só com adultos e adolescentes e sim também em crianças. É muito triste ver uma criança sendo diagnosticada com depressão [...]deveria ter palestras nas escolas falando sobre isso. (Trecho do texto de M.P., 2022).

A pandemia afetou muita gente, e muitas delas tiveram problemas como a ansiedade e a depressão. Muita gente teve dificuldade de ser adaptar com as aulas online. A pandemia levou pessoas queridas. Nos impediu de sair de casa, abraçar pessoas. Teve a crise financeira e problemas familiares, muitas crianças com depressão e ansiedade. [...] amigos que tiveram que se mudar da sua cidade para outra cidade por causa da dificuldade financeira e teve aqueles

que precisaram se adaptar com sua rotina de trabalho. (Trecho do texto de P.V., 2022).

Percebemos, nessas falas, que a compreensão do leitor transcende o que está posto nas imagens, como bem expõe Didi-Huberman (2016, p. 208): “Assim, podemos propor esta hipótese de que **a imagem arde em seu contato com o real**. Inflama-se e nos consome por sua vez” (grifo nosso). Em outras palavras, diz de como as visualidades podem nos marcar a cada experiência com a imagem.

Considerações finais

A ação de produzir e montar as imagens em movimento permitiu-nos o exercício de leitura de mundo, e, ao nos assumirmos como seres sociais e históricos, percebemos que tais leituras estão intrinsecamente ligadas à leitura da palavra, uma vez que o trabalho de produção fílmica nos convocou a investigar nossas questões, a pesquisar, a transformar em textos escritos as nossas ideias/premissas, e a elaborar roteiros a partir de hipóteses, de modo a pensarmos na composição das cenas por meio de imagens. Assim, o resultado provavelmente causou uma transformação, ao menos em nós mesmos.

Conforme os dizeres de M.P. (2022), “nós deveríamos pensar sobre isso e falar mais sobre esse assunto, porque esses casos não acontecem só com adultos e adolescentes e sim também em crianças [...] deveria ter palestras nas escolas falando sobre isso”. Ou, ainda, conforme a fala de P.V. (2022), “a pandemia levou pessoas queridas. Nos impediu de sair de casa, abraçar pessoas. Teve a crise financeira e problemas familiares, muitas crianças com depressão e ansiedade. [...] amigos que tiveram que se mudar da sua cidade para outra cidade por causa da dificuldade financeira”.

Interessa dizer que as histórias aqui apresentadas seduziram, de algum modo, esses estudantes que tiveram a experiência com as imagens. Quando Walter Carvalho (2021) nos fala que “o erro é

melhor que o acerto”, percebemos que não poderíamos “abrir mão de experimentar”, e, mais ainda, de dar liberdade para que os personagens falassem sem medo de julgamentos, sem que tentássemos controlar suas falas, deixando-os apenas serem. Nesse sentido, aprendemos, na dialogicidade, o respeito à diferença, assumindo-nos como seres inacabados e éticos (Freire, 2017).

Não pretendemos julgar e avaliar a fala dos personagens, mas permitir que suas vozes sejam ouvidas e, quem sabe, instigar as pessoas a perceberem que a saúde mental é um problema de todos nós, com tratamento e apoio de especialistas. Mais ainda que isso, é preciso pensar nas causas que provocam esse adoecimento em massa; olhar não apenas para constatar as situações de exclusão, mas para intervir na realidade e confrontá-las.

Link para o curta-metragem:

<https://www.youtube.com/watch?v=keaVjDDGBVs&t=23s>

CRÉDITOS

Direção

Marcos Vinicius Sousa Rodrigues

Roteiro

Gabriel Nunes

Laura Fernanda Gomes Barbosa

Marcos Vinicius Sousa Rodrigues

Fotografia

Laura Fernanda Gomes Barbosa

Marcos Vinicius Sousa Rodrigues

Som (música)

Kevin Macleod

Anxiety

BushWick Tarantella
Come Play With Me
Day of chãos

Montagem/Edição

Marcos Vinicius Sousa Rodrigues

Entrevistados

Raimunda Maria Marques
Karollyne Melo de Oliveira
Maria Fernanda Rodrigues Araújo
Luís Eduardo Marques Sena Novais

Participantes (crianças)

Enzo Gabriel Alves Melo
Geovanna Alves Melo

PROJETOS

Extensão

A Vida em Transição: diferentes olhares
Olhares Singulares Sob(re) Novos Cenários
Videoclubismo Estudantil: escolas de educação básica em cena

Pesquisa

Imagem da Vida em Transição

Disciplina eletiva

Videoclube Cepae em Cena: produção e mostra audiovisual estudantil

Parcerias

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata

Escola Aldeia
Escola Casa Verde
Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira
Universidade Federal de Goiás.
Goiânia/Goiás.
2021/1

Referências

CARVALHO, Walter. *Bate papo com Walter Carvalho*. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DWLd1Ai7YYk> (Canal Museu da Imagem e do Som). Acesso em: 20 jan. 2022.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as Imagens Tocam o Real. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*. v. 2, n. 4, nov. 2012 - abr.2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 26 jan. 2020. (PDF).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 65. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 55 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GANDRA, Alana. *Pesquisa revela aumento da ansiedade entre brasileiros na pandemia*. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 31/10/2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-10/pesquisa-revela-aumento-da-ansiedade-entre-brasileiros-na-pandemia>. Acesso em: 15 jan. 2022.

PRADO, Adélia. *Adélia Prado no Sempre um papo*. Youtube, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sisSITXY6bM> (Canal Sempre um Papo). Acesso em: 24 jan. 2022.

RIZZO, Lia. *No País mais ansioso do mundo este transtorno ainda é tabu*. Uol, 19/10/2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/10/19/no-pais-mais-ansioso-do-mundo-este-transtorno-ainda-e-tabu.htm>? Acesso em: 15 fev. 2022.

O LIXO EM ESTADO DE MUDA

Fátima Cristina Silva Moraes – Escola Aldeia¹

Somos seres de linguagem. Expressar-se através de múltiplas linguagens é uma das maiores virtudes do ser humano. A linguagem, através da palavra, é um elemento fundante do sujeito e do conhecimento. Para o psicólogo russo Vygotsky, o desenvolvimento do pensamento está ligado à palavra. Para Paulo Freire, educador brasileiro, é preciso que se diga a palavra a fim de que se possa mudar o mundo e a nós mesmos. Freud anuncia a cura pela fala. Segundo Dolto (1999), no momento em que algo é falado, memorado e tratado, quem o proferiu jamais regredirá ao mal-estar que o afligia. Diante do respaldo dessas autoridades conhecedoras do humano e do seu desenvolvimento, a Aldeia propõe uma profusão de fazeres em torno da palavra. A linguagem é elemento primordial em nossa comunidade. É ponto central e diário. Através dela, desenvolvemos a capacidade de ser, agir e interagir no mundo. Que a palavra seja verbo, poesia, música, fotografia, vídeo, desenho, texto e intertexto na busca de sabermos quem somos e como melhor vivemos!

A criança, mesmo antes do seu nascimento, é envolvida pelo universo languageiro. Envolvida em um ambiente de falantes, ela procura recursos que a façam ser também compreendida pelos seus interlocutores. Ao propormos atividades em que a criança enfrenta situações comunicativas diferentes e diversas situações linguísticas, ela amplia seu vocabulário e, certamente, seu conhecimento de si e

¹ Pedagoga e Especialista em Educação Infantil (PUC-GO). Diretora da Escola Aldeia. E-mail: cristina@escolaaldeia.com.br

do mundo. Por isso, na Aldeia, seja qual for o tempo e o espaço de comunicação, ele sempre estará a serviço da formação da criança.

No ano de 2021, fomos convidados pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Cepae/UFG, a participar de um grupo de escolas (entre elas o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação/UFG; o Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata; a Escola Casa Verde e a Escola Aldeia) para juntos desenvolvermos um trabalho de linguagem visual e audiovisual. A proposta era fazermos uma análise fílmica através da criação, edição e exibição de vídeos criativos e artísticos. A ação possibilitou o encontro entre diversas instituições escolares em torno da linguagem; uma rica concentração de crianças, jovens e adultos cambiando ideias, percepções, expressões e sensibilidades.

Na Aldeia, até então, usufruíamos da linguagem audiovisual apenas enquanto espectadores. O convite nos instigou à possibilidade de nos fazermos produtores de encantamento e de belezas, mais uma possibilidade de experimentação e educação do senso estético de nossas crianças.

Os encontros online eram quinzenais e integravam todo o grupo de escolas participantes. Já os presenciais, também quinzenais, contavam apenas com a participação dos alunos da Aldeia, de forma que, toda semana, a temática estava presente em nossas discussões. Juntos, fomos construindo uma visão criativa e crítica em torno das linguagens audiovisuais. Assistimos vídeos como referências, experimentamos a poesia concreta, discutimos possibilidades de experimentar a poética audiovisual em sua beleza, singularidade e originalidade, tentando reconhecer, nessa linguagem, a natureza da arte e do seu encontro com a sensibilidade humana.

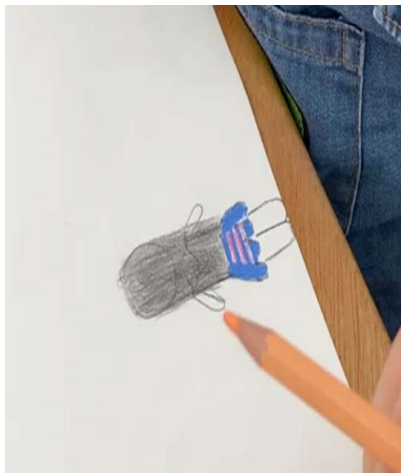
Será a linguagem audiovisual mais uma expressão da relação entre o ser humano e o mundo? Por que e para que vemos um filme? Quando é que a imagem nos provoca? Por qual motivo um vídeo nos encanta? Responder que é apenas entretenimento soluciona? Quais

reações humanas podem ocorrer? Por que fixamos uma atenção admirada onde o que existe são apenas imagens inventadas?

As crianças se depararam, enfim, com uma multiplicidade de indagações a partir das quais foram encontrando diferentes maneiras de refletir a própria experiência. Perceberam como, muitas vezes, se deixam escapar para novas formas de vida através de um vídeo ou um filme. Uma película de qualidade nos seduz para outros mundos além do nosso, indo, também, além de uma visão maniqueísta das coisas. Ela nos provoca e envolve em imagens onde bem e mal, certo e errado, bonito e feio, claro e escuro ampliam-se, oscilam e atuam em universos mais profundos, questionando nossas certezas, nossas percepções, provocando fascínio e encantamento.

Fig. 1 - Banco de imagens da Escola Aldeia





As crianças são seres curiosos, plenos de vida, e, como todos os humanos, possuem, a um só tempo, características antagônicas e complementares: *sapiens* e *demens* (sábio e delirante), *faber* e *ludens* (construtor e lúdico), *empiricus* e *imaginarius* (empírico e imaginário), *economicus* e *consumans* (econômico e consumista), *prosaicus* e *poeticus* (prosaico e poético). Assim, durante os trabalhos de linguagem visual e audiovisual, voltamos nossas discussões para as ambiguidades da condição humana, a crise civilizatória que enfrentamos (fruto da mercantilização das relações) e a incompreensão de quem somos, onde estamos e como nos relacionamos com o outro e com o meio. Seduzidos por palavras, imagens, sons e silêncios, chegamos ao nosso tema: “O lixo em estado de muda”.

Fig. 2 - Banco de imagens da Escola Aldeia



Diante das incertezas do mundo que nos cerca, das ambivalências da vida, suas dores, desproporções, tristezas, belezas, prazeres e transitoriedades, decidimos registrar em nosso vídeo as relações humanas com a natureza, construindo imagens a favor da existência e de suas transformações. Esse foi um aspecto fascinante do trabalho: ações criativas e cheias de renovo por meio de algo que o ser humano despreza e descarta: o lixo.

Fig. 3 - Banco de imagens da Escola Aldeia



O Brasil é o maior produtor de lixo da América Latina, com a geração média de 541 mil toneladas/dia de resíduos sólidos. As crianças, como os adultos, são impulsionadas a consumir muito, com conseqüente descarte de tudo que adquirem. Essa realidade pede sensibilização, olhar crítico e ações transformadoras. Assim, o vídeo também ganhou um caráter socioeducativo sensibilizador, analítico e questionador.

Fig. 4 - Banco de imagens da Escola Aldeia



As próprias crianças foram construindo o enredo da animação. Seus desenhos começaram a brincar com fotografias que elas mesmas registraram. O real foi se fundindo à ilustração — personagens verdadeiros ou imaginários saídos de encanamentos, ductos por onde passam nossos excessos, crianças em meio a destroços, ruínas e entulhos fétidos, em um cenário de aparente terror e podridão: nossos restos. A realidade feia e nojenta que somos capazes de produzir, que pode bem fazer parte de um filme de horrores transfigurada de um jeito que só as crianças sabem fazer. Transição mais que delicada que se desenrola entre pássaros, montanhas, árvores e arco-íris; uma muda trazendo a mudança. Imagens que não ganharam técnicas modernas e nem

têm a intenção de utilizar a energia das crianças para dissipar comportamentos supostamente corretos e normativos, como “seja bom e reutilize o seu lixo”, mas sim de produzir com elas uma “muda” à altura do seu desejo — possibilidade da lida com os próprios restos, não só materiais, causados por um mundo de excesso e fetichismo.

Fig. 5 - Banco de imagens da Escola Aldeia



A poética e a criatividade estão na “muda”. Viver é transformar, sem fixar ou estabelecer limites duais entre o mundo e nós humanos predicados. É crescer em meio a linguagens cheias de polissemia, metáforas e desafios, e, no meio disso, se divertir com o acúmulo e enriquecimento de um tipo de capital que não leva à desigualdade, nem ao empobrecimento da vida na Terra: o capital simbólico.

Fig. 6 - Banco de imagens da Escola Aldeia



Link para o curta-metragem:

YouTube: https://youtu.be/Rl8j_wtV6xw

CRÉDITOS

Direção

Prof^ª Cristina Silva Moraes

Roteiro

Prof^ª Cristina Silva Moraes

Produção audiovisual

Isabela Veiga Oliveira

Fotografia

Bárbara Augusta S'antana Miguel

Alunas

Valentina Brasileiro Bispo Leal, Clarice Cortes Cabral de Mesquita, Ísis Campos Nagato, Luiza Simões Basilio, Maria Flor Araújo de Sá, Nina Montoro Lopes, Valentina Brasileiro Bispo Leal.

Trilha Sonora

Arnaldo Antunes, “Mosquito”

Montagem/Edição

Isabela Veiga Oliveira

Animação

Alunas Clarice Cortes Cabral de Mesquita, Ísis Campos Nagato, Maria Flor Araújo de Sá, Nina Montoro Lopes, Valentina Brasileiro Bispo Leal.

Entrevistados/Depoimentos

Alunas Nina Montoro Lopes, Valentina Brasileiro Bispo Leal, Ísis Campos Nagato, Clarice Cortes Cabral de Mesquita, Luiza Simões Basilio, Isabel Marden Coppede, Lisa Cândida Ribeiro Dias, Maria Flor Araújo de Sá, Plínio Regis Borges.

Participantes

Alunas Clarice Cortes Cabral de Mesquita, Isabel Marden Coppede, Ísis Campos Nagato, Lisa Cândida Ribeiro Dias, Luiza Simões Basilio, Maria Flor Araújo de Sá, Nina Montoro Lopes, Plínio Regis Borges, Valentina Brasileiro Bispo Leal.

Colaboradora

Prof^ª Carolina Parrode.

Agradecimentos

Aos pais dos alunos, pela disponibilidade e alegria em fazer junto.

Arquivos

Banco de dados e imagens da Escola Aldeia.

Referências

CABANAS, Edgar. *Happycracia – fabricando cidadãos felizes*. Ubu editora, 2022.

DOLTO, Françoise. *Os caminhos da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DOLTO, Françoise. *Tudo é linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Isto Não é Um Cachimbo*. Editora Paz e Terra, 1988.

FREUD, Sigmund. [1907]. *O esclarecimento sexual das crianças*. Edição Standard Obras Completas de Sigmund Freud, IX. Imago: Rio de Janeiro, 1996, p. 121-129.

MILLOT, Catherine. *Freud Antipedagogo*. Zahar: Rio de Janeiro, 1987

PROJETO BOLA DE OURO

Bolivar Moreira Matos – CEPAE/UFG¹

Kauã Vinícius Alves Pereira – CEPAE/UFG²

Herick Bruno Carvalho Costa – CEPAE/UFG³

Buscando salientar a importância de projetos esportivos que incentivem a prática de esportes e atividades físicas nas classes menos favorecidas da população, apresentamos essa iniciativa na cidade de Goiânia.

Fig. 1 - Frame do curta *Bola de Ouro*



O projeto Bola de Ouro visa atender crianças e adolescentes de forma gratuita por meio de estrutura profissional de qualidade, incluindo: treinamento de futebol, local para treinos, equipamento esportivo, uniformes e assessoria complementar organizacional

1 Graduando em Letras e Estagiário Cepae/UFG. E-mail: bolivarmoreira@discente.ufg.br

2 Discente do 2º ano do Ensino Médio (Cepae/UFG). E-mail: kauadublack31@gmail.com

3 Discente do 2º ano do Ensino Médio (Cepae/UFG). E-mail: hbcarvalho380@gmail.com

fluida para desenvolvimento das atividades e participação em torneios locais. Sem colaboração externa, a própria população se uniu para tornar realidade essa iniciativa.

O curta-metragem elenca fatores que levaram ao nascimento do projeto, o coração dessa jornada, apresentando, assim, a iniciativa popular como meio de transformação social do contexto vivido por essas crianças e adolescentes, que, muitas vezes, sem acesso a políticas públicas, ficam à margem da constituição, que os garante acesso pleno a atividades sociais para desenvolvimento tanto psicossocial quanto profissional.

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988).

Perguntas-chave foram feitas para os entrevistados, buscando esclarecimento quanto ao desenvolvimento do projeto. Inicialmente, Paulo Vitor, fundador e idealizador, nos conta como e quando nasce o Bola de Ouro.

Fig. 2 - Frame do curta *Bola de Ouro*



No início, Paulo diz que a dificuldade presente era a superação do próprio medo de as coisas não darem certo. Como acreditar nos

seus sonhos e fazer sair do papel aquilo que te motiva a fazer a diferença? Além desse medo, o início contou com ajuda popular e de pequenos empresários para subsidiar o projeto, que começou em 5 de outubro de 2015. Muitos desses colaboradores contribuem até hoje com o Bola de Ouro.

Com o advento da pandemia e a conseqüente crise mundial, as atividades foram paralisadas devido à incerteza de segurança sanitária pela qual o mundo passava. Mas, graças à ciência, já estão sendo retomadas, aos poucos, as atividades do projeto.

Fig. 3 - Frame do curta *Bola de Ouro*



Depoimentos de crianças e adolescentes também foram usados para mostrar como o projeto é importante para aqueles atendidos. A garantia de convivência e inclusão em uma atividade externa à escola é de grande ajuda na formação de cidadãos que se preocupem com a sociedade. No livro de Carlos Brandão *O que é educação* podemos encontrar um trecho em que ele nos mostra como experiências em comunidade são importantes para trocas com o meio social:

O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos; o saber de guerreiros e esposas; o saber que faz o artesão, o sacerdote, o feiticeiro, o navegador e outros tantos especialistas, envolve portanto situações

pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva. (Brandão, 1989, p. 20).

Viver o projeto é o que motiva essas crianças. Saber que eles têm uma atividade prazerosa em conjunto foi a grande questão que nos motivou a documentar essa iniciativa; ver em seus olhos a emoção de jogar, competir, superar suas expectativas, se relacionar, rir e festejar o esporte e as relações.

Fig. 4 - Frame do curta *Bola de Ouro*



O professor Cassio salienta como faz diferença para essas crianças ter acesso ao esporte, separando, assim, seus caminhos de drogas e companhias não salutares, já que, ao terem esse compromisso, eles se empenham em ser saudáveis e isso é de grande importância, tanto para a vida deles como para os colaboradores voluntários que apoiam a iniciativa.

A união dos envolvidos e a energia que circula no local dos treinos é muito convidativa e notória. É bastante satisfatório ver como atividades socioculturais emergem da população para serem verdadeiros “divisores de águas” na vida das pessoas.

Convidamos todos a assistirem nosso curta, acessarem o instagram @boladeourofc, participarem do projeto e contribuírem com essa jornada pelo esporte.

Fig. 5 - Frame do curta *Bola de Ouro*



Link para o curta-metragem:

<https://www.youtube.com/watch?v=afwIBsDmaeE>

CRÉDITOS

Direção

Bolivar Moreira Matos

Herick Bruno Carvalho Costa

Kauã Vinícius Alves Pereira

Roteiro

Bolivar Moreira Matos

Herick Bruno Carvalho Costa

Kauã Vinícius Alves Pereira

Fotografia

Bolivar Moreira Matos

Herick Bruno Carvalho Costa

Kauã Vinícius Alves Pereira

Montagem, edição de vídeo e texto e visualidades

Bolivar Moreira Matos

Entrevistados/Depoimentos

Paulo Vitor

Victor Gabriel

Felipe (Alemão)

Cassio Vinicius

Música - Trilha Sonora

Empty Beta - Keeloo

Sem copyright (slip.stream.com)

Coordenação/Orientação

Professora Deise Nanci de Castro Mesquita

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2021

Referências

BRASIL. CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988. Disponível em: [/https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=CON&numero=&ano=1988&ato=b79QTWE1EeFpWTb1a](https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=CON&numero=&ano=1988&ato=b79QTWE1EeFpWTb1a). Acesso em: 17 fev. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Daniel Martins Braggio - CEPAE/UFG¹

Júlia Guimarães Almeida - CEPAE/UFG²

Suiani Fabiano Caixeta - CEPAE/UFG³

Videoclube CEPAE em Cena é uma disciplina de produção audiovisual estudantil, para a qual fui convidada a participar como monitora de dois alunos secundaristas do CEPAE. Essa disciplina nos trouxe oportunidades de nos expressarmos através de pensamentos, visões de mundo, problemáticas etc. Com bastante criatividade e vivências pessoais (de começo), abordamos no nosso curta relatos de vivências de alguns professores de diferentes nichos. Nesse processo de criação, foi construído um enredo com depoimentos e imagens, de forma semelhante a um clássico filme documentário, emocionando a todos que assistem.

Iniciamos nossos trabalhos logo após a divisão do grupo. Uma aluna do grupo acabou desistindo e, por isso, talvez, o nosso grupo seja um dos menores. A primeira etapa foi o levantamento de possíveis temas para o nosso curta. Depois de algumas discussões, chegamos a um consenso sobre o tema a ser abordado: relação afetiva entre professor e aluno. Pensamos o curta de acordo com nossas vivências pessoais e relações como alunos com os professores que

1 Discente do 2º ano do Ensino Médio (CEPAE/UFG). E-mail: daniel.martins.braggio@gmail.com

2 Discente do 2º ano do Ensino Médio (CEPAE/UFG). E-mail: julinha.gui.2004@gmail.com

3 Graduanda em Letras e Bolsista Prolicen - UFG. E-mail: fsuiani@discente.ufg.br

nos marcaram de alguma forma, só que agora buscando a visão dos professores sobre os alunos e essas relações.

O nosso roteiro começa com a fala de uma psicóloga formada pela UFRJ sobre a afetividade e sua importância em sala de aula, e sobre como isso interfere diretamente no processo de aprendizagem. A entrevistada também ressaltou a importância de todas as relações que vivemos e construímos ao longo do tempo e como isso é fundamental para o nosso desenvolvimento, além de ser algo crucial para a formação de caráter e vivências em sociedade.

Fig. 1 - Frame do curta *Relação afetiva entre professor e aluno*



Logo após a breve fala da psicóloga, começam os depoimentos das professoras escolhidas para compor o curta. Vale lembrar que, antes disso, foi feita uma breve seleção dos professores pelos próprios alunos. A primeira professora é de língua portuguesa e, em seu relato, emociona-se fortemente ao falar de suas relações com seus alunos.

Fig. 2 - Frame do curta *Relação afetiva entre professor e aluno*

Decidimos fazer um recorte, pois não seria possível abordar tudo aquilo que planejamos. Escolhemos focar apenas na visão do professor sobre essa relação professor\aluno e pensamos que seria interessante abordar a visão de vários tipos de professores, não só os de escolas. Pensando nisso, além da professora já citada, trouxemos uma linguista e professora universitária, além de um professor de luta e uma professora de gastronomia. Pedimos para eles imagens do seu cotidiano com seus alunos e depois selecionamos e recolhemos relatos em vídeo da maioria dos profissionais selecionados.

De acordo com Freire (1997, p. 170), “a afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam os medos sofrimentos, interesses, alegrias”. Em nossas pesquisas durante a coleta de dados para a finalização do curta, ouvimos que as imagens tocam de uma maneira diferente e especial as pessoas. Assim foi quando ouvimos, por exemplo, o relato da professora de gastronomia, que mencionou problemas sociais como o machismo enfrentado por ela e uma de suas alunas no ambiente de trabalho.

Fig. 3 - Frame do curta *Relação afetiva entre professor e aluno*



A história do professor de luta deixa subentendido, com algumas palavras, que o seu trabalho muda vidas, ensinando cortesia, integridade e autocontrole, sendo, para alguns alunos, até um momento de entretenimento. Diante disso, fica claro que a afetividade interfere diretamente no nosso processo de aprendizagem e desenvolvimento, podendo interferir não só no interno, mas no externo também, como no aspecto social.

Fig. 4 - Frame do curta *Relação afetiva entre professor e aluno*



As imagens trazidas falavam, por si sós, de afetividade, escancarando amor e alimentando lembranças que, para sempre, estarão marcadas na memória e no coração. Parafraçando Freire (1980), não se pode falar de educação sem amor, e esse curta é a prova disso. A realidade retratada emociona e deixa marcas, não só na vida profissional dos professores, mas também em sua vida pessoal.

Fig. 5 - Frame do curta *Relação afetiva entre professor e aluno*



Foi comprovado através de estudos e percepções no dia a dia em sala de aula de um professor que a afetividade pode influenciar totalmente na vida, autoestima, aprendizagem e saúde mental dos alunos e dos professores, diretamente ou não. Sendo assim, a relação professor\aluno depende totalmente do ambiente escolar estabelecido pelo professor, na relação de empatia, preocupação, atenção e cuidado com seus alunos, construindo, assim, pontes entre o seu conhecimento e o deles. Dessa maneira, o aprender se torna mais interessante, criando alunos confiantes e participativos em sala de aula e em suas vivências fora dela.

Fig. 6 - Frame do curta *Relação afetiva entre professor e aluno*

Freire foi um grande colaborador para a construção desse curta. Buscamos sempre como base suas citações e textos para a melhor compreensão do tema abordado. Entendemos que o social deve sim influenciar o pedagógico, trazendo para o ambiente escolar o lado social, que é de extrema importância dentro da educação.

Por fim, foi escolhida pelo grupo a imagem de alguns trabalhos da professora e linguista Silvia Lúcia Braggio, que retratam, ainda que indiretamente, os impactos da relação afetiva professor\aluno, pois, para serem escritos, a troca afetiva foi necessária, mesmo que minimamente. Portanto, escolhemos essa imagem como a representante principal do nosso projeto, pois prova que, com a afetividade e a troca, pode-se construir um mundo de conhecimentos.

Fig. 7 - Frame do curta *Relação afetiva entre professor e aluno*



Link para o curta-metragem:

<https://youtu.be/Xo0mwyZvp6Y>

CRÉDITOS

Direção

Daniel Martins Braggio
Júlia Guimarães Almeida
Suiani Fabiano Caixeta

Roteiro

Daniel Martins Braggio
Júlia Guimarães Almeida
Suiani Fabiano Caixeta

Imagens

Daniel Martins Braggio
Júlia Guimarães Almeida

Edição

Júlia Guimarães Almeida

Animação

Daniel Martins Braggio

Júlia Guimarães Almeida

Narração

Alana Castro

Doraneu Carmo de Oliveira

Francisco de Assis Júnior

Viviane Guimarães Marques

Silvia Lúcia Braggio

Agradecimentos

Aos nossos grandes exemplos, professora Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita e profa. Dra. Maria Alice Carvalho, pela oportunidade. A todos os nossos colegas docentes e discentes da Escola Aldeia, Escola Casa Verde e Escola Municipal Jalles Machado, pela partilha de saberes durante a disciplina.

Projeto de extensão

A Vida em Transição: diferentes olhares

Olhares Singulares Sob(re) Novos Cenários

Videoclubismo Estudantil: escolas de educação básica em cena

Pesquisa Imagem da Vida em Transição

Disciplina eletiva

Videoclube Cepae em Cena: produção e mostra audiovisual estudantil

Parcerias

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata
Escola Aldeia
Escola Casa Verde
Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira
Universidade Federal de Goiás
Goiânia/Goiás
2021/1

Referências

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- TV ESCOLA. *Oficina de Produção de Vídeos*. Disponível em: <http://www.mate.maticauva.org/wp-content/uploads/2017/02/oficina-de-produo-de-vdeos-da-tv-escola.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- RODRIGUES, E.P.; VIANA, H.B. Afetividade na relação professor-aluno. *EFDeportes.com*, Buenos Aires, ano 15, nº 153, fev. 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd153/afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm>. Acesso em: 22 fev. 2022.

TRANSFORMAR JUNTOS É TRANSFORMAR DENTRO

Andresa Moreno – Escola Casa Verde¹

Débora Rodrigues de Almeida – Escola Casa Verde²

Elzita Maria de Lima – Escola Casa Verde³

Introdução

Atentos à necessidade de aproximarmos a linguagem audiovisual do cotidiano escolar de nossas crianças, embarcamos em uma proposta desafiadora, dinâmica e poética de produção/construção de um curta-metragem. Em diálogo com educadores e estudantes de outras escolas de educação básica e da Universidade Federal de Goiás, foi possível aprender técnicas e conceitos, compartilhar saberes e ampliar nossa percepção estética sobre as singularidades desse universo artístico.

Nessa interação com diferentes colegas, professoras e com os repertórios apresentados a partir das atividades e processos criativos vivenciados em casa, na escola e nos encontros virtuais, as

1 Professora de Fotografia, Cinema e Artes Visuais da turma de Integral da Escola Casa Verde. Fotógrafa, artista, profissional do audiovisual e pedagoga em formação. E-mail: dresacrismoreno@gmail.com.

2 Coord. pedagógica da Escola Casa Verde. Pedagoga. Mestra em Ensino na Educação Básica. E-mail: deboraa_almeida@hotmail.com.

3 Gestora da Escola Casa Verde. Bacharel em Direito. Mestra em Literatura Brasileira. E-mail: elzita.lima@hotmail.com.

crianças puderam, cada uma a seu tempo, ampliar seus saberes e competências para compreender, comparar e refletir sobre os aspectos abordados. E, principalmente, para construir sentidos e habilidades relacionadas à expressão dos seus sentimentos e ideias acerca de si, do outro e do mundo social e natural.

A escolha do tema

Após vivenciarmos o projeto Casa Verde em Casa, depois de um período de recolhimento dentro dos nossos lares, em que nos encontrávamos apenas de forma virtual, chegou o tempo de “sair da toca” e, com muito cuidado, voltar ao regime de aulas presenciais para observarmos as mudanças pelas quais nós e a sociedade passamos.

Fig. 1 - Curta *Transformar juntos é transformar dentro*



Sendo assim, escolhemos abordar um tema que já permeava a nossa prática pedagógica – as transformações. Nesse sentido, a proposta de produção do curta se entrelaçou ao nosso projeto pedagógico anual – Casa, Outras Paisagens – e tornou-se uma oportunidade para falarmos sobre quem somos, de onde viemos, em que lugares estamos e para onde vamos, bem como pensar a respeito das trans-

formações pelas quais já passamos e ainda estamos a passar em nosso corpo, casa, escola, cidade e planeta.

Fig. 2 - Curta *Transformar juntos é transformar dentro*



As conversas se iniciaram ainda no 1º bimestre, orientadas pelo subprojeto Corpo e Movimento, em que foi possível observar as primeiras transformações pelas quais passamos, aquelas mais próximas de nós, o crescimento e as mudanças no nosso corpo, concebido como abrigo e espaço subjetivo de construção de identidades, nos planos individual e coletivo.

Também nesse período, observamos que crescer é um movimento natural da vida e, portanto, entendemos que crescemos sempre, ficamos maiores, os dentes caem e nascem outros, mudamos de aparência. Trata-se de um processo belo e difícil de experimentar-se. Contudo, foi transformador falar, pensar e escrever sobre ele.

Além disso, compreendemos que nosso corpo cresce para abrigar nossas experiências, nossos aprendizados, nossas descobertas. Na medida que crescemos em tamanho, também crescemos

em sabedoria, nas nossas relações com as outras pessoas, nas nossas vivências. Crescemos porque nosso corpo precisa dar conta da complexidade da vida, que, incompleta por si só, nos impulsiona e nos estimula a continuar crescendo, buscando mudanças que transformam a nós e à nossa realidade.

Ponderamos sobre o fato de que todos os corpos passam por mudanças e isso reflete na aparência das paisagens, nos lugares que habitamos, nos hábitos e costumes que desenvolvemos. Sendo assim, em continuidade ao projeto Casa, Outras Paisagens, no 2º bimestre, abordamos o subtema Espaço e Transformação. Pesquisamos, conversamos, lemos, tiramos dúvidas e procuramos respostas para compreender um pouco mais sobre a complexa teia de relações e transformações que, ao longo do tempo, impactam nossa vida e a vida do nosso planeta.

Fig. 3 - Curta *Transformar juntos é transformar dentro*



À luz de Ailton Krenak (2019), refletimos sobre a cultura da exploração predatória, desrespeitosa e gananciosa dos recursos naturais que a Terra oferece. A dialética da ocupação/colonização dos espaços pelo ser humano já se fazia presente em nossas rodas de conversa e plenárias e, no 2º bimestre, passamos a refletir sobre aspectos mais intrínsecos a essa ocupação.

Para tanto, recorreremos ao pensamento de Edgar Morin, o qual nos ajudou a rever algumas ideias e a entender os principais dilemas dos tempos atuais. Morin (*apud* Petraglia, 2010) nos ensinou que a incerteza, as contradições e as mudanças devem ser vistas como parte da vida e da condição humana e, igualmente, nos mostrou que a solidariedade e a ética devem ser vistas como possibilidade para a religação dos seres e dos saberes. Uma vez que tudo está interligado, a solidariedade é peça fundamental para superar aquilo que denomina crise planetária – uma situação de impotência diante de incertezas e dos paradoxos que se acumulam.

Fig. 4 - Curta *Transformar juntos é transformar dentro*



Nessa perspectiva, colhemos registros e analisamos a Terra como um grande organismo vivo, germinador de semente, alimento, prosperidade e crescimento; a nossa primeira mãe, a grande mãe de todos nós – essa Terra que gera trabalho e gera abrigo, fonte de sobrevivência e resistência.

E por falar em trabalho, chegamos, juntos, à conclusão de que é por meio dele que o ser humano transforma os espaços que ocupa, transforma a natureza, o meio em que vive e, concomitantemente,

transforma a si mesmo. O trabalho é atividade realizadora, transformadora, a qual permite acessarmos aspectos significativos de nossa existência: memória, identidade, pertencimento.

Fig. 5 - Curta *Transformar juntos é transformar dentro*



Partindo da poética e da riqueza imaterial contida nos Cantos de Trabalho, compreendemos que é por meio do trabalho que conquistamos a consciência plena do espaço que ocupamos e do lugar ao qual pertencemos. Pesquisamos, observamos e sentimos a força pulsante desses cantos ancestrais, compreendendo que nosso senso de pertença a um determinado grupo perpassa a noção do que produzimos enquanto seres ativos e transformadores.

O trabalho possui relação com a forma como nos vemos e somos vistos/reconhecidos; trata-se da ideia daquilo que deixamos enquanto legado/herança. O que somos/representamos também está relacionado ao que fazemos/produzimos/entregamos.

Fig. 6 - Curta *Transformar juntos é transformar dentro*

Tais ideias nos levaram a dialogar com as crianças sobre o trabalho enquanto atividade muito especial – atividade produtora de cultura, de hábitos e costumes. Por meio de pesquisas, rodas, brincadeiras e danças, ponderamos sobre as nuances advindas do trabalho artesanal, o qual nos levou a um repertório de saberes de vida e de poesia – dos trabalhadores do campo, das lavadeiras, dos canoeiros, dos salineiros, das doceiras, das bordadeiras e de tantos outros trabalhadores/ transformadores da vida e do espaço.

Explorando esse rico universo do trabalho, adentramos suas peculiaridades e ponderamos sobre as suas diferentes formas e faces no decorrer da história da humanidade. Pesquisamos e registramos sobre a evolução das ferramentas de trabalho, sobre a chegada das máquinas na rotina dos trabalhadores, bem como sobre o advento das tecnologias nas relações de trabalho, as quais trouxeram novos paradoxos para nossa sociedade; dentre eles, a produtividade *versus* a desumanização do trabalho.

Tais constatações nos fizeram retornar a Morin (*apud* Petraglia, 2010) e pensar sobre a possibilidade de uma vida mais equilibrada, um viver nem tão ardente nem tão superficial, em que a

saciedade não gere angústia, o excesso não provoque a falta de algo – um viver em que todos os saberes, habilidades e competências possam coexistir e que, sendo assim, saibamos lidar com a complexidade da vida e suas constantes transformações.

Fig. 7 - Curta *Transformar juntos é transformar dentro*



No 3º bimestre, abordamos o subtema Paisagens Urbanas, a fim de entender a organização e ocupação dos espaços nas cidades. Nesse período, as crianças já haviam decidido representar o tema “transformações” na proposta do curta e passaram a registrar, cada vez mais, as atividades desenvolvidas, preparando-se para mostrar tudo isso através das lentes.

Ao refletirmos sobre possíveis mudanças, soluções e caminhos sustentáveis para a vida urbana, recorreremos aos apontamentos do professor Glauco Roberto Gonçalves (2020), que nos levaram a pensar a cidade de um outro ponto de vista, ligado à consciência crítica do espaço transformado e do que ele pode vir a ser, das possibilidades de cidade, relacionadas a saberes de bem-estar e de bem-viver.

Glauco (2020) nos convidou, por meio de sua prosa-poética, a imaginar as cidades e suas práticas, sendo que algumas, por incrível

que pareça, ainda resistem – colocar cadeiras nas calçadas para conversar ou admirar o céu, a lua, as estrelas; ocupar as ruas e terrenos baldios para jogar bola, pular corda, soltar pipa ou brincar de pique-esconde; estender o espaço da casa e do quintal.

No 4º bimestre, imbricamos o projeto anual Casa, Outras Paisagens ao projeto Arte ao Relento e, num entrelaçamento de ideias, imagens e sentidos, fizemos da arte urbana, expressa nos muros e ruas das cidades, fonte de inspiração e estudo. Vivemos, na prática, as mais diversas performances: grafite, teatro, murais, entre tantas outras possibilidades.

Todo esse repertório, em consonância com as trocas realizadas nos encontros virtuais com os demais participantes, nos permitiu planejar, roteirizar, dirigir, entrevistar, fotografar, filmar e editar o produto audiovisual entregue ao final do projeto Videoclubismo Estudantil: escolas de educação básica em cena.

Processo criativo

O processo criativo iniciou-se a partir do contato com a linguagem cinematográfica e do audiovisual através da reflexão sobre a arte e suas diversas linguagens, imagens e fotografias e os múltiplos sentidos que elas movimentam em nós – as mensagens escondidas e reveladas, intencionais ou não, a partir dessas fotografias, e como um artista pode contar uma história, provocar sentimentos, incitar reflexões infinitas, apenas com a construção e composição de uma imagem.

Aprofundando um pouco mais em direção ao cinema, o grupo, juntamente com a professora Andresa, promoveu rodas de conversa sobre a experiência do cinema, as vivências de cada um com esse universo, as lembranças e os filmes preferidos. Nos encontros que se seguiram, a professora apresentou a turma ao fazer audiovisual:

a parte técnica de uma produção cinematográfica – equipe, roteiro, argumento, gêneros cinematográficos, etapas de pré-produção, produção e pós-produção –, respondendo perguntas e compartilhando alguns vídeos de apresentação dos gêneros cinematográficos para que pudessem, juntos, escolher como seria o curta-metragem, qual história escolheriam contar e de que forma.

No desejo de contar uma história carregada de sentido, inserida no contexto extraordinário que estavam passando, nas adaptações e reinvenções que tiveram que enfrentar desde o início da pandemia da COVID-19, durante os debates sobre como contar uma história que se encaixasse nesses desejos, o tema da mudança se destacou e se fortaleceu. Como mostrar em nosso filme as mudanças que todos passamos entre 2019 e 2021? Qual o significado disso e qual significados a mais poderíamos dar a isso? O tema da mudança guardava relação direta com o tema das transformações, que vinha sendo explorado no projeto anual da escola, e o caminho, então, se pavimentava. Decidimos falar sobre as transformações diversas que a comunidade escolar, o espaço físico da escola e todos envolvidos passaram ao atravessar os dois primeiros anos da pandemia, e de todos os sentimentos que vieram à tona diante disso. Para tanto, o melhor gênero que se encaixava era o documentário; curta-documentário.

Assistir alguns curtas e curtas-documentários foi o próximo passo, identificando quais histórias estavam nos contando, qual impressão nos causaram e quais as estratégias escolhidas pelo diretor de cada filme para transmitir o que havia planejado. O trabalho de identificar as estratégias foi o mais divertido: a câmera fazendo um close em uma mudinha plantada em um vaso, passeando num plano sequência pela varanda e retornando ao mesmo vaso agora com a plantinha crescida. Pausa no vídeo para a pergunta da professora: “O que vocês perceberam?”. “O tempo passou!”, disse uma das crianças, logo em seguida. Assim passamos quase uma hora e

meia, assistindo filmes, conversando, identificando meios de dizer sem dizer, de mostrar e esconder, de contar histórias. Alguns filmes foram passados para serem assistidos em casa com a família, com o objetivo de dar continuidade ao exercício.

A essa altura, já estávamos prontos para passar ideias para o papel sobre o que deveria ser filmado, quais detalhes mostraríamos, como faríamos um documentário com a nossa cara: criativo, sutil, interessante. Algumas estratégias foram decididas: filmar o espaço físico da escola como desejo nítido de mostrar o quanto as crianças valorizam o aprender em contato com a natureza, o prazer de estar no quintal, a companhia dos animais, das plantas; filmar algumas atividades do cotidiano escolar, como as aulas regulares, o lanche, as oficinas do integral, a sexta-feira (elemento marcante da transformação, pois era o dia de levar o brinquedo e se transformou no dia da fantasia, como medida de segurança ao não poderem mais compartilhar objetos); realizar algumas entrevistas com eles mesmos, com os pais e com a equipe da escola, cujas vozes seriam o pano de fundo das imagens, que iriam mudar de acordo com o contexto de cada participação dos entrevistados (as perguntas da entrevista, decididas em coletivo mais tarde, estavam todas relacionadas às mudanças e transformações, dos sentimentos que a pandemia causou, das dificuldades enfrentadas, das atitudes de resiliência necessárias, das esperanças de futuro etc.); e, por fim, coletar imagens dos meses de ensino a distância para escolher os momentos mais marcantes, e alguns momentos especiais depois da volta ao presencial, como a Festa da Colheita e da Partilha e o projeto com os Cantos de Trabalho.

Fig. 8 - Processo de produção do curta-metragem



O desafio agora era técnico: dividir a equipe de acordo com os interesses das crianças – roteirista, diretores, operadores de câmera, entrevistadores, editores. A professora Andresa ficou com as funções de direção de fotografia, produtora e direção de arte, e contou com a participação de todos. Logo após, tivemos uma aula de experimentação dos equipamentos: a câmera e seus recursos, o monopé e o tripé. Fizemos exercícios de filmagem para que todos se familiarizassem com os equipamentos, seu peso, suas funcionalidades, os movimentos de câmera e de corpo, e o trabalho conjunto entre diretor e operador de câmera.

Fig. 9 - Processo de produção do curta-metragem



Já na reta final, as crianças receberam o roteiro para a entrevista, criado coletivamente, e os entrevistadores fizeram esse trabalho com os pais. Na escola, entrevistaram umas às outras e também à equipe. Fizeram imagens do espaço físico e de algumas atividades do cotidiano. Essa parte do processo foi fluida e simples. Já estávamos com tudo em mente; agora era só colocar em ação.

Fig. 10 - Processo de produção do curta-metragem



Finalmente, escolhemos a trilha sonora de Renata Mattar – os Cantos de Trabalho – para ambientar o curta com músicas que traziam à memória experiências especiais vivenciadas durante esse projeto. Após uma edição prévia da professora Andresa, a equipe de edição trabalhou de forma que surpreendeu a professora (embora não fosse algo muito improvável, visto a rápida adaptação dessa nova geração às linguagens tecnológicas), pois aprenderam muito rápido os caminhos básicos dentro do *software* de edição escolhido – Adobe Premiere Rush, que permitiu que fosse finalizado o primeiro corte do nosso curta-documentário. As imagens feitas antes das entrevistas estavam em harmonia com o que os entrevistados trouxeram e não foi difícil fazer essa montagem. Por fim, usamos as imagens que fizemos de nós mesmos durante o exercício realizado no primeiro contato com os equipamentos para mostrar a equipe nas cenas finais, e ficou muito divertido! Após retoques finais na montagem, feitos pela professora, nascia nossa história contada no curta-documentário *Transformar juntos é transformar dentro*, nome

que surgiu mesmo no nascimento – foi o último a vir ao mundo, combinando resultado e sentidos movimentados.

Fig. 11 - Processo de produção do curta-metragem



Link para o curta-metragem:

<https://www.youtube.com/watch?v=4fToEqOm9pE>

CRÉDITOS

Direção

João Francisco Castro e Romeo Rosa

Roteiro

Juliana Bernardes

Fotografia

Professora Andresa Moreno.

Cinegrafistas

Manuela Ferreira, Juliana Bernardes, Melissa Andrade, Vicente Jacob, Letícia de Deus, Ana Clara de Deus.

Entrevistadores

Manuela Ferreira, Melissa Andrade, Diego Bessa Matheus, Letícia de Deus, Ana Clara de Deus.

Imagens de Arquivo

Quintal Virtual e Projeto Africanidades (ensino remoto da Escola Casa Verde durante o primeiro ano da pandemia)

Som (música)

Cantos de Trabalho / Renata Mattar

Montagem/Edição

Juan Barbosa e Diego Bessa Matheus

Entrevistados

Juan Barbosa, Professora Elaine Sleiman, Professor João Batista de Lima, Manuela Ferreira, Vicente Jacob, Juliana Bernardes, João Francisco Castro, Guilherme Ferreira, Melissa Andrade.

Pesquisa

Professora Andresa Moreno.

Nomes dos trabalhos

Cantos de Trabalho, Renata Mattar; Projeto Casa, Outras Paisagens; Projeto Arte ao Relento.

Agradecimentos

Agradecemos à professora Deise Nanci e a todos os professores do CEPAE pelo convite para participarmos do projeto e pela oportunidade ímpar que nos deram; aos demais membros da equipe gestora da Escola Casa Verde, professora Elaine Sleiman, professora Elizete Maria de Lima e professor João Batista, por acreditarem na pedagogia de projetos e na educação transformadora; aos demais membros da coordenação pedagógica, professora Mauren Vasconcelos e professora Marília da Silva, por colaborarem com a organização de nossa rotina, tempo e bem-estar, por providenciarem os recursos necessários e intermediarem os diálogos cotidianos; e às famílias da Escola Casa Verde, por confiarem suas crianças a nós.

PROJETOS

Extensão

A Vida em Transição: diferentes olhares

Olhares Singulares Sob(re) Novos Cenários

Videoclubismo Estudantil: escolas de educação básica em cena

Pesquisa

Imagem da Vida em Transição

Disciplina eletiva

Videoclubes Cepae em Cena: produção e mostra audiovisual estudantil

Parcerias

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata

Escola Aldeia

Escola Casa Verde

Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás - 2021/1

Referências

GONÇALVES, Glauco Roberto. *Apologia da cadeira na calçada*. Ermira Cultura. Goiânia, dez. 2020. Disponível em: <http://ermiracultura.com.br/2020/12/12/apologia-da-cadeira-na-calcada/>. Acesso em: dez. 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. São Paulo: Vozes, 2010.

TRÊS OLHARES DA PANDEMIA

Paulo Henrique Rodrigues Arantes – Cepae/UFG¹

Vitória Geovanna Lemos de Araujo – Cepae/UFG²

Yan Carlos Melo Camargo – Cepae/UFG³

Tudo começa com uma ideia. Nos reunimos online, cheios de vivências e pensando não ter sobre o que falar. Conversamos, então, sobre o dia a dia, nossos sentimentos e como estávamos seguindo em frente, mesmo sem muita perspectiva. Era para ser uma apresentação, para conhecer com quem iríamos trabalhar, mas foi além disso.

Mesmo sendo três indivíduos completamente diferentes, compartilhávamos os mesmos sentimentos, as mesmas preocupações. Estávamos cansados e sem perspectiva para o futuro, sem saber ainda se deveríamos aceitar esse novo “normal” ou nutrir a esperança de que as coisas voltariam ao antigo normal, que seria pelo menos semelhante: frequentar aulas presenciais, ter contato com todos sem medo, poder conhecer pessoas novas e ter motivos para sair do quarto.

Com essa partilha de sentimentos, resolvemos falar sobre o que tínhamos em comum, sobre o que nos afligia: nossa visão do atual, carregada com nossas vivências. Para colocar as ideias em imagens,

1 Estudante do 2º ano do Ensino Médio. Cepae/UFG. E-mail: paulohenriquerodrigesarantes@gmail.com

2 Bolsista de Iniciação Científica do Curso de Letras. Cepae/UFG. E-mail: vitoriageovanna@discente.ufg.br.

3 Estudante do 2º ano do Ensino Médio. Cepae/UFG. E-mail: yanoficial27@gmail.com.

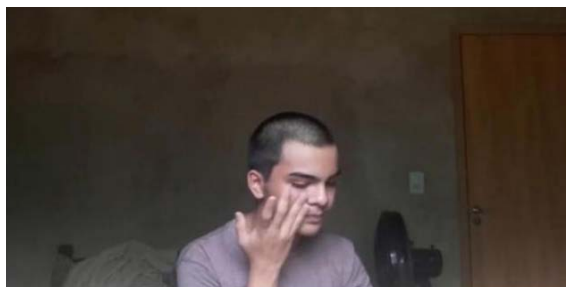
escolhemos o formato de *vlog*,⁴ por ter um caráter mais intimista, já que a intenção era explorar a linguagem cinematográfica para levar a individualidade de cada um para a tela, expressando os sentimentos narrados.

Fig. 1 - Frame do curta *Três olhares da pandemia*



Sendo assim, ficou combinado que registraríamos alguns detalhes do nosso dia a dia, sem que houvesse uma “atuação”. Seriam apenas registros do cotidiano, sem nenhuma alteração, sem forçar nada.

Fig. 2 - Frame do curta *Três olhares da pandemia*



Para enriquecer nosso roteiro, foram usados alguns vídeos antigos, gravados antes da pandemia, de momentos bons que trazem saudade, ressaltando cores e movimentos que remetem à alegria e

⁴ *Vlog* é a abreviação de *videoblog* (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos.

euforia, e que, consecutivamente, contrastam com as cenas do “presente”, que exibem o cotidiano com cores mais frias e ausência de movimento, representando a monotonia e os sentimentos melancólicos que estão dentro da nova realidade. Mostra-se, assim, o contraste entre os ânimos pré-pandêmicos e os pandêmicos.

Fig. 3 - Frame do curta *Três olhares da pandemia*



Fig. 4 - Frame do curta *Três olhares da pandemia*



Essa divisão foi apresentada no curta em ordem cronológica, e, conforme fomos montando o filme, percebemos que faltava um “fim”, alguma coisa para aliviar tanto o público quanto a nós mesmos. Começamos a nos questionar sobre as chances de sairmos daquela situação, sobre qual era a nossa esperança, e a única resposta que surgiu foi a vacinação.

Fig. 5 - Frame do curta *Três olhares da pandemia*



Vacinar-se é motivo de comemoração, irrigado de esperança; a única saída. Imaginar todos imunizados voltando aos poucos à normalidade é algo que faz sonhar, dá força e paciência, afinal, como estaríamos aguentando tudo isso por tanto tempo sem esperança, cercados de solidão, tragédias, doenças e mortes? Sobreviver só é privilégio se o futuro for melhor que o presente.

Fig. 6 - Frame do curta *Três olhares da pandemia*



Então, nossa ordem já estava estabelecida: “antes”, “durante” e uma saída para um provável “depois” da pandemia. Durante a roda de conversa, foi dada a ideia de mostrar algum de nós sendo vacinado; a vacina entrando no organismo. E assim foi feito.

Para direcionar a sensibilidade dos leitores através do vídeo, identificamos a importância de uma narração, então, criamos um texto escrito com tudo o que sentíamos e que direcionasse os vídeos, articulando-se com a ordem que planejavamos:

Você acaba vendo como as coisas mudam,
o mundo continua girando todo dia e temos que
seguir nossas vidas.
Antes disso tudo acontecer, tentávamos ter uma
vida normal
Sair de casa, ver os amigos, ir pra escola e ser feliz.
E foi quando chegou o ano de 2020
E mesmo o mundo não sendo o melhor lugar pra se
estar,
nunca poderíamos ter imaginado o quão pior
poderia se tornar.
E essa doença tomou proporções gigantescas
Até que declararam que o mundo estava em uma
pandemia.
De repente, tudo estava diferente:
A economia, a educação e principalmente a saúde
tiveram que se adaptar às mudanças que vieram
E provavelmente, muitas dessas mudanças ainda
vão continuar.

Ficamos em confinamento, presos, vendo a
catástrofe ocorrer no mundo exterior.
E a única maneira de ajudar era ficando parado
dentro de casa vendo o tempo passar. Só podendo
manter as pessoas na sua vida por causa de um
celular.

Era uma rotina angustiante:
acordar, estudar, comer e dormir.
Mas era só isso que podíamos fazer.
Amigos, famílias...
Perdemos milhões de pessoas e isso vai deixar o
mundo traumatizado por muito tempo.
Tentamos manter o pensamento de que amanhã
vai ser melhor, mas aos poucos ser positivo vai se
tornando algo muito difícil.

E poucos têm o luxo de ter esperança.
A cada ano que passa vai se tornando mais difícil
manter a sanidade depois de ver tantas coisas ruins
acontecendo.

Mas uma coisa boa no ser humano é que até o último
momento
temos fé de que tudo vai se resolver
Algo que foi um dos símbolos de que tudo vai
terminar bem é a vacina
Temos conseguido nos recuperar e esperamos que
tudo vai ficar bem.

Montamos e editamos tudo sempre levando em consideração
a opinião de todos do grupo. Quando o filme finalmente ficou pronto,
a sensação era indescritível. Ficamos orgulhosos e felizes ao
compartilhar nosso curta com o grupo e ouvir a percepção de cada
um sobre aquilo que criamos. É uma nova lembrança que podemos
compartilhar.

Link para o curta-metragem:

<https://www.youtube.com/watch?v=rSerk7WmzeU>

CRÉDITOS

Direção

Paulo Henrique Rodrigues Arantes

Roteiro

Paulo Henrique Rodrigues Arantes

Vitória Geovanna Lemos de Araujo

Yan Carlos Melo Camargo

Imagens

Paulo Henrique Rodrigues Arantes

Vitória Geovanna Lemos de Araujo

Yan Carlos Melo Camargo

Edição

Paulo Henrique Rodrigues Arantes

Vitória Geovanna Lemos de Araujo

Animação

A vacinação e o sistema imunológico - AFP Português (Youtube)

Texto

Yan Carlos Melo Camargo

Narração

Vitória Geovanna Lemos de Araujo

Arquivos

Acervos pessoais

Música

Mattia Cupelli - Touch

Agradecimentos

Aos nossos familiares e amigos que contribuíram para a construção de memórias registradas em vídeo. Aos grandes exemplos, professora Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita e profa. Dra. Maria Alice Carvalho, pela oportunidade. A todos os nossos colegas docentes e discentes da Escola Aldeia, Escola Casa Verde e Escola Municipal Jalles Machado, pela partilha de saberes durante a disciplina. A todos os profissionais da saúde. Viva o SUS!

Projeto de extensão

A Vida em Transição: diferentes olhares

Olhares Singulares Sob(re) Novos Cenários

Videoclubismo Estudantil: escolas de educação básica em cena

Pesquisa Imagem da Vida em Transição

Disciplina eletiva

Videoclube Cepae em Cena: produção e mostra audiovisual estudantil

Parcerias

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata

Escola Aldeia

Escola Casa Verde

Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2021/1

Referências

AFP Português. *A vacinação e o sistema imunológico*. Youtube, 18 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Spf1OC9ceWE>. Acesso em: 4 out. 2021.

CUPELLI, Mattia. *Touch*. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_JYHk_D5A44. Acesso em: 4 out. 2021.

VOU TE CONTAR

Élida Ferreira - Professora da Secretaria Municipal de Goiânia¹

Victor Gabriel Miranda Amorim - Cepae/UFG²

Convidamos você, leitor, a pensar em um estudante do ensino médio. Qual a imagem que lhe vem à cabeça? Ouso dizer que as imagens que talvez povoem sua mente são de uma pessoa jovem, adolescente, que pratica esportes, que talvez tenha inclinação para as artes, que ouve música e dança; alguns introvertidos, outros extrovertidos. Na escola, tem facilidade em algumas disciplinas, dificuldade em outras. Se identifica com alguns professores e colegas de classe, com outros nem tanto. Usa roupas largas e leves para facilitar seus movimentos, tem seus jeitos de se expressar por meio da fala e usa gestos próprios da idade.

Outro caminho que você pode ter percorrido é o de sua própria trajetória escolar, suas experiências e lembranças de um tempo e lugar com muito afeto, que não volta mais e que é, por isso, muitas vezes melhor do que o agora. Contudo, esse tempo/lugar é cheio de fantasias e afetos cristalizados em sua memória, que nem sempre representam totalmente a realidade, pois, na maioria das vezes, o que vem à tona são apenas as imagens prazerosas.

Pode ser que você se identifique com um jovem, adolescente, mais deslocado, ou mais descolado, que não se sente compreendido por seus pais e professores, meio “rebelde”, que quer experimentar

1 Mestre em Ensino na Educação Básica (PPGEB/Cepae/UFG). E-mail: elida.ped@gmail.com

2 Aluno do 3º ano do Ensino Médio (Cepae/UFG). E-mail: victorgabrielmirandaamorim@gmail.com

o novo, que não sabe o que vai ser quando crescer, qual profissão vai exercer, que quer ser diferente dos adultos que conhece, principalmente de seus pais.

Na verdade, existem inúmeras possibilidades, pois, enquanto sujeitos singulares, cada um de nós tem seu próprio modo de ser no mundo. Essas foram apenas algumas ideias para, quem sabe, nos aproximarmos desse tempo na história humana onde tudo é novo: a adolescência. Estamos nos acostumando a um corpo que não é mais o de criança e experimentando esse corpo de jovem, que nem sempre sabemos como funciona na verdade, tendo que encerrar uma etapa escolar e, talvez, buscar outra. O fato é que são muitas mudanças acontecendo ao mesmo tempo.

O curta-metragem *Vou te contar* é a história de um jovem, entre tantos outros. Seu nome é Victor Gabriel Miranda Amorim, ele tem 21 anos de idade e é estudante do ensino médio do CEPAE. No vídeo, ele vai nos contando um pouco de sua rotina diária.

Antes que eu continue, preciso esclarecer algo. Em uma primeira versão, era para que eu editasse o curta apenas a partir de fotos, pequenos vídeos e pinturas que o estudante fez, mas, senti falta de conhecê-lo, de falar com ele, para ter mais elementos que me ajudassem a organizar o roteiro. Assim, marcamos uma entrevista via plataforma de reunião online para conversarmos melhor e decidirmos qual seria o caminho a ser seguido.

A reunião foi gravada; conversei com ele e sua mãe. Victor mostrou-se bastante aberto, participativo e bem-humorado. Fui fazendo algumas perguntas e ele as respondendo de pronto. Não foi feito um roteiro prévio de perguntas; foi mais uma conversa, como quando queremos conhecer alguém. O que você faz durante o dia? O que mais gosta de fazer? Pratica esportes? O que mais gosta na escola? Quantos anos você tem? Com quem você mora? E, a partir dessa conversa, traçamos nossa direção.

A ideia principal continuou sendo a mesma, que ele fosse o protagonista do vídeo, com suas imagens, sua voz e sua subjetividade, assim como ele é o ator principal de sua vida, aquele que constrói sua própria história.

Na primeira tela do vídeo, é possível ver uma nuvem de palavras coloridas, que dão a ideia das inúmeras atividades praticadas por ele – se fôssemos nos aprofundar, teríamos muitas outras além das apresentadas. Victor Gabriel nos passa a impressão daquele primeiro olhar que lançamos quando conhecemos algo novo, olhar de frescor, curiosidade, alegria.

Fig. 1 - Nuvem de palavras - Élide Ferreira



Preferimos manter o áudio original do vídeo, sem acrescentar um fundo musical, a fim de valorizar o entusiasmo e a fala espontânea do nosso narrador/protagonista. Na entrevista, ele contou que estuda no CEPAE e disse que é uma escola nova, mesmo estudando lá há muito tempo, acrescentando, ainda, que gosta de estar lá. Falou também do seu interesse pelas aulas de arte do Professor Dr. Wanderley Alves dos Santos. Recebi fotos da exposição artística que ele participou, com suas pinturas de robôs (fig. 2 e 3), que fizeram parte do seu Trabalho de Conclusão de Ensino Médio - TCEM.

Fig. 2 - Exposição de Arte no CEPAE - Prof. Wanderley e Victor Gabriel



Fig. 3 - Robô - Victor Gabriel Miranda Amorim



Após falar um pouco sobre a escola, passou a relatar o que faz durante seus dias: gosta de tirar fotos de si mesmo, dos outros e com eles; fotografar-se sozinho ou acompanhado. Também pratica natação e é um ótimo nadador. Já participou de competições e leva o esporte a sério.

Fig. 4 - Victor Gabriel nadando - arquivo da família



Victor vai à academia fazer musculação para ficar forte. Atualmente, por causa da pandemia da COVID-19, ele passou a fazer videoaulas de capoeira e zumba em casa mesmo, pois o risco de contaminação ainda persiste e todo cuidado é pouco, segundo sua mãe. Esse curta-metragem foi feito no ano de 2021, em meio à pandemia.

Fig. 5 - Victor Gabriel se exercitando - arquivo da família



No início do texto, convidei-o/a a imaginar um jovem estudante do ensino médio, pois é assim que vejo o Victor Gabriel. Convido você agora a assistir o curta *Vou te contar*, que tem apenas 1 minuto e cinquenta e seis segundos. No curta, acredito que você verá

tudo o que descrevi no texto: um estudante do ensino médio realizando sua rotina escolar, mostrando seus interesses, na companhia e sob o olhar atento de seus pais e professores.

Talvez você ache que ficou faltando falar de algo mais específico, me aprofundar em algum assunto, mas, seja em um texto ou em um vídeo, sempre falta, não é mesmo? Não conseguimos dar conta da complexidade do humano e de suas relações.

Fig. 5 - Victor Gabriel em momentos diversos - arquivo da família



Link para o curta-metragem:

<https://youtu.be/zOcNHD8jIw8>

CRÉDITOS

Direção/Roteiro

Élida Ferreira

Personagem Principal

Victor Gabriel Miranda Amorim

Fotografia

Madeleine Miranda Amorim

Saulo Cândido Amorim

Prof. Dr. Wanderley Alves dos Santos

Desenho/Ilustrações

Victor Gabriel Miranda Amorim

Imagens de Arquivo

Arquivo da família de Victor Gabriel Miranda Amorim

Som (música)

Ambiente

Montagem/Edição

Alessandro Ricardo da Silva

Élida Ferreira

Entrevistados

Victor Gabriel Miranda Amorim

Madeleine Miranda Amorim

Pesquisa

Trabalho de Conclusão do Ensino Médio - TCEM

Agradecimentos

Agradeço a Victor Gabriel Miranda Amorim pela oportunidade de conhecer um pouco de sua vida; à sua mãe, Madeleine Miranda Amorim, pela colaboração afetiva; e à professora Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita, pelo convite para fazer parte desse projeto tão significativo.

Projeto de extensão

A Vida em Transição: diferentes olhares

PARTE II

O ENSINO COLABORATIVO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: POSSIBILIDADES PARA EFETIVAÇÃO DE UMA ESCOLA PARA TODOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Denizia Rosa Ferreira Alves - PPGEEB/CEPAE/UFG¹

Introdução

Este texto apresenta parte de minha dissertação de mestrado, intitulada *O ensino colaborativo nas práticas pedagógicas: possibilidades para efetivação de uma escola para todos na educação básica*, que teve como objetivo principal investigar as possibilidades de atuação de diversos sujeitos envolvidos na instituição escolar por meio de práticas pedagógicas colaborativas. Para tanto, nesse estudo, considerou-se que, para o desenvolvimento da escola para todos, é preciso que não haja a categorização dos alunos, valorizando, assim, suas habilidades e aprendizagens. O interesse em desenvolver um estudo mais aprofundado sobre esse assunto veio das experiências em sala

¹ Mestre em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/Cepae/UFG). E-mail: deniziarosa@gmail.com

de aula e pela percepção de que, comumente, a inclusão de todos os alunos na escola não vem acontecendo.

Para nortear a investigação, o projeto teve por problemática a seguinte indagação: “como incluir, por meio de ações colaborativas, todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem, sem que haja padronização/classificação/ exclusão dos sujeitos?”. Para alicerçar esse trabalho, elegi como base teórica da pesquisa os autores Maria Teresa Eglér Mantoan (2015), Maria José Esteves de Vasconcellos (2009), Jacques Rancière (2010), além de legislação esparsa e da Constituição Federal Brasileira (1988).

O percurso metodológico traçado na pesquisa-ação contou com a participação de professores, alunos, gestores, pais, profissionais de diferentes áreas do conhecimento e comunidade em geral, que, voluntariamente, somaram ao meu projeto suas experiências pessoais e profissionais. Enfim, desenvolvi uma rede colaborativa com esses participantes, na visão de um pensamento sistêmico.

O desenvolvimento da pesquisa com os alunos do Colégio Estadual Olavo Bilac levou-me a constatar que cada sujeito ali era capaz de experimentar a emancipação e a autonomia na construção do saber. E a produção dos curtas-metragens pelos educandos, que serão descritos e comentados ao longo deste texto, foi uma demonstração de quão longe pode ir o aluno quando visto como detentor de uma capacidade de não apenas aprender, mas de ensinar, de contribuir com todo o seu potencial criativo.

Dos antecedentes aos curtas: o processo do ensino/ aprendizagem colaborativo

O estudo que antecedeu as produções audiovisuais foi gerado, basicamente, por meio de um trabalho que passou por um processo de colaboração entre diversos sujeitos, lotados direta e indiretamente no Colégio Estadual Olavo Bilac, em Goiânia-GO.

Nas referidas aulas foram apresentados textos da disciplina Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual (PPGEEB/CEPAE/UFG), como os de Walter Benjamin, cuja obra e pensamento foram analisados em nossos estudos; e também figuras fraturadas, com base no projeto Imagem como Pensamento: diálogos com a filosofia e imagem em Georges Didi-Huberman, que foi estudado e, em seguida, ressignificado em minhas aulas no mesmo colégio.

Os trabalhos práticos, sustentados por essas bases teóricas, foram feitos pelos alunos valendo-se de recortes de revistas e jornais, ressaltando os temas atuais, como, por exemplo, as queimadas, as lutas em família, o desmatamento, as doenças que ameaçam a humanidade e outros temas de relevância reconhecida por todos. Pedi aos alunos que se organizassem em pequenos grupos e tirassem fotos ou recortassem imagens de temas variados, apresentando-as, depois, em forma de cartazes.

Em outra ocasião, ainda com base em estudos na disciplina Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual (PPGEEB/CEPAE/UFG), organizamos a sala em círculo para falarmos sobre o papel e o significado dos sonhos na vida do ser humano, em uma alusão a Sigmund Freud. O objetivo era trabalhar a representação das imagens na realidade, ou a desconstrução delas.

Também levei fotografias de alunos de outra escola onde trabalhei em 2019, os quais realizaram o projeto de apadrinhamento de 10 famílias da cooperativa de material reciclável. Organizamos, ainda, uma roda de conversa sobre o papel da educação para a sociedade e como ela pode mudar e intervir na vida das pessoas e em suas realidades. Todo o nosso trabalho fazia, em linhas gerais, referência à obra de Paulo Freire, autor que, entre outros, nos dava suporte teórico em nossas pesquisas.

Fizemos também a leitura de trechos da obra *Casca*, de autoria de Georges Didi-Huberman, com reflexão sobre o poder da imagem através dos tempos e a imagem como denúncia. Alguns curtas

exibidos na disciplina Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual (PPGEEB/CEPAE/UFG) também foram apresentados na sala de aula, como *Limite*, de Mário Peixoto (1931), sobre o poder da imagem, que, por si só, narra, a despeito da falta de palavras escritas ou pronunciadas. Esse curta foi apresentado aos alunos com o objetivo de trabalhar a influência e o impacto que a imagem não verbal, ou não escrita, exerce sobre as pessoas.

Outro vídeo que levamos, da lavra de Jorane Castro, intitulado *Invisíveis prazeres cotidianos*, foi o gancho que precisávamos para trabalhar o tema do poder dos blogs e das redes sociais; um espelho para a maior parte do público que acaba por se identificar com os personagens da projeção, com suas necessidades de *likes* e visualizações crescentes nas redes digitais, e, por certo, de serem aprovados sempre por seus “fiéis seguidores”. Era o vídeo que precisávamos para aquecer a turma e prepará-la para uma roda de conversa com o palpitante tema «Quem vê quer ser visto». Foram experiências muito boas porque os temas fazem parte do cotidiano dos alunos, que vivem hoje imersos nas redes sociais.

Outras atividades propostas se intensificaram no mês de novembro de 2019, com auxílio de outras aulas. Com o consentimento da direção da escola, os alunos podiam sair da sala para organizar as produções e a captação de imagens diversas para as filmagens.

Um outro exercício que fizemos foi o da escuta de qualidade dos alunos, assim como o exercício de reconhecimento da complexidade do sujeito, por meio de estudos voltados para o pensamento sistêmico, cujo suporte teórico encontramos na obra da professora Maria José Esteves de Vasconcellos (2009). Por isso, o reconhecimento da verdade do outro, que nos leva a acatar outras descrições que não sejam exatamente as nossas ou de quem seja nosso “escolhido”. Isso traz como resultado nossa capacidade de reconhecer a intersubjetividade presente no nosso meio ambiente social, familiar, profissional e, por certo, escolar.

Os alunos selecionados foram convidados a participar durante uma reunião realizada no interior da escola, em horário regular de aula, ocasião em que estiveram presentes os educandos, participantes da pesquisa, seus responsáveis legais e a diretora da unidade escolar indicada. Após a reunião, os responsáveis legais pelos alunos foram convidados para uma conversa em particular, de forma individualizada, em que foram esclarecidos todos os aspectos da pesquisa, inclusive a garantia de preservação da imagem e anonimato dos participantes, uma vez que tal exigência é uma segurança para cada uma das partes envolvidas e expostas no trabalho.

A participação de cada um dos estudantes na pesquisa foi voluntária, livre de qualquer pressão ou promessa por parte da professora, após autorização dos responsáveis legais dos educandos. Para tanto, foi providenciada a assinatura do termo de consentimento livre/voluntário.

Partimos para a prática de construção de um painel de imagens com recortes e narrativas para possíveis temas das produções audiovisuais, com revistas de diversas variedades e informações, como *Veja*, *IstoÉ*, *Galileu* e outras similares. Os alunos fizeram pequenos grupos relacionais e foram estimulados a buscar imagens para, então, produzir algo escrito ou por meio de colagem, a respeito do tema encontrado nas publicações, devendo relacioná-lo à sua própria experiência ou conhecimento prévio do assunto que havia despertado o seu interesse. Ou seja, era uma atividade que corrobora, mais uma vez, o didatismo brilhante já citado neste trabalho: “Para ensinar a turma toda, parte-se do fato de que os alunos sempre sabem alguma coisa, de que todo educando pode aprender, mas no tempo e do jeito que lhe é próprio e de acordo com seus interesses e capacidades” (Mantoan, 2015, p. 71).

Fig. 1 - Recortes e pesquisa para criação de painel de ideias



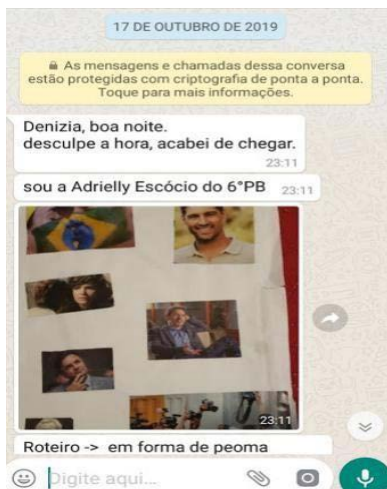
Fig. 2 - Inspiração e criação em sala a partir dos recortes no quadro de ideias



Fig. 3 - Ideias que fluem dos recortes. Retratos do cotidiano em reflexo no painel



Fig. 4 - Compromisso em elaborar painel. Colagem de imagens significativas



O objetivo do trabalho era despertar o lado curioso e o interesse dos alunos por temas relevantes da atualidade. Separamos os temas em pequenos grupos e, em seguida, os alunos buscaram nas revistas imagens relacionadas a eles. A partir das imagens, foram desenvolvidos os enredos para cada figura, podendo ser ficção ou uma história real. Cada aluno deveria, em seguida, relatar no seu caderno o que fora debatido, dando, assim, a oportunidade a cada um de demonstrar sua capacidade de se expressar e de se deixar conhecer melhor pelos colegas.

A cada momento, diante de qualquer experiência, por mais simples que pudesse parecer, pudemos ver a riqueza da variedade de talentos, aptidões e aspirações do indivíduo. “Uma característica central da visão sistêmica é sua não linearidade: todos os sistemas vivos são redes complexas - isto é, são, em um alto grau, não lineares” (Capra, 2016, p. 15), ou seja, cada sujeito revela, a cada instante, não estar na mesma linha reta junto com os demais. E os demais também não estão. As relações em sala de aula são um recorte do que existe em tudo, e em todos os meios. Prevalece, como vemos por meio da visão sistêmica, que todos guardam sua individualidade

e subjetividade. Mas, estamos todos, também, num campo de forte influência que emana do entusiasmo de nosso semelhante. Ou seja, mesmo que determinado aluno não tenha interesse, por exemplo, por futebol, poderá ficar impactado com a exposição de imagens e com a forma como o aluno “apaixonado” pelo referido esporte se expressa e expõe as ideias registradas em seu painel. Isso pode acontecer com os mais variados assuntos. Assim, a experiência do “quadro de ideias” evidenciou também uma característica de “uma mente sistêmica”, que é a aptidão para acatar outras descrições a fim de revelar a intersubjetividade, a variação de particularidades, talentos, propensões e opiniões a respeito dos mais variados assuntos (Vasconcellos, 2006, p. 151). E, até mesmo para que ficassem mais evidentes as “digitais” dos alunos, e não as desta professora, evitamos dar explicações sobre como eles deveriam colocar as imagens e sobre a forma de expressá-las.

É importante ressaltar que a pesquisa foi feita com os alunos nas escolas mencionadas durante o período letivo. Assim, evidentemente, como profissional, tinha o compromisso de observar não apenas o cumprimento do cronograma da pesquisa, mas, também, o conteúdo programático determinado pela Secretaria de Educação. Eram atividades ministradas simultaneamente, para que nenhum lado ficasse prejudicado. Isso aconteceu no início da pesquisa, pois, algum tempo depois, a direção da escola aceitou que eu priorizasse a pesquisa, enquanto os demais professores continuariam com o cronograma normal.

O processo colaborativo

A princípio, não tinha intenção de trabalhar as produções audiovisuais com todas as turmas. Ficariam com as outras turmas apenas o recorte de imagem e o painel das ideias. Mas, os outros alunos, ouvindo que faria um curta naquela turma, também quiseram fazer,

numa demonstração do poder de influência que os envolvidos exerciam sobre os demais. O processo colaborativo foi gravado e está disponível no *link* <https://www.youtube.com/watch?v=XwvEC--eZlE>

Na primeira reunião com o grupo escolar, apresentei o projeto de pesquisa e propus, de imediato, um trabalho interdisciplinar sobre a obra do poeta popular Patativa do Assaré, que os alunos conheceram a partir de alguns textos publicados no material de apoio da Secretaria de Educação do Estado (material utilizado por eles). Imaginei, inicialmente, que poderia haver um eixo comum entre as disciplinas, e que poderia gerar, com isso, ótimas produções.

Fig. 5 - Primeira reunião na escola com professores. A gênese do projeto



Fig. 6 - Início dos primeiros ensaios e “plantio da semente”, com discussão de tema



Devido ao fato de o artista ser popular e utilizar uma linguagem simples e acessível, a ideia agradou os alunos. Além disso, eu queria muito tomar esse artista como tema de nossas pesquisas e trabalhos. Isso porque, em alguns de seus textos, havia personagens que recebiam muitos rótulos e discriminação; e, também, porque ele era, de certa forma, um artista autodidata e, possivelmente,

emancipado.² Parecia que havia construído uma inteligência com base em sua própria experiência, e não como fruto de influência da educação formal.

Adaptando o material didático da Superintendência de Ensino Médio para as produções audiovisuais

Fig. 7 - Atividade em material didático. Patativa do Assaré (1)

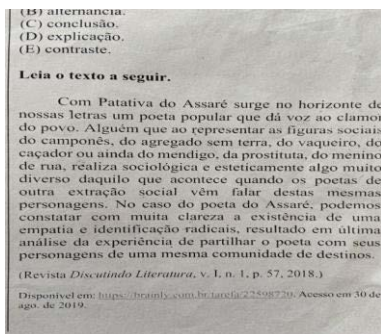
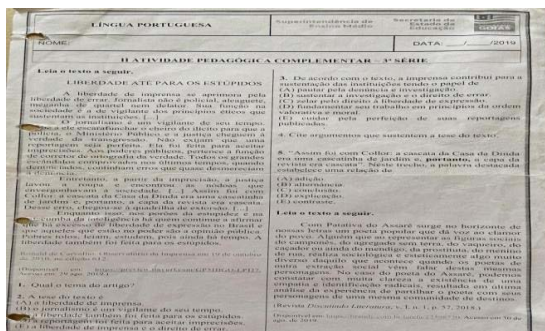


Fig. 8 - Atividade em material didático. Patativa do Assaré (2)



2 Refiro-me, aqui, ao termo «emancipado» adotado por Jacques Rancière na obra *O mestre ignorante* (2010) e, em especial, em sua explicação, no texto *O espectador emancipado* (2008), quando faz «uma reflexão sobre a teoria excêntrica e o destino estranho de Joseph Jacotot, um professor francês que, no início do século XIX, agitou o mundo acadêmico ao afirmar que uma pessoa ignorante poderia ensinar a outra pessoa ignorante o que ela mesma não conhecia, proclamando a igualdade de inteligências e exigindo a emancipação intelectual no lugar da sabedoria recebida no que diz respeito à educação das classes mais baixas». Disponível em: <http://www.questaodecritica.com.br/2008/05/o-espectador-emancipado/>. Acesso em: fev. 2022.

Depois da escolha das imagens e de discussão, houve a apresentação dos trabalhos para os colegas, ampliando o diálogo e levantando outras hipóteses para o tema. “Compreender não é mais do que traduzir, isto é, fornecer o equivalente de um texto, mas não sua razão” (Rancière, 2010, p. 27).

Sáimos com frequência da sala de aula, em rodas de conversa. Nossa equipe de professores não tinha domínio das técnicas de edição e de filmagem, mas “não era o saber do mestre que ensinava ao aluno, nada o impedia de ensinar outra coisa além de seu próprio saber: ensinar o que ignorava” (Rancière, 2010, p. 33).

Ter participado da disciplina Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual (PPGEEB/CEPAE/UFG) durante o mestrado foi algo marcante para minha formação, pois despertou em mim a inspiração para desenvolver com meus alunos do ensino médio, estudantes no Colégio Olavo Bilac, onde desenvolvi minha pesquisa, um trabalho semelhante ao que foi realizado durante a disciplina. E, para isso, para que os educandos pudessem, também, se despertar e se entusiasmar com a possibilidade de um trabalho parecido, convidei os estudantes Kaio Régis e Gabriel Rodrigues para visitar minha escola. O objetivo do convite foi para que eles conversassem com os alunos sobre a produção que eles haviam feito como Trabalho de Conclusão de Ensino Médio (TCEM), no Cepae/UFG, e que explicassem como haviam chegado à escolha do tema.

No dia 20 de setembro de 2019, os dois alunos foram ao colégio, ocasião em que pudemos presenciar uma troca muito preciosa de conhecimentos entre os convidados e os anfitriões. Estes fizeram perguntas pertinentes ao tema, que levaram ao aumento do interesse pela produção de vídeos, acreditando que a experiência dos convidados era um estímulo para produções tão relevantes quanto aquelas que acabavam de contemplar.

Os alunos convidados haviam passado por um processo de emancipação e amadurecimento que os qualificava a incentivar

os nossos alunos a trilhar o mesmo caminho. Com Rancière (2010, p. 65), aprendemos que “só verifica sua inteligência aquele que fala a um semelhante, capaz de verificar a igualdade das duas inteligências”.

Cinema se aprende vendo e fazendo

Como parte das atividades da disciplina Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual (PPGEEB/CEPAE/UFG), fizemos uma visita a um auditório da universidade, no dia 14 de outubro de 2019. O objetivo era participar do evento Experiências Colaborativas: trabalho de campo e narrativas audiovisuais, cujo convidado especial era o professor José Ribeiro (FAV/UFG).

Na ocasião, houve uma troca bastante proveitosa de experiências entre professores e alunos. O tema central do evento girou em torno da captação de imagens significativas para a produção de um vídeo, com diversas orientações para que o resultado das produções expressasse o aspecto profissional e, ao mesmo tempo, poético, com imagens, palavras e, sobretudo, a presença, às vezes oculta, do produtor, como meios condutores de emoção e verdade.

A fim de experimentar no colégio, como professora, o que eu, aluna, aprendia no mestrado, já no dia seguinte, 15 de outubro de 2019, iniciei o processo de ressignificação, levando o conteúdo previamente aprendido para o contexto dos meus alunos. Na escola, continuamos a apresentação dos curtas indicados pela disciplina, com orientações relevantes acerca da captação de imagens, escolha de um tema e trilha musical coerente com as imagens captadas pelos produtores dos vídeos.

Um dos aspectos positivos observados nessas ressignificações foram as apreensões sempre crescentes por parte dos alunos. Cada vez que eu, como professora, levava algo novo, era um estímulo

maior para as produções. E os depoimentos de outros estudantes da mesma faixa etária e grau de instrução, além das experiências de outros com mais idade, também serviam como notável estímulo para os curtas que, em breve, os alunos estariam apresentando em suas mostras. “Há inteligência ali onde cada um age, narra o que ele fez e fornece os meios de verificação da realidade de sua ação” (Rancière, 2010, p. 55).

Dias depois, em 5 de outubro de 2019, os alunos do colégio colocaram em prática as orientações acerca da captação de imagens, após ressignificação do conteúdo estudado por mim na disciplina do mestrado, e saíram para o pátio em busca de imagens flagrantes que poderiam, de uma forma ou outra, expressar algo sobre sua realidade.

Fig. 9 - Assembleia Universitária sobre o Future-se. Centro de Cultura e Eventos da UFG



Fig. 10 - Exercício fotográfico durante a Assembleia Universitária sobre o Future-se. Centro de Cultura e Eventos da UFG

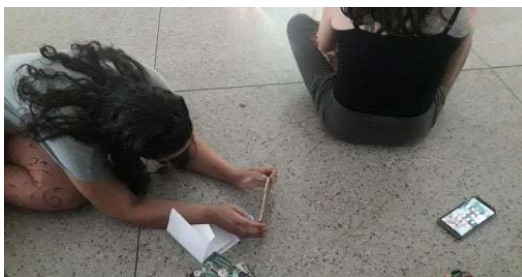


Fig. 11 - Ressignificação da aula no ensino médio. CEOB. Alunos captam imagens (1)



Fig. 12 - Ressignificação da aula no ensino médio. CEOB. Alunos captam imagens (2)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Depois de uma primeira reunião e tendo sido acordado como seria a prática pedagógica e onde cada professor iria atuar, a produção da coletânea dos curtas partiu para as rodas de conversa dos temas e para a colaboração efetiva dos professores e da equipe diretiva, pensando sistemicamente, respeitando a complexidade da instabilidade e da intersubjetividade dos sujeitos e do mundo em que eles estão. Houve uma transformação do paradigma de inclusão: incluir a todos, sem classificação ou rotulação.

Na primeira reunião, definimos que iríamos reconhecer a constituição da realidade que os alunos traziam e validar as inúmeras realidades. E, como professores, padrinhos e observadores, nos incluímos nesse trabalho, ensinando e aprendendo com os educandos.

Nesse processo todo de produção, houve diversas situações em que se observou a prática da inclusão. Colegas com dificuldade de se comunicar receberam apoio e encorajamento dos demais alunos participantes dos curtas, além, evidentemente, do apoio mútuo ao elaborar os roteiros. Alguns emprestaram acessórios de uso pessoal para que outros pudessem compor o visual de seu personagem. Até os familiares se envolveram de maneira intensa. Uma mãe levou vários colegas da filha para sua casa, para que pudessem estudar o roteiro, ensaiar e gravar, e chegou a emprestar o carro para a gravação de uma cena. Formou-se, enfim, uma rede colaborativa, visando um único fim: a participação e educação de todos.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (Freire, 2021, p. 26).

Trabalhamos, assim, os espaços de intersubjetividade, reconhecendo o sistema escolar complexo de alunos e professores e o fato de que o ensino e a aprendizagem colaborativos precisavam estar de mãos dadas com a decência e com a seriedade. Isso nos permitiria ampliar o foco de observação dos temas dos curtas pela variedade de observadores.

Como professora, vejo minhas salas como um recorte do mundo, um pedaço da sociedade “lá de fora”, com alunos que são pessoas das mais diversas características, origens, opiniões, cores, opções, preferências e classes sociais. E todos, unidos na mesma sala, dão a ela o aspecto de um ambiente onde há vida; a vida que se faz e se mostra com suas diferenças.

Todos têm algo a acrescentar, se há entre eles a decisão de produzir um curta, por meio da linguagem audiovisual. Inicialmente, há que se ter uma ideia, um enredo, na mente; uma mente criativa e sensível que pode ter “germinado” uma história a ser, mais do

que contada, mostrada. E, até chegar a esse estágio de ser “vista”, muitos talentos terão colaborado com os demais.

A um aluno, com aptidões para o desenho, por exemplo, pode-se dar a incumbência de desenhar os cenários e cuidar do aspecto visual dos atores. A outro ou outra, que goste mais de falar e tenha aptidão para interpretar e memorizar, pode ser dado o papel de uma das personagens. Outros cuidarão das músicas, outros da filmagem, outros da luz. Enfim, toda uma equipe levantada com sujeitos retirados do grupo de alunos, todos dotados de talentos e habilidades que, somados, darão vida ao produto elaborado pela turma. Isso foi o que de mais rico vi acontecer em minhas oito turmas. Como professora, pude testemunhar o papel inclusivo na produção dos curtas pelos alunos. Posso afirmar, sem dúvida, que praticamente todos participaram de uma forma ou de outra nos trabalhos, sendo que alguns envolveram até mesmo seus familiares.

Portanto, estender a compreensão sistêmica da vida ao domínio social significa aplicar o nosso conhecimento dos padrões e princípios de organização básicos da vida, e, especificamente, a nossa compreensão das redes vivas, à realidade social. (Capra, 2014, p. 378).

O interesse demonstrado pelos alunos do Colégio Olavo Bilac pela linguagem audiovisual deu-se, entre outros motivos, pelo interesse em falar da realidade que os cercava. E, num segundo plano, por se verem como partes de uma rede viva, sendo que poderiam, cada um deles, de maneira individual, contribuir numa certa medida. Unindo-se a outros, em uma colaboração, o resultado poderia ser melhor ainda.

Nós temos textos e pesquisas que apontam que mais de 70% dos vídeos estudantis hoje no Brasil falam sobre questões sociais, como empoderamento feminino, questões raciais, bullying, e afetividade, são questões que a sociedade tem debatido até mesmo

no Congresso Nacional e esses alunos com 12, 13, 15 anos de idade estão vivenciando tais questões e querem falar, querem ter a sua opinião, mostrar um pouco também do que eles querem apresentar e debater. (Silva, 2020, p. 150).

A escolha pela linguagem audiovisual foi feita por ser ela uma linguagem que possibilita mais o trabalho coletivo entre os estudantes, e também porque nela há diferentes possibilidades de funções a serem realizadas. Dessa forma, todos os sujeitos, em suas diferenças e habilidades, podem, de alguma forma, encontrar o seu espaço para participar na construção do projeto com que mais se identificam.

A linguagem audiovisual é uma das modalidades de interação moderna que exercem, talvez, o maior fascínio sobre as pessoas, em especial os jovens. Cores, movimentos, sons, comunicação direta, com textos ou apenas imagens que, por si sós, podem ser tão eloquentes quanto palavras ditas em sussurro ou através do grito.

Por ser uma modalidade de interação, é mais uma opção à disposição da pessoa que queira se expressar. Não está acima das outras modalidades, como a escrita e a fala, mas pode ser um instrumento para ampliar a voz e dar vida à escrita. Isso porque não é composta por uma única linguagem, mas por ao menos três modalidades de linguagem: a verbal, a visual e a musical (ou sonora). E a mensagem que chega ao destinatário/telespectador é resultado de um somatório dessas e de outras modalidades de linguagem.

Por sua característica de conjugação de linguagens que veiculam uma mensagem específica a seus destinatários, estejam eles em frente a um televisor, computador ou celular, a linguagem audiovisual pode requerer, em outras palavras, um somatório de talentos. O talento é um substantivo abstrato, que requer alguém para que se manifeste. Ou seja, requer uma pessoa por trás, alguém que faça algo acontecer.

O mais interessante que verifiquei é que, como professora, sugeri, provoquei os alunos, levando-os a acreditar no potencial que

cada um deles tinha, e que, com todos unidos no mesmo propósito, o resultado seria fascinante. Assim, quando eles produziram os vídeos, eles mesmos escolheram os temas. Como professora, sugeri alguns temas, mas eles organizaram, eles correram atrás de tudo o que necessitavam. Foram, enfim, os verdadeiros produtores. Não fui eu quem fez; eles fizeram.

É claro que, devido à idade e à falta de experiência, eles contaram com todo o apoio, não apenas meu, mas de todos os outros colegas professores e da coordenação da escola, uma vez que nossa rede ali era composta por uma equipe muito grande e articulada, formada por alunos, professores, coordenadoras, diretora, familiares dos alunos e até mesmo membros da comunidade próxima à escola, que, em uma atitude de incentivo e admiração pelo trabalho proposto, presentearam os professores com copos personalizados com referência ao Primeiro Festival Curta os Curtas do Olavo Bilac.

Quando ele [o aluno] diz que não sabe gravar, ele pesquisa um vídeo que o ensina a gravar, ou que não sabe editar, vai lá pesquisa um vídeo que ensina a editar, ou seja, sempre que disser ou pensar que não sabe fazer isso, ele sozinho correrá atrás, ele tem que ir onde está o conhecimento. (Silva, 2020, p. 149).

Com o objetivo traçado desde a primeira reunião, de seguir um caminho democrático, com liberdade de escolha de temas e com a presença dos professores/padrinhos criativos e instigadores, os trabalhos foram, pouco a pouco, sendo produzidos.

Segunda Reunião

Na segunda reunião, houve uma surpresa. O volume dos trabalhos aumentou muito em comparação ao primeiro encontro. No início, a previsão era de 1 (um) trabalho para cada turma. De repente, a expectativa aumentou bastante, saltando para 4 (quatro)

trabalhos para cada turma. Houve uma explosão de animação, envolvimento e paixão dos alunos. Não é exagero afirmar que todos participaram, de uma forma ou de outra, o que confirmou o valor do processo de auto-organização do sistema. Muito do que se observou nesse projeto foi alcançado pelo aspecto democrático que sempre procuramos imprimir em tudo o que fizemos.

O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário» meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (Freire, 2021, p. 28).

Acredito que, como professores, quando lançamos a proposta, já não temos mais o controle do que virá depois. A elevação nos números de trabalhos produzidos foi a confirmação de que ninguém controla o processo de produção dos alunos. Pois, se o que servimos a eles é a liberdade para produzir, não podemos prever o nível de “fertilidade criativa” de cada um, muito menos quando eles se somam como turma bem engajada e articulada.

Diante dessa experiência, parece viva a mensagem do livro bíblico conhecido como *Eclesiastes*, de autoria do homem apontado como símbolo da sabedoria, Salomão, que diz: “Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás” (Ec 11:1) e “semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas” (Ec 11:6). Ou seja, o que é lançado

com generosidade, mesmo que seja pouco, apenas um pão, ou uma semente, voltará para nós de maneira multiplicada, para alimentar e satisfazer a todos.

O que parecia, inicialmente, para alguns, ser apenas mais um “trabalho escolar” para lançar nota no diário, tornou-se um evento, uma experiência que marcou alunos, professores e toda a comunidade envolvida. Todos saíram com uma sensação boa de saciedade e experimentaram a percepção de crescimento, como a semente que é enterrada e que um dia nasce, cresce e se torna uma árvore frutífera, pois semeada e regada em colaboração.

O ensino/aprendizagem colaborativo ajudou nesse reconhecimento de ser parte do sistema e, ao mesmo tempo, atuar nele. A pesquisa proporcionou essa perspectiva de “construção” em parceria dos curtas: professores com professores se ajudando; aluno com aluno se ajudando; e todos buscando soluções para aquilo que não estava dando certo. Todos caminhavam na mesma direção e com o mesmo objetivo.

Diante de tudo isso, nós, os professores, já com a realidade dos curtas produzidos pelos alunos, nos reunimos para avaliar os seus desempenhos. E, como nosso sistema de ensino exige “uma nota” para o aluno “ser aprovado”, decidimos mudar o critério tradicional de avaliação, não nos pautando pela qualidade e resultado do trabalho produzido. Assim ficou decidido nessa segunda reunião: outros critérios seriam utilizados por nós, professores.

Mais do que avaliar o produto, como resultado, vale apreciar a intensidade do envolvimento de cada um ao elaborar o trabalho

Concluimos que, muito mais que avaliar o produto, como resultado, vale apreciar a intensidade do envolvimento de cada um ao

elaborar o trabalho — a presença de cada aluno na equipe, o sorriso estampado no rosto ao ensaiar as falas e errar mais de uma vez, até que ficasse conforme pedia o roteiro. Enfim, o estar presente de maneira constante, numa intensa colaboração e suporte mútuo, foi uma prova que obtivemos da relevância do ensino colaborativo experimentado na escola.

A avaliação muda de sentido para ser coerente com as inovações propostas pela inclusão. Acompanha-se o percurso de cada estudante do ponto de vista do desenvolvimento de seus conhecimentos para resolver problemas de toda ordem, mobilizando conteúdos acadêmicos e outros meios que possam ser úteis para chegar a soluções pretendidas. (Mantoan, 2015, p. 74).

Como pesquisadora nesse trabalho, firmei minhas observações nas relações colaborativas. A linguagem audiovisual foi muito útil para analisar o ensino colaborativo para a educação de todos. O que ampliou minha observação foi o instante em que me deparei com a possibilidade de fazer os curtas-metragens. Não sozinha, mas fazendo parte de uma equipe tão variada de pessoas, sob a minha coordenação, como professora que instiga e provoca os alunos para que cada um desperte o potencial de criatividade e talento acumulados dentro de si.

Inspirada por essas perspectivas, desenvolvi o produto educacional de minha pesquisa: a coletânea de curtas-metragens dos alunos, feitos através das “práticas pedagógicas colaborativas na educação para todos”, dos professores, do grupo diretivo e de responsáveis, juntamente com ações colaborativas realizadas entre os alunos.

Na segunda reunião, fizemos também a avaliação dos 23 (vinte e três) curtas produzidos pelos alunos, que eram trabalhos feitos com a colaboração destes e dos professores — algo assaz marcante para todos, especialmente porque evidenciou o reconhecimento da complexidade das relações sociais e econômicas que atingem a rotina da sala de aula.

Os produtores dos curtas foram alunos do período noturno. Esses alunos possuem uma característica que os torna especiais em relação a outros estudantes, do turno matutino, por exemplo. Eles têm uma rotina de trabalho pesada, morando longe e, alguns, com dificuldade financeira, o que, por vezes, os impede de frequentar as aulas. Ou seja, percebe-se que existe uma série de semelhanças entre os atores e os personagens. Daí a paixão com que eles se envolveram no trabalho de produção dos curtas.

Alguns alunos já sofriam com *bullying* por estarem perdidos na rotina de sala e serem rotulados como dispersos, atrasados, desinteressados. Existe mesmo uma “tradição” de classificar, rotular dessa forma os alunos que estudam no período noturno. Em alguns casos, devido a tantos rótulos que foram atribuídos a eles, muitos deixam de estudar ou permanecem apenas de corpo presente, numa postura de alunos frustrados. Mas, a produção dos curtas mudou isso na vida de muitos, pois todos os estudantes puderam participar. O trabalho que fizemos, ao longo dos meses, levou as turmas a ver a importância do trabalho colaborativo e o sentido da inclusão. Todos tiveram o mesmo propósito, sem haver a exclusão de ninguém. Não houve qualquer tipo de *bullying* social. Os alunos, professores e coordenadores que atuaram no curta como personagens também ajudaram a promover as adaptações, a criar outros espaços de participação na produção que garantissem a inclusão de todos em um projeto único, para todos.

Tal adaptação à realidade dos alunos serviu para mostrar a capacidade de atingir um grande grupo de pessoas e verificar que a sua permanência na escola, participando de tudo o que nela acontece, é mais que um direito; há de ser uma grande alegria para os estudantes.

Nos curtas, percebe-se a participação de diferentes alunos, no começo, meio e fim. Mas, o trabalho não se resume ao momento em que determinado aluno está “em cena”. Mesmo quem não apareceu,

ou apareceu muito pouco, teve seu mérito creditado. Pois, a preparação, a organização para a gravação, a escolha das músicas e outros detalhes indispensáveis contaram com todos.

Como bem respondeu um professor participante da pesquisa, em questionário feito: “cada indivíduo tomou conhecimento do projeto, se apropriou dele e se adaptou de forma a colaborar e levá-lo à execução». Ou seja, o valor de quem está em cena é o mesmo de quem segurou a câmera, preparou o cenário ou escreveu o roteiro. Como já dito, esse foi um trabalho colaborativo que buscou a participação de todos, sem exclusão e, muito menos, rotulação de qualquer pessoa.

Os curtas-metragens foram uma forma de adaptar as atividades intelectuais dos alunos à realidade que os tocava, e proporcionaram uma ótima conectividade entre os alunos e demais participantes, na percepção e adaptação de cada sujeito envolvido, segundo o que cada um podia contribuir naquele momento específico para o projeto Curta os Curtas. Mas, foi também um momento importante para a escola, que, usando a adaptação audiovisual para trabalhar de forma sistêmica com todos os alunos do noturno, possibilitou a ela também o poder de se conectar com a sociedade em geral.

Houve uma expressiva participação das famílias, da comunidade escolar, de amigos dos alunos e professores, e outros interessados, além de representantes da Secretaria da Educação de Goiás, todos presentes em um cinema da cidade, especialmente reservado naquela noite para acolher os idealizadores do Festival Curta os Curtas.

Uma das professoras participantes conseguiu sintetizar a grande emoção que todos sentiram naquele evento:

Ressignificar é um termo imensamente poderoso, sobretudo, se referindo às práticas pedagógicas voltadas para as necessidades encontradas na escola. Estamos em constante renovação, tudo muda à nossa volta. Essas mudanças permitem avanços e retrocessos como trajetória histórica e social. Aqui

procurando corresponder a uma perspectiva inclusiva. Adaptar conceitos, ações e projetos para fazer a diferença é uma forma de ressignificar para a recriação de uma nova experiência. Através desse procedimento, das adaptações, pode-se criar o inusitado que funcione perfeitamente para a transformação da realidade. O importante é experimentar, criar, adaptar para que todos sejam contemplados com relação à participação e as estratégias busquem sempre atingir o sucesso da aprendizagem, através de um ensino colaborativo.

A linguagem audiovisual também outorga ao projeto a possibilidade de visibilidade por outras pessoas em diversos lugares, e não somente naquela “noite de gala”, com transmissão ao vivo por alguns presentes. O fato de estar disponível ainda hoje na internet permite que inspire a outros que queiram embarcar na mesma ideia, produzindo outros vídeos em suas escolas. Assim, percebe-se que a colaboração pode ir muito além de nossa possibilidade de estar fisicamente juntos, próximos. Vale mais a intenção e seguir o mesmo propósito, como na clássica canção de Geraldo Vandré que diz: “Somos todos iguais, braços dados ou não”.

Os temas mais repetidos pelos alunos foram: drogas, *bullying* e lixo. O interesse que se repete nos revelou que o mesmo tema pode ser visto e abordado sob diferentes ângulos. Isso acaba por enriquecer as discussões e os debates entre as turmas. Era uma tentativa, um alerta, uma chamada de atenção para a relevância do tema e para os problemas que se repetiam na vida deles, tanto dentro quanto fora da escola (a exclusão, a violência, o *bullying* etc.). Uma vez que a complexidade do sujeito é ampla, deve ser entendida nesse novo paradigma de complexidade do mundo em que vivemos, onde o aluno está inserido.

Isso merece ser visto também na ótica da visão sistêmica: concordar que devemos ir mais, por novos caminhos, e encontrar meios de ensinar, além do modo tradicional, mostrando a necessidade de

dar mais espaço e voz aos alunos, fazendo com que os conteúdos sejam ressignificados, representando a produção de conhecimento de todos, por todos e para todos.

Um dos professores participantes da pesquisa assim analisou sua experiência coletiva junto aos colegas:

A meu ver, todo e qualquer conceito pode ser ressignificado. Entretanto, isso perpassa pelo momento histórico vivido, pela percepção daquilo que é praticado. Para isso, os profissionais envolvidos devem sempre estar atualizados às novas técnicas e metodologias que surgem. Com o passar do tempo, o estado também deve estar atento às mudanças sociais e tecnológicas. E o principal é que deve haver interesse para que haja essa ressignificação.

Assim, como bem abordou o professor, a forma de educar deve considerar as novas tecnologias. E, acreditando no resultado que a linguagem audiovisual estava nos dando, convidamos um representante da Secretaria da Educação do Estado de Goiás para assistir à mostra de vídeos produzidos por nossos alunos. Fizemos isso porque tínhamos a crença de que a ressignificação ou adaptação também necessitaria passar por este órgão, através das políticas públicas para que a escola se torne cada vez mais de todos.

Esse trabalho com o uso da linguagem audiovisual se destacou por passar pela vivência de uma filmagem colaborativa e inclusiva. Os alunos, professores e familiares atuavam de maneira mais efetiva para incluir o outro. A turma toda estava envolvida nesse projeto. “A mudança está relacionada com a reflexão” (Vasconcellos, 2005, p. 35). As mudanças de paradigmas só podem ocorrer por meio de vivências, de experiências, de evidências que os colocam frente a frente com os limites dos próprios paradigmas presentes.

As ações colaborativas na educação para todos nos proporcionaram também a capacidade de ampliar o foco. A produção audiovisual deu ao grupo escolar e aos alunos narrativas, escri-

ta e vivência em locais como praças, ruas e espaços públicos com um novo olhar. Também deu a eles a oportunidade de focarem em suas próprias relações, aceitando as contribuições, incluindo e respeitando, sem rotular, a forma como o outro enxerga o mundo a que pertence. Deu aos alunos e professores uma constante transformação do conhecimento coletivo e individual advindo das inter-relações desenvolvidas.

Que impacto pode ter o leitor ao se deparar com um trabalho elaborado a partir da ótica sensível de um grupo de alunos que, cientes de seu papel de sujeitos da produção de sua inteligência do mundo – e não apenas de recebedores –,vão muito além daquilo que, normalmente, se espera do chamado “trabalho escolar”?

Por meio de uma proposta feita por esta professora, em sala de aula, para que os educandos pudessem, como um todo, buscar e experimentar o resultado de um trabalho pautado no ensino colaborativo, no qual todos são agentes ativos, foram produzidos 23 curtas. A proposta feita por esta professora e apresentada como amostra do acervo foi obtida com o esforço de toda a equipe, empenhada em fazer não apenas mais uma “tarefa escolar”, mas participar de um projeto em que todos são arquitetos de sua própria prática cognoscitiva (Freire, 1996, p. 121).

Inicialmente, faz-se necessária uma breve explicação sobre o desenvolvimento do ensino colaborativo entre os educandos e, por certo, da resposta afirmativa que cada um deles tem dado a essa proposta.

Desde o início de nossa pesquisa, tivemos, como objetivo primordial, a ideia de que o ensino colaborativo para uma educação para todos não admite, ou não comporta, a classificação ou a rotulação de nossos alunos de acordo com características pessoais que, aos olhos dos outros, poderiam ser algo negativo, sem chances de acrescentar algo positivo no resultado de qualquer trabalho. No curta *O lixo não se cria sozinho*, um dos 23 curtas apresentados, o que

vimos foi o ensino/aprendizado colaborativo sem a rotulação de sujeitos, pois considera o valor individual de cada pessoa.

O valor individual, de cada aluno, de cada pessoa, de cada trabalhador resultou no sucesso coletivo, não só no ambiente escolar, mas fora dele, interferindo e afetando outras pessoas que atuam na sociedade, que, às vezes, são invisíveis.

Este é o pensamento comungado pelo eminente pedagogo Paulo Freire:

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Freire, 1996, p. 25).

Essa posição de Freire é uma demonstração da quebra de paradigma ensinada por Vasconcellos, que incorporamos também em nossa prática de ensino colaborativo, tendo nossos alunos como participantes ativos, sujeitos que, em suas diferenças como partes fundamentais, compõem o todo (Vasconcellos, 2006).

E foi como agentes, participantes ativos e transformadores de realidades, que os educandos se organizaram em grupos para colocar em prática a produção de seus curtas. Todos os agentes envolvidos em uma produção dessa natureza foram representados de maneira ativa e intensa, com emoção, entusiasmo e alegria, como bem nos ensina o mestre Paulo Freire, ao demonstrar que alegria e esperança são requisitos essenciais do ofício de ensinar.

No projeto de produção dos curtas, alunos com idades entre 15 e 18 anos, estudantes do ensino médio no Colégio Estadual Olavo Bilac, em Goiânia, reuniram-se para produzir curtas nos quais pudessem não apenas “entreter a plateia”, mas instigar o debate sobre

os mais diversos temas e assuntos que fazem parte, de uma forma ou de outra, da vida de cada um deles.

Cada um dos grupos cuidou do que poderíamos chamar de mapeamento de funções para a produção dos curtas. Desde a elaboração do enredo, organização do cenário, preparação dos atores, trilha sonora, escolha de locação, participação de convidados de fora do círculo da escola, até a arrecadação de patrocínio, em alguns casos, para produção de vestimentas, montagem de ambientes etc. Houve um envolvimento surpreendente em que cada um dos educandos, de fato, demonstrou sua “capacidade de arriscar-se, de aventurar-se” contra o poder apassivador do “bancarismo”, demonstrando uma repentina capacidade de ir “além de seus condicionantes” (Freire, 1996, p. 27).

A escolha dos diversos temas abordados nos curtas foi exercida com autonomia e proporcionou uma experiência marcante para todos. Como bem nos ensina o mestre Paulo Freire, “ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas” (Freire, 1996, p. 105).

No processo empreendido pelos alunos, houve várias tentativas, erros, acertos, buscas por melhorar o que aparentemente já se encontrava acabado, frustrações e, muitas vezes, medo e insegurança em se expor. Mas, tudo isso foi altamente positivo, pois, por meio de cada experiência, houve uma sensação de crescimento pessoal na vida de cada um dos educandos envolvidos, e, igualmente, na vida da professora coordenadora do projeto, que assumia a posição de alguém que fala com os educandos, e não simplesmente neles deposita seus conhecimentos (Freire, 1996, p. 120).

Foi uma experiência que marcou, portanto, todos os sujeitos envolvidos e trouxe maturidade para este e outros projetos futuros. A absorção coletiva da “pedagogia da autonomia” defendida pelo mestre e patrono da educação foi, talvez, a condutora do projeto.

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (Freire, 1996, p. 105).

Ao final da preparação dos trabalhos, após a edição de todos os vídeos, o momento de maior emoção para os alunos “produtores” foi a noite da mostra dos curtas. O que antes havia sido planejado para se concentrar basicamente no estabelecimento escolar, ganhou um novo status, para a alegria, satisfação e sentimento de valorização do trabalho dos estudantes, o que é tão importante para eles quanto a elaboração do trabalho em si. “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 1996, p. 139).

A mostra dos curtas aconteceu em uma “noite de gala” para a qual foram convidados não apenas os professores, alunos e demais profissionais da escola, mas também os familiares dos estudantes e amigos destes, que, para valorizar o momento tão expressivo na vida deles, foram todos vestidos com seus melhores trajes e dispostos a honrar o resultado de tão grande empenho.

O evento aconteceu no Cine Ouro, tradicional cinema e teatro de Goiânia, no dia 27 de novembro de 2019, sob o título Festival Curta os Curtas do Olavo Bilac. Ao final de cada curta, houve o sentimento de satisfação e alegria, por certo. Mas, de maneira objetiva, igualmente, o sentimento de missão cumprida no quesito “mensagem transmitida”, pois a diversidade de temas abordados e a seriedade com que os educandos abraçaram o projeto levaram a plateia presente não apenas ao riso e ao entretenimento, mas à consciência política, pois a educação intervém em todas as áreas do conhecimento e das relações humanas (Freire, 1996, p. 106): propriedade,

direito ao trabalho, à terra, à educação e à saúde; enfim, todas as áreas que, direta ou indiretamente, foram abordadas pelos educandos em seus curtas apresentados naquela memorável noite.

Cada um dos 23 curtas mereceria, por certo, uma análise mais profunda. Mas, ante a impossibilidade de analisar neste espaço todos os trabalhos em seus pormenores, passa-se à análise do curta *O lixo não se faz sozinho*, que apresentamos como uma amostra dos trabalhos elaborados por nossos “arquitetos do saber”. Do professor educador o que se espera é “não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”, ser um “desafiador” (Freire, 1996, p. 28/29), assim como também menciona um dos professores:

Fiquei impressionado com o envolvimento de todos no processo. Os curtas foram muito envolventes, contando com a participação expressiva de todos. Os temas discutidos foram muito pertinentes à realidade da comunidade. Com uma participação incrível dos alunos, professores, pais e toda equipe gestora, mostraram que a proposta foi atendida por completo. Nos aspectos sociais e afetivos, os alunos se sentiram valorizados, ouvidos e participantes diretos de uma grande transformação. Expressaram nos curtas suas realidades, levantando sempre as possíveis soluções para fugir de toda forma de discriminação e exclusões sociais. Diferentes formas de pensamentos, mas todos unidos levantando possibilidades para um mundo mais justo, fraterno e de excelentes possibilidades de crescimento para todos, nas diversas áreas do conhecimento.

Os curtas foram produzidos numa sequência didática que seguiu primeiro as discussões dos indivíduos em grupos maiores. Como os sujeitos já tinham passado por pequenos grupos, desenvolvendo um exercício de analisar imagens de forma reflexiva, adquiriram um certo nível de emancipação que os estimulava a buscar mais informações sobre os temas e promovia a confiança necessária para que expusessem suas ideias. Tal vivência se mante-

ve quando esses sujeitos foram levados para grupos maiores. Com maior segurança, eles elaboraram diálogos e discussões cada vez mais enriquecidos e inclusivos.

A escolha dos temas – assim como a escrita dos roteiros, a gravação e a apresentação dos trabalhos – não aconteceu como simples exercício, mas com o objetivo claro de libertar o pensamento da estrutura rígida de regras pré-estabelecidas por um professor e pelo currículo. Houve a reflexão dos indivíduos sobre os temas e depois o compartilhamento em grupos maiores para, assim, serem selecionados os outros componentes do grupo e a criação dos roteiros. Foi abandonada a ideia da necessidade de ter alguém com uma inteligência “superior” para ditar as regras. Foram incluídas a diversidade e a pluralidade dos sujeitos, com o objetivo de enriquecer os diálogos e agregar valor cultural, histórico e social aos curtas. A realidade individual foi trazida aos enredos e aos diálogos, com o objetivo de que um sujeito ignorante compartilhasse com outro ignorante um conhecimento recém-adquirido pela própria investigação e pesquisa (Rancière, 2010).

Os alunos do Colégio Olavo Bilac passaram por um processo emancipatório e de autonomia. Foi um processo de falar e ouvir por meses, e o resultado foi maravilhoso, pois todos viram, pelos resultados alcançados por meio das produções, a importância de estarem juntos, de trabalhar em colaboração e de se abrir para que todos sejam incluídos.

Houve o estímulo ao conhecimento e aos diálogos, e também o valor do pensamento contrário. E, no diálogo, em que a diversidade e a pluralidade dos sujeitos compareceram, puderam ser percebidas as concepções do pensamento sistêmico adotadas a partir do estudo do trabalho da professora Maria José Vasconcellos (2009).

Sendo assim, a avaliação feita para as produções prontas foi de acordo com o processo que cada grupo obteve. Ou seja, a produção com boa qualidade técnica recebeu a mesma avaliação de uma

produção com falta de áudio. Houve um reconhecimento da intensidade do envolvimento de cada aluno que, por vezes, não pode ser captada pela lente dos celulares. De fato, os bastidores foram tão (ou mais) ricos como (do que) a produção em si.

Talvez, muitas dessas produções não teriam sido bem avaliadas se fossem submetidas a critérios tradicionais, pois, em algumas, o áudio não funcionou, a imagem ficou sem luz, à visibilidade faltou nitidez e/ou apareceram erros de ortografia nas legendas. Porém, a carência de tais itens de qualidade, que uma produção supostamente deveria ter, não afetou o que, para nós, é mais importante. O valor dos trabalhos foi considerado na medida de cada um, em sua subjetividade no processo colaborativo de aprender e de ensinar. Afinal, a subjetividade de cada sujeito/produtor é que desencadeou todos os outros processos de aprendizado inter-relacional. Assim, pelo ponto de vista da participação intensa dos alunos e o empenho demonstrado, a nota não pode ser outra a não ser a considerada “máxima”. Todos mereceram “dez”, por tudo o que representaram nesse processo de ensino/aprendizagem, segundo o ensino colaborativo, que visa à participação de todos, sem discriminação de qualquer tipo. Aprender infinitas coisas além do conteúdo escolar é o que alcança o aluno emancipado. E eu, como professora, me emancipei também, porque tudo o que nos cercou teve efeito de rede, ou seja, ao longo do processo, fui sendo aperfeiçoada e minhas práticas lapidadas.

Curta os Curtas

Conforme entrevista concedida por Josias Silva a Weslania Jesus (2020), a atividade de produção audiovisual na escola aproxima as pessoas. Pela produção, é possível perceber como os jovens entendem o mundo, o lugar onde crescem, ali, em volta da casa, de

uma religião x ou y, e da escola. A criação dos alunos demonstra como sua geração vê, analisa e ressignifica a sociedade.

De fato, durante a produção dos curtas pelos meus alunos, os temas, em sua maioria, partiram de seus contextos reais e da época em que todos vivemos. Se não viveram, eles mesmos, os problemas abordados em seus curtas, por certo viram acontecer em suas famílias ou com pessoas conhecidas. Drogas, violência, vandalismo, o descaso das pessoas com o patrimônio público, gravidez na adolescência, *bullying*, corrupção, abuso sexual, acidentes de trânsito, a influência digital na vida das pessoas, os diferentes tipos de lixo e a importância da reciclagem, a homofobia, o feminicídio, entre outros temas, são abordados nos curtas que foram produzidos pelos estudantes, já amadurecidos, em certa medida, no processo de emancipação e autonomia.

Isso fica claro quando se percebe que os alunos realizaram tudo, praticamente, seguindo sua criatividade, na escolha dos temas e nos meios para realizar as filmagens. Tiveram a coordenação e supervisão dos professores, mas sem que isso interferisse no conteúdo e direções que a obra recebeu.

Como já ressaltado, a produção dos curtas aproximou os alunos, e, como evidência da potencialidade que um ensino colaborativo tem para abarcar outras pessoas, a coletânea ficará disponível ao acesso de escolas de anos iniciais e ensino fundamental, como “produto educacional”, no site do *Edu Capes* e no meu canal no *Youtube*, Denizia Alves, podendo ser, inclusive, utilizado como material para orientação de futuros trabalhos escolares.

ESPERAR NÃO É SABER. QUEM SABE FAZ A HORA,
NÃO ESPERA ACONTECER

(Geraldo Vandré)

CURTA 1 - *O abandono e o vandalismo*

CRÉDITOS

Direção

Breno Augustto

Roteiro

Juliana, Mateus Cordeiro, André Gabriel

Fotografia

João ictor

Imagens de Arquivo

<https://drive.google.com/file/d/1qRMjvrxrxtOrx95VsOfYCXKAh2Wd8SA/view?usp=drivesdk>

Som(música)

Instrumental de domínio público

Montagem/Edição

Vic e Eduardo

Produção audiovisual Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PPGEED. Goiânia/Goiás 2022/1

CURTA 2 - *Drogas na escola*

CRÉDITOS

Direção

Taís Melo

Roteiro

Beatriz Lopes, Beatriz Almeida **Fotografia**

Syang e Dabilla

Imagens de Arquivo

<https://youtu.be/d9eRg7C1svA>

Montagem/Edição

Syang e Dabilla

Produção audiovisual Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PPGEED. Goiânia/Goiás

CURTA 3 - A escola

CRÉDITOS

Direção

Carlos e Luan

Roteiro

Carlos e Luan

Fotografia

Carlos

Imagens de Arquivo

<https://youtu.be/cdYL-lb-VqM>

Montagem/Edição

Luan

Entrevistados

Ana Catarina

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PPGEED. Goiânia/Goiás

CURTA 4 - Quando o agressor também é uma vítima

CRÉDITOS

Direção

Amanda, Francielle e João Gabriel

Roteiro

Amanda

Fotografia

José, Eduardo, Eduarda, Ana Beatriz, Chales e Vyytor

Som (música)

instrumental de domínio público

Montagem/Edição

Isabel, João Gabriel

Imagens de Arquivo

<https://youtu.be/u3Jr8ldD6Zo>

Participação Especial

Professor Henrique e Sandra Gomes

Produção audiovisual Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 5 - *Ainda há esperança*

CRÉDITOS

Direção

Nathalia Beatriz

Roteiro

Micaelly Alves

Fotografia

Israel de Oliveira

Imagens de Arquivo

https://drive.google.com/file/d/1RRrjN3I2-8bx_7zkEL-Jk9mkAS3Zz-VI7E/view?usp=drivesdk

Som (música)

instrumental de domínio público

Montagem/Edição

José Vitor

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 6 - *Poluição urbana*

CRÉDITOS

Direção

Alefe de Almeida e Gabriel Mendes

Roteiro

Glendson Coimbra e Jeferson Damasceno

Fotografia

Mylena Candida

Imagens de Arquivo

<https://youtu.be/rYN7kSBgbeA>

Som (música)

instrumental de domínio público

Montagem/Edição

Wellington de Souza

CURTA 7 - *Tipos de lixo*

CRÉDITOS

Direção

Valéria Soares e Amanda Silva

Roteiro

Valéria Soares e Amanda Silva

Fotografia

Valéria Soares e Amanda Silva

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=sgk-DeaqhXA>

Som (música)

instrumental de domínio público

Montagem/Edição

Valéria Soares

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado
PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 8 - *Rotina dos jovens*

CRÉDITOS

Direção

Geovana Silva

Roteiro

Lorena Rodrigues

Fotografia

Lorena Rodrigues

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=NHS97VLPuDY&t=3s>

Som (música):

instrumental de domínio público. Dias de Luta, Dias de Glória - artista
Charlie Brown Jr.

Montagem/Edição

Geovana Silva

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado
PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 9 - *A importância da faixa de pedestre*

CRÉDITOS

Direção

Sara Emilly

Roteiro

Ana Clara

Fotografia

Maria Fernanda

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=0oh7f1BdfxE&t=11s>

Som (música)

instrumental de domínio público

Montagem/Edição

Sara Emilly

CURTA 10 - *Influência digital*

CRÉDITOS

Direção

Maria Clara

Roteiro

Maria Clara

Fotografia

Maria Clara

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=2f3-a6Wr1SE>

Som (música):

Lalala, Artista Y2K, bbno\$

Montagem/Edição

Maria Clara

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado
PPGEEB. Goiânia/Goiás.

CURTA 11 - *Feminicídio - Por que isso acontece com nossas mulheres?*

CRÉDITOS

Direção

Pedro Icaro

Roteiro

Joyce e Thalita

Fotografia

Pedro Icaro

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=1pjVomrXI54>

Som (música)

Ether, Artista Silent Partner, Álbum Ether Licenciado para o YouTube por YouTube Audio Library

Montagem/Edição

Pedro Icaro

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 12 - *Vandalismo*

CRÉDITOS

Direção

Lucas, Samuel

Roteiro

Maria Fernanda, Marcos e Yann

Fotografia

Samuel, Hian, Vitor

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=twTdxmx6jeA>

Som (música)

State Lines, artista Novo Amor, Álbum Birthplace, Licenciado para o YouTube por Believe Music (em nome de AllPoints)

Montagem/Edição

Lucas

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 13 - *Corrupção*

CRÉDITOS

Direção

Edinalva

Roteiro

Edinalva

Fotografia

André, Alex, Marcos Vinícius

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=007IyTb8PHI&t=12s>

Montagem/Edição

Edinalva

CURTA 14 - *Drogas na escola*

CRÉDITOS

Direção

Pedro G

Roteiro

Lucas, Mateus e Fernando

Fotografia

Pedro, Vitor e Luan

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=ICQJGkbats4>

Som (música)

Robin Hood, Artista MC PP da VS, Álbum Robin Hood Licenciado para o YouTube por INgrooves (em nome de GR6 Music)

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 15 - Relato de Vida - Abuso Sexual

CRÉDITOS

Direção

Maisa Góis

Roteiro

Maisa Góis

Fotografia

Raquel, Mikael Silveira

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=QKajF8pcAAw&t=15s>

Som (música)

Ether, Artista Silent Partner, Álbum Ether Licenciado para o YouTube por YouTube Audio Library

Montagem/Edição

Maisa Góis

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 16 - *O amor corre nas veias - Doe sangue*

CRÉDITOS

Direção

Camila Ferreira

Roteiro Camila Ferreira

Fotografia

Camila Ferreira

Imagens de Arquivo

<https://drive.google.com/file/d/1eEGj14p14N7dA-IDSddgzppKuRT-q1mTk/view?usp=sharing>

Montagem/Edição

Camila Ferreira

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PP-GEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 17 - *Por um mundo melhor - Amar ao próximo*

CRÉDITOS

Direção

Vitória

Roteiro

Karita e Yasmim

Fotografia

Eduardo

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=SzIcaHb4Eps>

Som (música)

Hellen Miranda feat. Sarah Farias - Depois da Luta (Clipe Oficial MK Music)

Montagem/Edição

Vitória

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado
PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 18 - *Homofobia*

CRÉDITOS

Direção

Talles Bruno

Roteiro

Fabrcio Henrique, Emanuele Alves

Fotografia

Karlas Adrieli

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=kTvUKWx1LMw&t=340s>

Som (música)

I hate u, i love u (feat. olivia o'brien), artista gnash , àlbum I hate u, I
love u (feat. olivia o'brien) Licenciado para o YouTube por WMG (em
nome de Atlantic Records)

Montagem/Edição

Talles Bruno

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado
PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 19 - *Amor e preconceito*

CRÉDITOS

Direção

Brenda Karolina

Roteiro

Ana Paula e Geovana Rezende **Fotografia**

Geovana Rezende

Imagens de Arquivo

<https://www.youtube.com/watch?v=XScmMg001rA&t=8s>

Som (música)

Amor I Love You / Citação: Trecho Da Obra Intitulada «Primo Basilio»
De Eça De Queiroz, Declamado Por Arnaldo Antunes

Artista: Marisa Monte. Álbum: Memorias Cronicas E Declaracoes De
Amor «Textos, Provas e Desmentidos» Licenciado para o YouTube por:
The Orchard Music (em nome de EMI Brazil)

Montagem/Edição

Brenda Karolina

Participação

Breno

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado
PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 20 - *Pichação: Certo ou errado?*

CRÉDITOS

Direção

Matheus Silva

Roteiro

Anderson Oliveira

Fotografia

Matheus Silva

Imagens de Arquivo

<https://youtu.be/6VaV5M3T3V4>

Som (música)

Música Da Ponte pra Cá, artista: Racionais MC's, álbum: Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. Licenciado para o YouTube por: ONErpm (em nome de Boogie Naípe); Polaris Hub AB

Montagem/Edição

Matheus

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 21 - *Tipos de bullying*

CRÉDITOS

Direção

Michael Gabriel

Roteiro

Filipe, Gustavo, Brendo

Fotografia

Filipe Sousa e Diogo

Imagens de Arquivo

<https://youtu.be/dtmE5GscZw4>

Som (música)

Música Piece Of Your Heart (Alok Extended Remix)

Artista

MEDUZA, Alok, Goodboys. Licenciado para o YouTube por: UMG (em nome de Virgin); UMPG Publishing, SOLAR Music Rights Management, IMPEL, LatinAutor - UMPG, BMI - Broadcast Music Inc., LatinAutorPerf, SODRAC, CMRRA, ASCAP, UNIAO BRASILEIRA DE EDITORAS DE MUSICA - UBEM, UMPI, União Brasileira de Compositores e 19 associações de direitos musicais

Montagem/Edição

Júlio, Michael Gabriel e Fernando

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado
PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 22 - *Ecosystema em risco*

CRÉDITOS

Direção

João Victor

Roteiro

Thiago Junio

Fotografia

Wegner Kallys e Matheus Abadia

Imagens de Arquivo

<https://drive.google.com/file/d/1IQSflnZJQ7tbnJEdtBYk0GCPxwXrG-Tw6/view?usp=drivesdk>

Som (música)

João Victor

Montagem/Edição

Thiago Junio, Gilmar e João Victor

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado
PPGEEB. Goiânia/Goiás

CURTA 23 - *O lixo não se cria sozinho*

CRÉDITOS

Direção

Anna Júlia e Rafael Fonseca

Roteiro

Estefane Pereira e Vitória Salvanir

Fotografia

Vitória Salvanir

Imagens de Arquivo

<https://youtu.be/Wjh8XI3aWSw>

Som (música)

instrumental de domínio público

Montagem/Edição

Vitória Salvanir e Rafael Fonseca

Entrevistados

Não desejaram ser identificados

Produção audiovisual

Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Mestrado
PPGEEB. Goiânia/Goiás

Referências

BRASIL (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em: 25 mar. 2019.

DIAS, Maria Berenice. *A Lei Maria da Penha na Justiça*. 7.^a edição. Editora Jus Podium, 2021.

FEIRE, Paulo (1921-1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 67.^a ed - Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LEITE, Ana; PATRAQUIM, Luís. *Cinegrafias moçambicanas - memórias & crônicas & ensaios*. São Paulo: Kapulana, 2019.

TV ESCOLA. *Oficina de Produção de Vídeos*. Disponível em: http://curtahistorias.mec.gov.br/images/pdf/dicas_producao_videos.pdf. Acesso em: 30 dez. 2019.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão Escolar - O que é? Como fazer?* São Paulo: Summus, 2015.

MESQUITA, Deise; FILLETI-MOURA, Elisandra. PPGEEB/CEPAE/UFG: cinco anos de pesquisa e formação profissional em nível stricto sensu. In: MESQUITA, D. (org.). CEPAAE/UFG: 50 anos de história. Goiânia: Gráfica UFG, 2018, p. 179-209.

MIRANDA, Marília Gouveia de.; RESENDE, Anita C. Azevedo. *Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a11v1133.pdf>. Acesso em: 5 maio 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Disponível em: <http://www.questaodecritica.com.br/2008/05/o-espectador-emancipado/>. Acesso em: fev. 2022.

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual/ Jacques Rancière - 3.ª ed.*- Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

REYES, Paulo. *Projeto por cenários: uma narrativa da diferença*. XVI Enanpur - Espaço, Planejamento e Insugências. Belo Horizonte: Enanpur, 2015. v. 1. p. 1-14. Disponível em: http://xvienanpur.com.br/anais/?wpfb_file_page=st6_1-05_reyes-pdf.

RIVERA, Tania. *Cinema, imagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROCHA, Maria. A.; FREIRE, Silvana. Do Édipo, um saber possível. In: MESQUITA, D. *Escola de Educação Básica para Todos*. Vol. II. CEGRAF UFG, 2018. Disponível em: http://forumescolaparatodos.com.br/wpcontent/uploads/2018/09/escola-de-educacao_miolo.pdf. Acesso em: 5 out. 2019.

SILVA, Josias; JESUS, Weslania. Recursos Audiovisuais no Contexto Escolar Antes e Pós- pandemia. In: MESQUITA, Deise. *Escola de educação básica para todos: volume V [livro eletrônico]*. 1. ed. - Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020, p. 145-166.

THIOLLENT, Michel. *Pesquisa-ação nas organizações*. São Paulo: Atlas, 1997.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

Filmografia / Videografia

CAMINHANDO COM TIMTIM. GeniferGerhardt e Tiago Espinho, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>. Acesso em: 20 out. 2019.

O VALE DA DESIGUALDADE. Kaio Régis e Gabriel Rodrigues, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/GPKH549KcpM> Acesso em: 17 out. 2019.

SOB/RE A RADICALIDADE DA ESPERANÇA

Élida Ferreira - Professora da Secretaria Municipal de Goiânia¹

Para compreender o título desse curta-metragem, faz-se necessário voltar à frase de autoria de Paulo Freire (2016, p. 53): “E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las”. Nos tempos pandêmicos e obtusos em que nos encontramos, ela se faz, ao mesmo tempo, atual e profética, afinal, muitas coisas pioraram nos últimos anos em todas as áreas. Na educação não foi diferente, mas o que Freire nos convoca a fazer é renovar a radicalidade da esperança, mergulhando profundamente, buscando a raiz dos problemas, nos indignando com o desmonte que está acontecendo e fazendo a nossa parte para melhorar a educação, lutando por uma educação de qualidade e para todos. Fazer a nossa parte significa exercermos a cidadania dentro da nossa profissão, seja votando em favor dos grupos minoritários e da ciência, seja atuando como educadores para todos os alunos, sem distinção ou discriminação.

O curta *Sob/re a radicalidade da esperança* é um dos produtos educacionais que construí como pré-requisito para o mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do CEPAE - UFG. Algumas perguntas me instigaram e me moveram a construir esse trabalho: qual é a imagem que o professor da educação básica da rede pública de Goiânia tem dos alunos com deficiências múltiplas?; qual é o impacto dessa visão no seu fazer

¹ Mestre em Ensino na Educação Básica (PPGEB/CEPAE/UFG). E-mail: elida.ped@gmail.com

pedagógico?; a escola de educação básica é para todos? A fim de compreender esses fenômenos, convidei algumas pessoas para participarem de dois momentos distintos, onde pude fazer a coleta de dados para a pesquisa Grupo de Trabalho e Estudo: pessoas com deficiência na escola, e as entrevistas semiestruturadas com professoras da rede pública municipal de Goiânia.

O Grupo de Trabalho e Estudo: pessoas com deficiência na escola aconteceu inspirado nos círculos de cultura de Paulo Freire e se constituiu numa vivência em forma de curso de curta duração, que se transformou também em produto educacional. O círculo de cultura é uma metodologia de ensino criada por Paulo Freire, por volta de 1960, em Angicos - PE, cujo propósito era que as pessoas aprendessem em conjunto, a partir da problematização de suas próprias vivências, sem que houvesse uma hierarquização dos saberes, mas, ao contrário, sua democratização e partilha. A alfabetização dessas pessoas não foi a principal recompensa que elas tiveram, mas a leitura crítica do mundo, o aprender a pensar sua própria realidade, compreender-se como cidadão que faz parte de uma comunidade e que, portanto, pode e deve atuar sobre ela.

Foi inspirada nesse conceito de Círculos de Cultura que, de forma geral, planejei o Grupo de Trabalho e Estudo: pessoas com deficiência na escola, por acreditar na educação como práxis ética, conscientizadora, que nos propõe a ler o mundo de forma crítica, a partir do debate de ideias. Como educadora, penso ser imprescindível entender a escola, os educandos (com e sem deficiências) e o meu papel como professora de maneira sistêmica, em uma rede complexa e imbricada, entrelaçada, mantendo uma única certeza: o mais importante não é ter sempre uma resposta, mas, principalmente, “aprender a pensar certo”, fazer perguntas, problematizar o mundo, pensar colaborativamente, com o outro e não para ou por ele. E assim fizemos, os professores universitários, de educação básica, de AEE, os estudantes e eu, ao longo dos seis encontros virtuais.

Para os encontros, trouxemos quatro leituras muito potentes: Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*; Maria Teresa Eglér Mantoan, *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?*; Maria Cristina Machado Kupfer, *Educação para o Futuro: psicanálise e educação*; e Maria José Esteves de Vasconcellos, *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. O objetivo foi pensar, conjuntamente, a educação formal sob uma perspectiva democrática, para todos, não apenas pelo direito ao acesso e permanência dentro da escola sob a égide da lei, mas pela compreensão da ética humana em que todos são sujeitos e, portanto, partícipes desse mundo.

Nos seis encontros virtuais, participamos de uma troca intensa de experiências, saberes, convicções diversas e leituras de mundo. Nem todos os participantes eram professores. Talvez, por isso, a imagem de pessoas com deficiência em salas de aulas comuns seja difícil, quase impossível de conceber. Já outros, que trabalham com pessoas com deficiência, ou que são professores, embora também considerem esse fazer um desafio, reconhecem que esse educando com deficiência é um sujeito que faz parte do corpo acadêmico e que precisa ser respeitado em suas singularidades, ou seja, o GT acabou por revelar opiniões diversas. Para alguns, a escola é para todos, para outros, esse processo ainda está em construção e, portanto, seria mais adequado que as pessoas com deficiência estudassem em escolas especiais. Ao final dos encontros, vários participantes relataram que o GT os ajudou a refletir sobre sua práxis e sobre o seu olhar a respeito das pessoas com deficiência. O importante, contudo, foi o diálogo sistêmico constituído por essas diferentes visões que não têm respostas únicas, cada um com suas experiências teóricas e práticas, que nos convidam a coconstruir novas escolas, que sejam realmente para todos.

As entrevistas realizadas com as professoras da educação básica de escola comum e de AEE resultaram em uma rede de informações complexas e bastante ricas. Ao entrevistar as professoras, tentei simplesmente ouvi-las, sem interferir em suas respostas,

sem concordar ou discordar; e o fato de serem escutadas fez com que muitas delas se sentissem acolhidas, aliviadas, respeitadas em suas experiências e verdades. Pude notar que algumas começavam a entrevista tímidas, rígidas ou incomodadas, mas que, no decorrer da conversa, iam se soltando e confiando. Outras, nem tanto; essas mantiveram o distanciamento que as fazia se sentirem seguras. Ainda assim, acredito que meu intuito foi atingido, não julgando-as, mas apenas tentando compreender como é ser professora sob outros olhares, em outras peles que não a minha.

Entrevistei vinte professoras de educação básica, com o objetivo de tentar compreender quais representações elas têm sobre o educando com deficiências múltiplas, e como essa representação impacta suas práticas pedagógicas. Para tanto, utilizei um roteiro de entrevista semiestruturada, ou seja, mais aberta, pois em cada entrevista/conversa reside a subjetividade e, para relacionar as suas nuances e entender seus possíveis sentidos, não poderia me arriscar à rigidez; por isso, preferi deixar espaço para a escuta atenta dos ditos e não ditos, para que seus sentimentos e, conseqüentemente, suas representações pudessem emergir e fluir.

As perguntas utilizadas como disparador para a fala de cada uma foram:

1. Qual a sua formação? (Graduação, pós-graduação, cursos que considera relevantes para sua prática em sala de aula)
2. Há quanto tempo você atua na educação básica?
3. Para qual turma você ministra aulas?
4. Quantos alunos você tem em sua sala, atualmente?
5. Quantos alunos têm diagnóstico de deficiência e/ou deficiência múltipla?
6. Quais são as estratégias que você utiliza para o ensino dos alunos?
7. Existe diferenciação entre os alunos com deficiência e os sem diagnóstico? Se sim, quais?

8. Você se sente preparado/a para trabalhar com alunos com deficiências múltiplas? Por quê (não)?
9. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas no ensino de alunos com deficiências múltiplas?
10. Quais são as soluções que você propõe para que o aluno com deficiência múltipla seja incluído na escola?

As professoras que participaram possuem graduação e pós-graduação (*lato sensu e uma delas stricto sensu* - Mestrado em Educação/UFG), são concursadas e trabalham em instituições educacionais da Rede Municipal de Goiânia (CMEI, escolas e CAEE). Quanto ao tempo de atuação na educação básica, o mínimo entre elas foi de dez anos e o máximo de trinta e um anos. Das vinte entrevistadas, cinco trabalham na educação infantil, dez no ensino fundamental e cinco no AEE do CORAE.

Todas as professoras de sala de aula comum têm, no mínimo, um educando com deficiência múltipla em sua classe. As professoras de AEE atendem no CORAE, no contraturno, os educandos com deficiências múltiplas que estão na sala de aula das outras quinze professoras entrevistadas, e são responsáveis por orientá-las sobre acessibilidade, recursos de comunicação alternativa, tecnologia assistiva e práticas pedagógicas inclusivas; ou seja, são responsáveis também por promover uma articulação que resulte na permanência desse educando na instituição de ensino, minimizando as barreiras atitudinais, pedagógicas e/ou físicas que possam impedir a inclusão desses sujeitos.

Nas questões sobre metodologia de ensino e se existia alguma diferenciação nessas estratégias ou no conteúdo para os educandos com deficiência, as professoras da educação infantil responderam que (1) não era necessário adaptar conteúdo, tampouco as estratégias, pois o foco eram as interações e as brincadeiras, e que, portanto, (2) todos estão aptos a participar, cada um ao seu modo, mesmo no modelo a distância, pois as atividades poderiam ser feitas em fa-

mília. Já no ensino fundamental, que é organizado de forma seriada, disciplinar, seguindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com conteúdo organizado numa lógica linear, visando ao letramento alfabético e matemático, que exige que todos aprendam em um mesmo ritmo, as professoras responderam que (3) as atividades são adaptadas e organizadas com o intuito de promover a acessibilidade dos alunos com deficiência.

Ao analisá-las a fim de me aproximar do objeto de estudo, organizei-as em quatro categorias, não com a pretensão de responder às perguntas, mas para me aproximar de algumas realidades que me foram apresentadas nesse percurso: o educando com deficiências múltiplas sob o olhar do professor; o impacto das pessoas com deficiências múltiplas na inclusão/exclusão escolar; as dificuldades do fazer pedagógico; e a escola de educação básica para todos: esperar. A imagem do educando com deficiências múltiplas construída pelo professor da educação básica é repleta de contradições, pois é socialmente construída e revela, assim, o capacitismo diante das pessoas com deficiências múltiplas, quando não acreditam em suas potencialidades, quando os veem apenas como aqueles que têm dificuldades, que exigem mais atenção e trabalho do que os outros, e que vão à escola só para socializar. Porém, ao mesmo tempo, também os consideram como aqueles que são sujeitos de direitos e têm potencial para a aprendizagem. A imagem que a professora tem sobre o educando com deficiências múltiplas escancara a sua própria dificuldade em ensinar esse outro inesperado, que não se encaixa no seu ideal de aluno, que não aprende da mesma forma e no mesmo ritmo que a turma onde está inserido. Então, a culpa do não aprender recai sobre o aluno com deficiências múltiplas, que é tratado mais como um objeto do que como um sujeito. As soluções propostas pelas professoras entrevistadas para que a escola de educação básica seja para todos sugerem a presença de um professor auxiliar, ou de apoio, na sala, que fique com o educando com deficiências múltiplas; e também a necessidade de formação

continuada. “Não estamos preparadas para receber esse aluno com deficiências múltiplas”, “a escola também não está preparada, não tem material”, foram falas recorrentes. Entretanto, o aluno com deficiências múltiplas já está na escola e o processo de exclusão/inclusão já está em curso.

Tanto o GT quanto as entrevistas nos apresentam as imagens que tocam o real, como se fossem uma fotografia do momento em que estamos vivendo; são as contradições de nosso tempo histórico e o fato de sermos singulares e diversos. Nessa pequena parcela de pessoas com as quais nos relacionamos, conseguimos vislumbrar tanto a inclusão quanto a exclusão. Porém, não podemos perder de vista as conquistas de direitos humanos que as pessoas com deficiência de todo o mundo já alcançaram. Cabe a nós não deixar que se percam ou retrocedam nessas ondas de governos autoritários em que o mundo está imerso, de negacionismo da ciência e de discriminação escancarada exibida em redes sociais.

A escola de educação básica para todos ainda não existe, mas já está sendo gestada na escola que temos, que não é perfeita, nem ideal, mas faz parte da nossa dura realidade. Falta material, mas tem professor que faz o material com seus alunos. Os professores não têm tempo para a formação continuada, pois têm que trabalhar dois ou três períodos para se manter financeiramente, mas eles estudam nos finais de semana e nas madrugadas, pois acreditam em seus alunos. Eles não têm professor de apoio, ou auxiliar, mas os alunos, outros professores ou profissionais da escola agem colaborativamente, ajudando os alunos com deficiências múltiplas em suas necessidades e ajudando-se mutuamente.

A última parte desse trabalho científico foi a produção do documentário *Sob/re a radicalidade da esperança!*. Ele também é a minha dissertação científica em linguagem audiovisual. Não se trata apenas de um resumo, ou apresentação, mas da própria construção científica e intelectual. Nele, assim como na leitura, o espectador pode participar com seu pensamento crítico, imaginação criadora e sua sub-

jetividade. O audiovisual é uma outra forma de linguagem, portanto, no vídeo, o espectador pode encontrar mais informações do que aquelas que eu, intencionalmente, quis exibir. Na escola de educação básica para todos, todos conhecem a palavra esperar. Como nos ensina Paulo Freire, esperar é verbo, e não substantivo, e traz em si a radicalidade da alegria, da luta e da mudança. Querem nos tirar a boniteza da vida, a amorosidade que existe na escola, mas somos sementes de resistência; vamos seguir brotando e florescendo.

Quando se fala em documentário, pode-se imaginar um filme longo, com uma música de fundo, uma narração monótona que vai descrevendo passo a passo o que está acontecendo, sem interferir nas cenas que aparecem, ensinando sobre algo ou alguém. Acredite, existem várias formas de compor um documentário e o que proponho aqui é um vídeo, onde, apesar de participar ativamente, a intenção não é dar respostas, pois não as tenho, mas provocar reflexão, questionamento, e, quem sabe, até gerar incômodo, que às vezes gera busca.

Não podemos falar de documentário sem falar de Eduardo Coutinho, que em seus filmes nos mostra a riqueza que é ouvir o outro, que é deixar se levar pelas histórias que as pessoas contam. Mais do que perguntar, é preciso reconhecer que aquela é a verdade que o sujeito tem para entregar, esteja sendo filmada ou não.

Eu trabalho na incerteza, na ignorância. Porque eu não sei o que é a vida do outro. Eu posso ter mil teses antropológicas, como no caso de Santo Forte. Às vezes eu sei aonde eu vou chegar. Mas como eu vou chegar eu nunca sei. O que interessa são as digressões, hesitações, retomadas de texto, gaguejadas, lapsos extraordinários. E tem uma questão ridícula que muita gente fala: “Você põe a câmera e a pessoa muda”. [...] Por isso não dá para julgar se é mentira. A pessoa se reinventa a partir do que ela acredita. (Coutinho *apud* Frochtengarten, 2009, p. 127).

Eu me tornei uma entusiasta do cinema estudantil, desse tipo de produção amadora, sobretudo como linguagem, científica, estética, plural, forma de expressão que ultrapassa o objetivo de quem faz. Os professores que entrevistei, ou que compuseram o GT, não participaram do processo de montagem do curta, todavia, eles, essencialmente, me ensinaram como fazê-lo, pois, a partir dos nossos encontros de olhares, das nossas conversas e discussões sobre a escola de educação básica e seus alunos, com ou sem deficiências, pude ver e rever minhas crenças e práticas. Todas as falas são importantes e a vontade é de colocar todas elas na tela, mas um curta, assim como uma aula, tem um tempo pré-determinado e, se eu colocasse todas as vozes, talvez não sobrasse espaço para a multiplicidade de olhares, para a análise e a síntese do espectador.

Discussões como estas foram terreno fértil para que não quiséssemos realizar documentários mornos, inócuos, sem capacidade de provocar reflexão. Esse era um de nossos receios. Mas todas/os estavam dispostos a questionar a escola e outras estruturas e, por outro lado, questionar pessoas que acham que está bem do jeito que é. Infelizmente é necessário ver (e mostrar) que a escola que temos é, ainda, um dos principais espaços onde as bases do preconceito e da discriminação são firmadas, glorificadas, burladas. (Tenderine; Bispo *apud* Mesquita, 2013, p. 30).

O curta-metragem *Sob/re a radicalidade da esperança* nasceu como forma de dar voz aos professores de sala de aula comum e de AEE, da educação básica do município de Goiânia-GO, para que eles pudessem falar de suas experiências, vivências, impressões e olhares sobre as crianças e/ou estudantes com deficiências múltiplas que estão em suas salas e na nossa sociedade. Também é resultado da pesquisa de mestrado que fiz com o objetivo de compreender qual o olhar do professor sobre esse aluno com deficiência múltipla que ele ensina.

Visão original

O vídeo é um documentário em curta-metragem no formato de entrevistas, que são intercaladas por um mosaico de imagens em preto e branco de diferentes escolas, onde se destaca uma figura colorida de cada vez, seja de uma sala de aula, outros ambientes escolares, pequenos textos, citações ou entrevistados.

As falas dos participantes, as imagens, os pequenos textos e o som de fundo podem proporcionar a expectativa de respostas e, ao mesmo tempo, suscitar novas perguntas e reflexões. A fala nem sempre corresponderá à imagem do participante, pois alguns deles só autorizaram a reprodução da voz, mas esse recurso também pode causar uma sensação de inesperado e de movimento no vídeo.

Proposta de documentário

O objetivo foi a produção de um curta-metragem intitulado *Sob/re a radicalidade da esperança*, realizado a partir de imagens, reflexões, depoimentos e entrevistas compilados ao longo do processo de coleta de dados da dissertação de mestrado *Sob/re a radicalidade da esperança: deficiências múltiplas, AEE e educação básica*.

Falar sobre a escola de educação básica para todos não é uma tarefa fácil, pois se trata de (re)pensar a escola, para além de seus muros, onde os grupos minoritários sejam não apenas inseridos em seus prédios, mas realmente façam parte como sujeitos do processo pedagógico.

As falas dos participantes do GT Pessoas com Deficiência na Escola e das professoras entrevistadas nos auxiliaram na construção da imagem que o professor tem sobre a pessoa com deficiência múltipla na escola, pois elas trazem em si a gênese da escola real, tensionada com a expectativa da escola ideal.

Eleição e descrição do(s) objeto(s)

Personagens reais: professores universitários, professores da educação básica, estudantes universitários (graduação e pós-graduação) que dialogam a respeito da educação para todos.

Escola: apresentação de diferentes escolas, ambientes escolares e materiais que simbolizam a educação, o ensino, a aprendizagem e a vida.

Estratégias de abordagem: justificativas

Modalidades de entrevista: utilizamos as participações dos professores universitários, professores da educação básica e estudantes universitários (graduação e pós-graduação) que foram gravadas no GT, e também entrevistas com professores da educação básica e estudantes com deficiências múltiplas que dialogam com o tema principal: a escola para todos.

Modalidades de relação da câmera com os personagens reais: gravações feitas em plataformas de reunião virtual para os professores e participantes do GT e filmagens de celulares para as entrevistas com os educandos, utilizando um tripé para que o celular ficasse estabilizado e focasse o rosto do entrevistado.

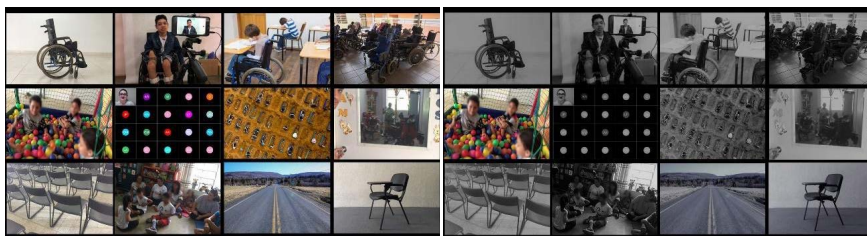
Modalidades de locução sobre imagem: utilizamos a fala de alguns dos participantes sobre as imagens que compõem o mosaico e a leitura de alguns pequenos textos ou citações de autores que são relevantes para esse tema.

Sugestão de estrutura

A descrição da sequência abaixo é meramente ilustrativa, pois as sequências foram intercaladas, ou seja, não tinham uma ordem linear.

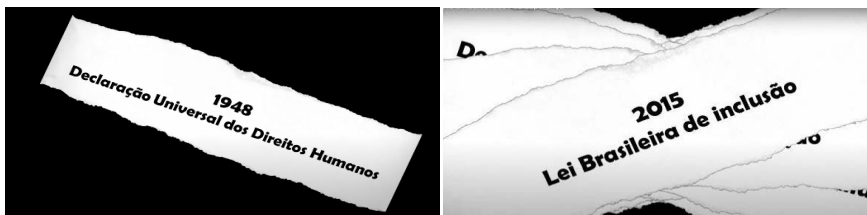
Sequência 1 - Mosaico

- Várias imagens em preto e branco compondo um mosaico;
- Quando uma se destaca, ela fica colorida.



Sequência 2 - Leis

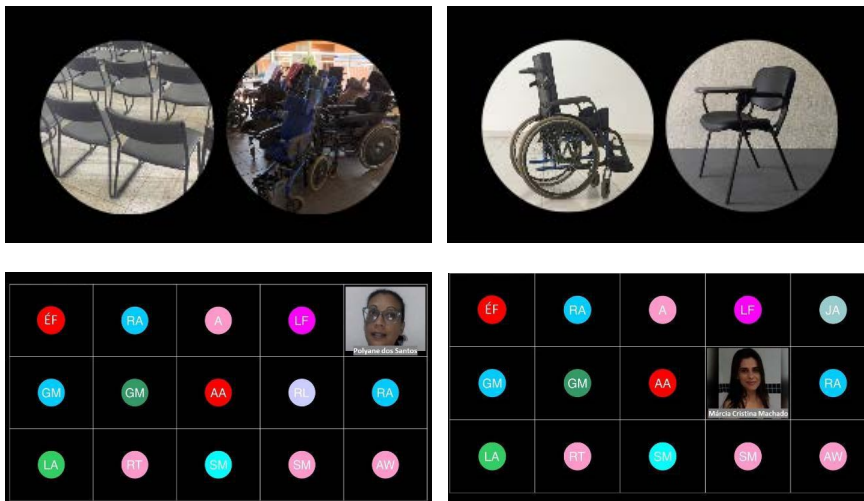
- Em animação, vemos as principais leis em favor das pessoas com deficiência, tanto nacionais quanto internacionais.



Sequência 3 - Falas ou depoimentos

- Perguntas escritas em branco sobre tela preta.
- Imagens alusivas à educação ou a pessoas com deficiência.
- Vozes das professoras entrevistadas.

- Participantes do grupo de trabalho: suas imagens estáticas são dispostas como na plataforma virtual onde tivemos nossos encontros e ouvimos suas vozes e opiniões.



Seqüência 4 - Textos ou citações

- Imagens com textos ou citações, acompanhadas de narração ou apenas de música.



Etapa de filmagem: desenho de produção

- Abordagem/ Descrição
- Objeto(s) da abordagem (descrição dos objetos da estratégia de abordagem, aquilo que será matéria da gravação): professores, participantes do GT, cadeira de rodas, carteira escolar, ambientes que caracterizem a escola.

- Detalhes da abordagem (descrição dos detalhes importantes para a gravação, por exemplo, se são externas ou internas, durante o dia ou a noite etc.): as cenas são internas e externas, captadas nos períodos matutino, vespertino e noturno.
- Providências e infraestrutura de produção (descrição das providências e infraestrutura necessárias para a gravação dessa abordagem, por exemplo: transporte, autorizações, preparativos especiais etc.): autorização de uso de imagem assinada pelos participantes do grupo de estudos e pelos professores entrevistados.
- Equipe de gravação (descrição dos profissionais, suas funções e outros detalhes pertinentes à realização da estratégia de abordagem, sem citar nomes, apenas fazendo menção a funções): diretor/roteirista, operador de câmera/celular.
- Equipamento de vídeo (o equipamento que se pretende utilizar durante a gravação da abordagem e a justificativa): utilizamos gravação de plataformas de reuniões virtuais e celulares para a captação de vídeo.
- Equipamento de áudio (o equipamento que se pretende utilizar durante a gravação da abordagem e a justificativa): utilizamos gravação de plataformas de reuniões virtuais e celulares para a captação do áudio.
- Material sensível (o material sensível que se pretende utilizar durante a gravação da abordagem e sua quantidade): não utilizamos material sensível durante as gravações.
- Dias de gravação (a quantidade necessária de dias para gravação da abordagem): foi necessário um ano para a captação das imagens e dos áudios.

- Horas de gravação por dia (quantidade de horas diárias para a gravação): utilizamos, em média, 1h e 30min por dia, total de 22 horas de material.

Cronograma de produção

Edição: desenho de produção

- Infraestrutura para edição (descrição sobre a infraestrutura para edição do documentário, suporte de edição, configuração da máquina etc.): um notebook.
- Montagem - manipulação de sons e imagens (detalhes técnicos e estéticos da manipulação de sons e imagens, captados ou de arquivo): foi utilizado o programa *Photoshop* para tratamento das imagens e o *Première* para a formatação de áudio e vídeo.
- Equipe (descrição dos profissionais envolvidos durante a etapa de edição e finalização): professora roteirista e editora de audiovisual.

Convido você a assistir o curta *Sob/re a radicalidade da esperança* e participar dessa radicalidade de esperar, lendo o mundo cruel que temos à nossa volta e que permeia nossas instituições escolares e nossas práticas pedagógicas, mas, resistindo sob a utopia de não perder a amorosidade de buscar uma educação que seja para todos.

Link para o curta-metragem:

<https://youtu.be/RqR2b5OeFEg>

CRÉDITOS

Direção/Roteiro

Élida Ferreira

Montagem/Edição

Alessandro Ricardo da Silva

Élida Ferreira

Participantes do Grupo de Estudo

Professores universitários, de educação básica, de AEE e estudantes universitários de graduação e pós-graduação.

Entrevistados/as

Professores da educação básica concursados da Secretaria Municipal de Educação - SME.

Pesquisa

Sob/Re a radicalidade da esperança: Deficiências múltiplas, atendimento educacional especializado e educação básica.

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da vida! À minha família, por todo amor compartilhado e que me move! De modo especial, à minha mãe Maria do Carmo Ferreira, por sua fé em mim e por ser exemplo de educadora para todos, e à minha irmã Luciana Imelda Ferreira, pelo carinho diário! Ao meu esposo Alessandro Ricardo da Silva, pelo amor e por acreditar em mim! À minha orientadora, professora Deise Nanci de Castro Mesquita, pela partilha dos saberes, de maneira ética, competente e paciente, proporcionando liberdade e autonomia em minha formação. Às professoras Fátima Lucília Vidal Rodrigues, Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha e Silvana Matias Freire, por fazerem parte do meu processo formativo. Às minhas amigas e colegas do CORAE, por estarem comigo nessa trajetória, e, em especial, a Márcia Adriane de Paula Gomes e Delma de Fátima Alfonso, pelo incentivo em todos os momentos! A todos/as professores/as e colegas do PPGEEB/CEPAE/UFG, por compartilharem comigo essa jornada de aprendizagem e busca de conhecimento. A Márcia Cristina Machado de Oliveira, pela mão amiga na coordenação do Grupo de Trabalho e Estudo. A todos/as os/as participantes do Grupo de Trabalho e Estudo e todas as professoras que me concederam entrevistas e me proporcionaram a oportunidade da pesquisa.

Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Universidade Federal de Goiás
2022

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra, 2016.

FROCHTENGARTEN, Fernando. *A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho*. *Psicologia USP* [online]. 2009, v. 20, n. 1 [Acesso em: 8 jul. 2022], p. 125-138. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000100008>. Epub 23 set. 2010. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000100008>.

MESQUITA, Rui G. M. (org). *Projeto didático para a construção de documentários: uma possibilidade de experiência popular em escolas públicas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

VOZES-MULHERES EM ECO COM A VIDA-LIBERDADE: A EXPERIÊNCIA COM A POÉTICA MARGINAL-PERIFÉRICA DE AUTORIA FEMININA NA EDUCAÇÃO BÁSICA¹

Glayce Kelly Cardoso Pires – PPGEEB/CEPAE/UFG²

Vivianne Fleury de Faria – PPGEEB/CEPAE/UFG³

No Mestrado Profissional do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB/UFG), como em todos os mestrados profissionais, o aluno deve, após concorrer a uma vaga, submeter seu projeto ao comitê de ética da instituição, defender uma dissertação e apresentar um produto educacional.

Um produto educacional trata-se de um recurso de tecnologia desenvolvido para auxiliar os profissionais da educação, implementando e maximizando a produtividade nas escolas. Ele pode estar voltado para a sala de aula ou para o próprio corpo administrativo da instituição. A esse respeito, a CAPES, por meio da portaria nº 47, de 17/12/1995, estabelece algumas diretrizes para os MPs, sendo que uma delas descreve seus trabalhos finais:

1 Este texto refere-se a um produto educacional audiovisual oriundo da dissertação de mestrado *Vozes-mulheres em eco com a vida-liberdade: A experiência com a poética marginal-periférica de autoria feminina na educação básica*, de Glayce Kelly Cardoso Pires, defendida em março de 2021.

2 Mestre em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/CEPAE/UFG). E-mail: gkpires89@gmail.com

3 Doutora em Literatura (PPGL/UnB). E-mail: vivianne_fleury_faria@ufg.br

O estudante deve apresentar trabalho final que demonstre domínio do objeto de estudo e capacidade de expressar-se lucidamente sobre ele. De acordo com a natureza da área e com a proposta do curso, esse trabalho poderá tomar formas como, entre outras, dissertação, projeto, análise de casos, performance, produção artística, desenvolvimento de instrumentos, equipamentos e protótipos. (CAPES, 1995).

Desde a sua criação, em 2012, os mestrandos do PPGEEB já catalogaram cerca de 150 produtos educacionais nas plataformas de educação, obrigatoriamente, na EDUCAPES. O formato desses produtos varia entre sequências didáticas, livros, e-books, entre outros. O presente artigo trata do trabalho desenvolvido por três alunas orientadas pela professora de Língua Portuguesa do CEPAE e membro do PPGEEB, Vivianne Fleury de Faria, cujos produtos educacionais constituem-se em produtos audiovisuais.

Cabe ressaltar que um dos projetos de pesquisa do Departamento de Língua Portuguesa do CEPAE é o Formação do Leitor Literário na Educação Básica, do qual participa a professora e, portanto, suas orientações têm por objetivo a pesquisa e a proposição de estratégias e produtos visando esse fim, o da formação do leitor literário na escola.

Segundo suas autoras, o vídeo constitui um produto de fácil acesso e entendimento, afeito às novas gerações, que demonstram inequívoco interesse pelas mídias audiovisuais, e, principalmente, por serem, ainda que produtos educacionais, também objetos artísticos, que remetem ao lúdico, provocam interesse e empatia certas. Nesse sentido, propõe-se neste texto o relato descritivo de três produtos audiovisuais oriundos de dissertações defendidas em 2021 e 2022.

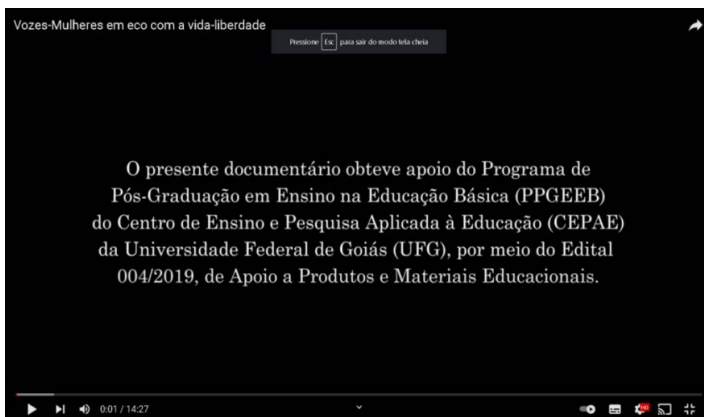
O primeiro vídeo, de Glayce Kelly Cardoso Pires e Vivianne Fleury de Faria, intitula-se *Vozes-mulheres em eco com a vida-liberdade: A experiência com a poética marginal-periférica de autoria feminina na educação básica*. Segundo Pires (2021, p. 176),

Diante do cenário digital, o desafio quanto ao uso das novas tecnologias tem sido amplamente discutido pelos mais diversos pesquisadores da área de ensino. Em busca de alternativas metodológicas que visem uma maior adesão das novas gerações às práticas escolares, diversos são os pesquisadores que se propõem a discutir sobre as práticas escolares que dialoguem com essas tecnologias. Exemplo disso é a inserção das mídias digitais no contexto escolar como uma ferramenta aliada ao processo de ensino e aprendizagem, amplamente discutido na Base Nacional Comum Curricular (BRASILBNCC, 2018), documento normativo para o Ensino Básico no Brasil. Neste aspecto, a proposta de produção do documentário como produto educacional do Mestrado Profissional segue legitimada pelos documentos regulamentadores do ensino, além de configurar-se por ser uma ferramenta de fácil acesso e amplo alcance a partir da reprodução nos mais diversos aparelhos eletrônicos, como ipads, computadores e celulares. Outro fator relevante é a participação direta dos alunos no produto em questão, já que o documentário tem por objetivo reunir relatos dos próprios estudantes envolvidos na pesquisa, além de proporcionar uma maior interação entre pesquisadores e sujeitos, ampliando, assim, as possibilidades de aprendizagem dos estudantes, já que eles participam ativamente de todo o processo.

O referido documentário, oriundo da dissertação que tem por título *Das margens para as margens: a poesia marginal-periférica de autoria feminina em práticas de formação do leitor literário em uma escola pública periférica*, retrata o trabalho desenvolvido na escola CEPI Nova Cidade com alunos das turmas de 9º ano em 2019. Nessa pesquisa-ação, a professora Glayce Kelly apresentou aos seus alunos a obra de duas autoras da literatura marginal-periférica brasileira: Luísa Romão, com seu livro *Sangria*, e Elizandra Sousa, com *Águas da cabaça*. A escolha do gênero poético *slam* e das autoras se deveu, além da qualidade estética das obras, à proximidade entre as reali-

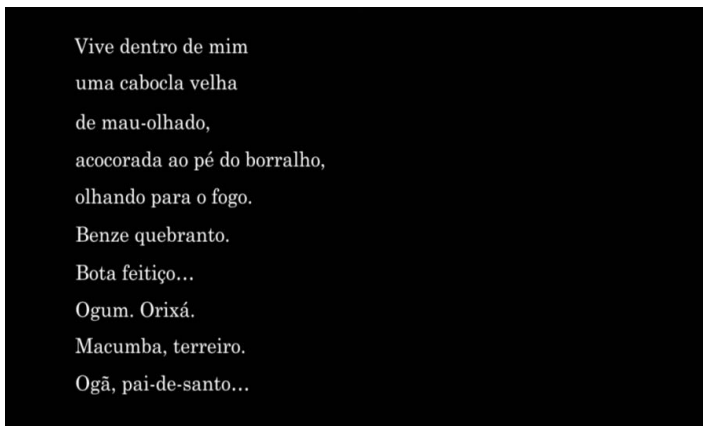
dades apresentadas nessas obras e a dos estudantes, moradores da periferia da cidade de Aparecida de Goiânia. O gênero poético, vale dizer, apesar da facilidade de sua abordagem integral, uma vez que é possível ler um ou mais poemas em sala de aula, muitas vezes é negligenciado na escola por falta de preparo ou afinidade de professores. Então, cumpre ao pesquisador dar ao alunado o acesso ao texto poético.

Fig. 1 - *Frame* do documentário



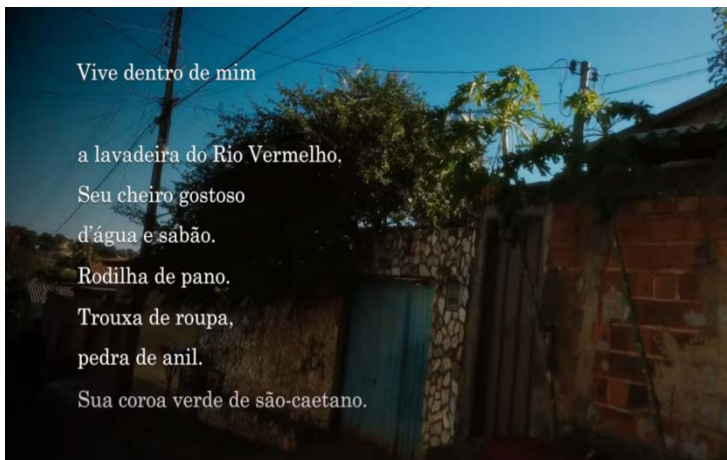
O curta inicia-se dando voz a outras escritoras femininas que podem ser consideradas marginalizadas pela história, revolucionárias pelo simples fato de serem mulheres e escritoras, precursoras de outras vozes femininas que levantam a voz em favor do reconhecimento do valor e da importância da mulher, agora diretamente da periferia. Com a narração em *off* e o poema na tela, tem voz Cora Coralina, com seu *Todas as vidas*, poema em que o eu lírico faz referência a mulheres em geral marginalizadas pela sociedade – a roceira, a analfabeta, a proletária, a prostituta.

Fig. 2 - *Frame* do documentário



Ao mesmo tempo, o espectador vai sendo introduzido nesse ambiente onde a pesquisa foi desenvolvida, em um bairro suburbano da cidade.

Fig. 3 - *Frame* do documentário



Em seguimento à apresentação desse ambiente periférico, continua a oralização completa do poema de Cora Coralina.

Fig. 4 - *Frame* do documentário



Apresentação da escola

Fig. 5 - Fachada da escola



Em consonância com a apresentação do espaço da escola, outra autora cuja obra denota resistência nos é apresentada: Leodegária de Jesus. Contemporânea e conterrânea de Cora Coralina, sua obra é pouco conhecida pelos goianos.

Fig. 6 - *Frame* do documentário

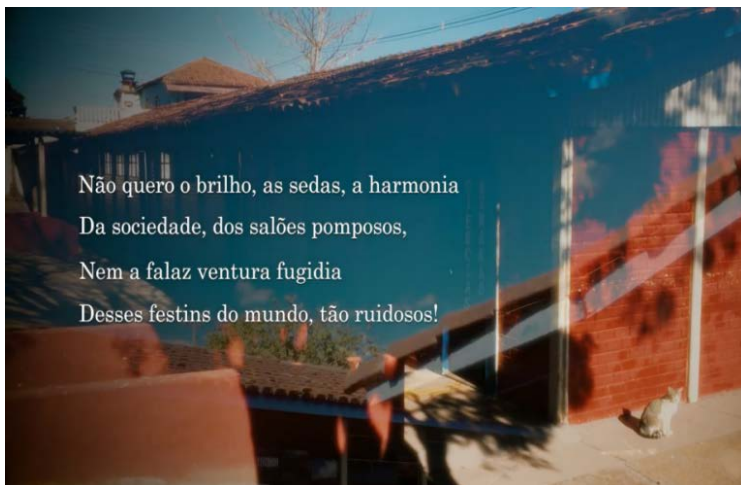
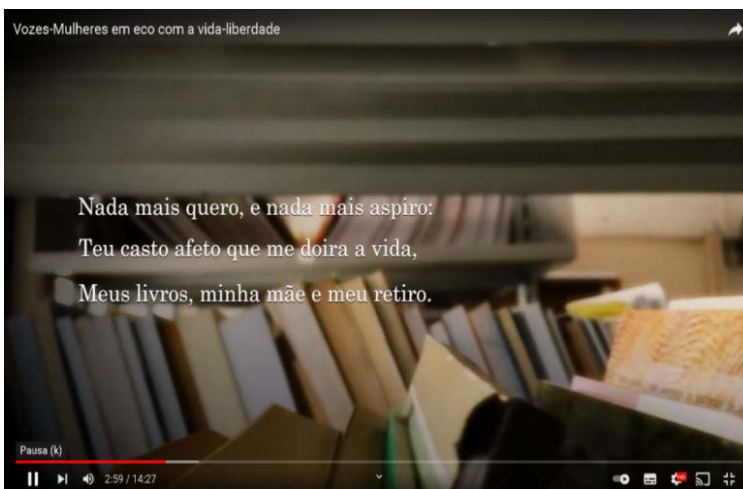


Fig. 7 - *Frame* do documentário



Segue, então, uma menção ao tempo passado na escola em 2019. No ano de 2020, ano de pandemia, a escola está vazia.

Fig. 8 - *Frame* do documentário



Pela fotografia, percebe-se o passar das horas, as mudanças das nuvens e da luz, e vemos na árvore uma solitária testemunha.

Começam, então, os testemunhos dos alunos envolvidos nesse projeto. Três dos alunos envolvidos no projeto falam de suas impressões ao terem contato com as autoras de *slam*, Luísa Romão e Elizandra Sousa. Esta última, ao receber as cartas dos alunos, respondeu a cada uma:

Fig. 9 - *Frame* do documentário



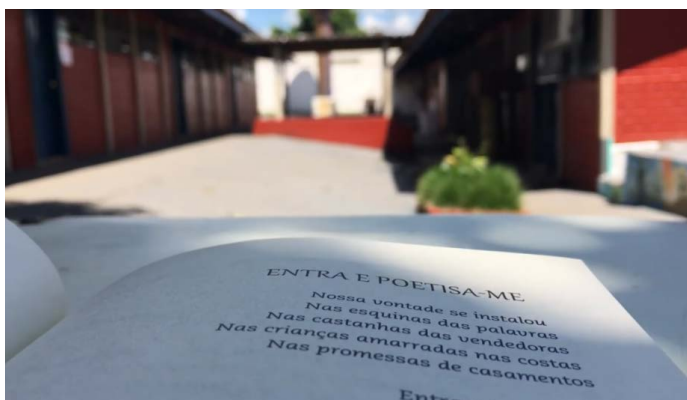
O depoimento de Isabella é contundente e emocionante. Segundo ela, conhecer a obra de Elizandra a fez repensar seus sonhos e seu futuro porque, de acordo com ela, naquele momento ela “não estava mais pensando”.

Fig. 10 - *Frame* do documentário



Kawan Gabriel destaca que “não gostava de poesia” até conhecer a obra da autora Elizandra e, desde então, “criou a experiência de ler poemas”.

Fig. 11 - *Frame* do documentário



Para Wildeane, foi muito importante o trabalho desenvolvido no colégio porque, de acordo com ela, esse projeto lhe trouxe re-

presentatividade, uma vez que a maioria dos autores são homens e essas são autoras, mulheres.

Fig. 12 - *Frame* do documentário



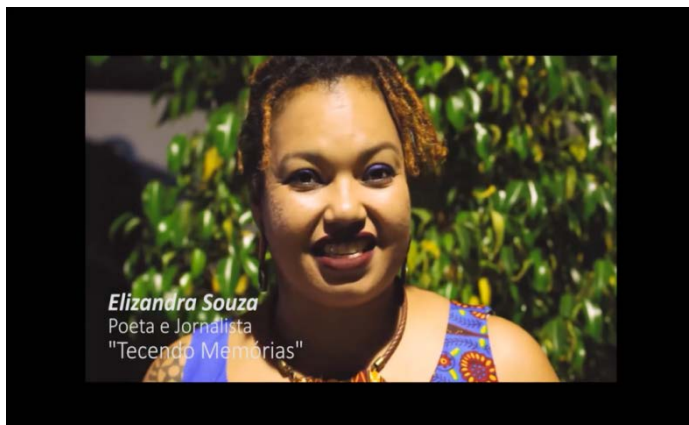
O vídeo corta, então, novamente para Isabella, que ressalta que conhecer as obras das autoras foi muito importante, pois ela “já havia desistido”. Afirma ainda que “não acreditava mais que eu poderia. E ela me trouxe a vontade de querer correr atrás dos meus sonhos. E isso foi muito importante para mim”.

Fig. 13 - *Frame* do documentário



O documentário traz, em seguida, em um de seus vídeos, a autora citada pelos alunos. Elizandra recita seu poema *Tecendo memórias*.

Fig. 14 - *Frame* do documentário



Os alunos, então, relatam como foi o trabalho com essas obras. Leram os poemas em sala e, depois de conhecê-los bastante, enviaram cartas às autoras.

Fig. 15 - *Frame* do documentário



Wildeane diz que no começo não estava muito interessada, mas, logo que começou a ler, ela se interessou. Sobretudo, interessou-lhe o *slam* de Luísa Romão, *Sangria*, que trata de política na poesia. A aluna destaca que, a partir da leitura desses poemas, passou

a pesquisar sobre os fatos ali relatados. Ela comenta, ainda, que o trabalho na escola foi feito por meio de roda de conversa: em roda, cada aluno é convidado a falar de suas impressões sobre a obra.

Fig. 16 - *Frame* do documentário



Kawan Gabriel destacou o que mais gostou na obra das autoras: a rima – combinação de palavras que você entende e compreende a crítica. O curta passa, então, para um vídeo de Luísa Romão. Em sua obra Sangria há 28 poemas, um poema para cada dia do ciclo menstrual. Nessa obra, que combina artistas plásticas com montagem de fotografias, poesia e videoarte, o eu lírico (eu-lírica?) compara a colonização do Brasil com um estupro. Seguem, nas figuras 17, 18 e 19, os *frames* do filme referentes ao poema número 27.

Fig. 17 - *Frame* do documentário



Fig. 18 - *Frame* do documentário

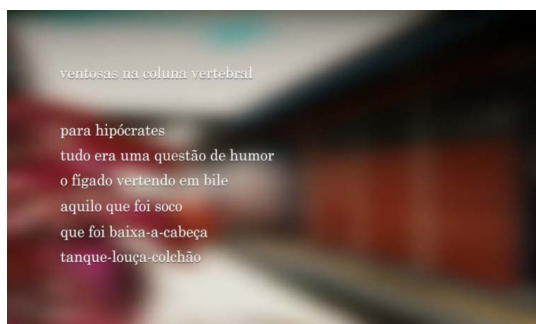
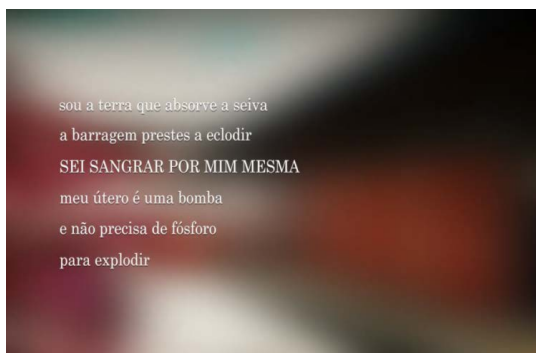


Fig. 19 - *Frame* do documentário



O documentário passa, em seguida, para os alunos que relatam, agora, a experiência sobre enviar uma carta para as autoras. Kawan Gabriel diz que perguntou como as autoras tinham inspiração para escrever seus poemas. Isabella conta que sua carta foi um

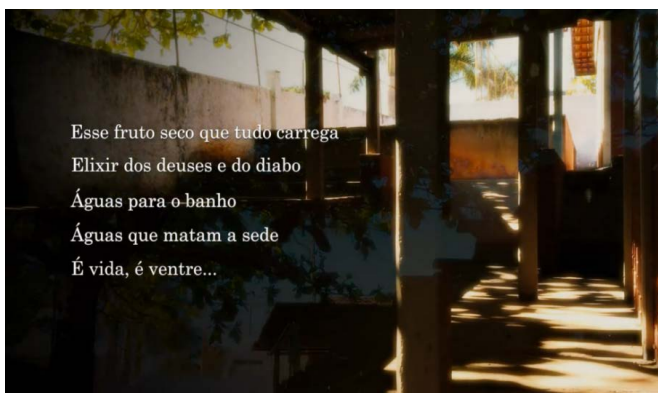
desabafo, “porque eu senti o que ela quis passar para a gente e eu quis passar também o que eu estava sentindo para ela”.

Fig. 20 - *Frame* do documentário



Os três alunos comentam que nunca – palavra usada pelo três – pensaram que teriam resposta para suas cartas. Contudo, Elizandra respondeu suas cartas, o que os deixou muito felizes e promoveu uma transformação em suas vidas. O vídeo corta, então, para o poema *Águas da cabaça*, de Elizandra (fig. 21 e fig. 22).

Fig. 21 - *Frame* do documentário



Esse fruto seco que tudo carrega
Elixir dos deuses e do diabo
Águas para o banho
Águas que matam a sede
É vida, é ventre...

Fig. 22 - *Frame* do documentário



Começam, nesse ponto, os depoimentos do diretor e da coordenadora pedagógica sobre o projeto. Para Rui Fernandes (fig. 23), projetos como esse são muito importantes para os alunos, porque saem do tradicional, do giz e quadro, e abrem a escola para essas experiências. Ele destaca ainda que, para os alunos, receber a devolutiva da autora foi muito encorajador. Ele sublinha que, ao se abordar uma literatura marginal periférica e feminina, promove-se uma identificação dos(as) alunos(as) com essa obra, já que eles/elas vivem essa realidade: “eles não tinham essa concepção de que a vivência deles é importante e que tem a ver com o que se estuda nos livros.”

Fig. 23 - *Frame* do documentário



A coordenadora pedagógica, Eliédina Fernandes (fig. 24), diz que esse projeto lhe trouxe muita satisfação, uma vez que ela é formada em Letras e vê a importância de desenvolver o hábito de leitura entre os alunos, que agora estão mais motivados quanto à leitura e à interpretação. Ela conta que esse projeto, e a culminância de receber carta da autora, foram muito significativos para os alunos, que, em uma escola de periferia, nunca teriam acesso a essa oportunidade. Ela enfatiza, sobre o projeto, que “a escola ganhou muito com isso, valioso para a escola em si, é uma prática que nós não temos vivência dentro da escola” e que a poesia marginal periférica é “ousada, inovadora e rompe com tabus que a sociedade traz”.

Fig. 24 - *Frame do documentário*



De volta aos alunos, Wildeane conclui que receber a carta de Elizandra e saber que as autoras são pessoas como ela trouxe motivação para “correr atrás de seus sonhos”. Isabella diz que percebeu que “nós mulheres não podemos desistir do que a gente quer ser e foi importante ver que ela é uma mulher negra, periférica e ela conseguiu. Isso traz ensinamento para mim que eu não posso desistir só porque eu sou mulher. (...) eu li, gostei e me inspirou bastante”. Kawan diz que, depois de ler sua obra, ele viu que ela está fazendo uma coisa boa para a sociedade.

O documentário fecha com um poema de Cora Coralina, *Aninha e suas pedras* (fig. 25, 26, 27, 28 e 29).

Fig. 25 - *Frame* do documentário



Fig. 26 - *Frame* do documentário



Fig. 27 - *Frame* do documentário



Fig. 28 - *Frame* do documentário

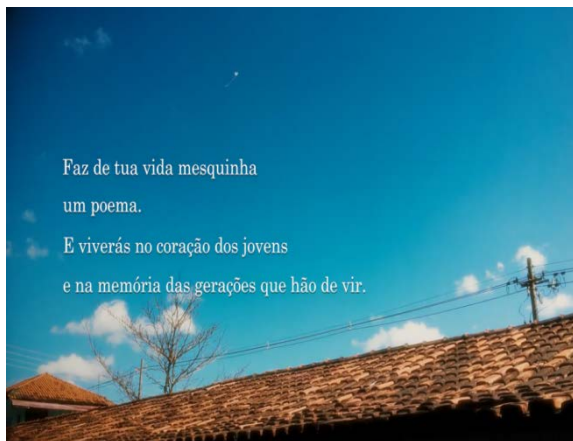


Fig. 29 - *Frame* do documentário



Considerações finais

Como foi possível observar ao longo do texto, os recursos tecnológicos consistem em ferramentas que facilitam o acesso às produções que tenham por objetivo atingir o maior número de público possível. No caso desse produto educacional, a oralização dos poemas no decorrer dos relatos atende a uma proposta de difusão do texto poético em um novo formato. Nessa proposta audiovisual,

o espectador acompanha os relatos de uma experiência exitosa de leitura poética em sala de aula e, ao mesmo tempo, pode ser levado a um processo de fruição estético-literária a partir das oralizações apresentadas.

Cabe afirmar, portanto, que o presente documentário constitui um material de alta relevância e de impacto real, já que essa produção segue disponibilizada e acessível em diferentes plataformas para acesso do público em geral. Além disso, esse produto está categorizado em material de alta complexidade de acordo com os parâmetros da Capes, pois apresenta associação de diferentes tipos de conhecimentos e interação de múltiplos atores envolvidos, fatores que garantiram a qualidade estética desse produto.

CRÉDITOS

Direção

Maycon Rodrigues dos Anjos

Roteiro

Glauce Kelly Cardoso Pires e Vivianne Fleury de Faria

Fotografia

Maycon Rodrigues dos Anjos

Imagens de arquivo:

“Tecendo memórias”, cortesia de Elizandra Souza. Créditos: Sarau das pretas, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WPiM-BxraPWY>.

Som/Música

Ivan Grycuh

Poetização

Glauce Kelly C. Pires e Vívian de Castro.

Montagem e Edição

Maycon Rodrigues dos Anjos

Entrevistados

Profissionais convidados: Diretor do CEPI-Nova Cidade, Rui Carlos Fernandes, e a coordenadora pedagógica, com formação em Letras, Eliédina Fernandes. Alunos-participantes convidados: Isabella Rodrigues da Silva, Kawan Gabriel Alves da Silva Moraes e Wildeane Regina de Souza Silva.

Agradecimentos

Aos professores Alexandre Bonafim e Célia Sebastiana, membros da banca de pesquisa. Aos profissionais do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, pela presteza de sempre, em especial, pela disponibilização de um auxílio financeiro para apoio a produtos educacionais, referente ao edital 004/2019. Ao Centro de Ensino de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), pelo empréstimo da câmera fotográfica, e ao Centro Integrado de Aprendizagem em Rede da Universidade Federal de Goiás (CIAR/UFG), pelo empréstimo do aparelho de microfone lapela sem fio, dispositivos utilizados para a gravação do produto educacional. A todos os alunos participantes da pesquisa. A Maycon Rodrigues dos Anjos, por aceitar, gentilmente, o convite para dirigir o produto educacional, mesmo quando não havia a menor possibilidade de recebimento de uma bolsa de auxílio financeiro. À musicista Vivian de Castro, por, gentilmente, fazer as leituras dos poemas que compõem o produto educacional. Aos professores, funcionários e alunos do CEPI-Nova Cidade, escola-campo de pesquisa, pelo acolhimento ao projeto sem dispensar esforços para que tudo ocorresse com êxito.

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Universidade Federal de Goiás
Goiânia/Goiás, março de 2022

Referências

CAPES. *Relação de Cursos Recomendados e Reconhecidos*. Disponível em <http://www.CAPES.gov.br/avaliacao/cursos-recomendados-e-reconhecidos>. Acesso em: 10 jun. 2014.

PIRES, Glayce Kelly Cardoso. *Das margens para as margens: a poesia marginal-periférica de autoria feminina em práticas de formação do leitor literário em uma escola pública periférica*. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de ensino aplicada à educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

PIRES, Glayce Kelly Cardoso. *Vozes-mulheres em eco com a vida-liberdade*. Produto Educacional (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de ensino aplicada à educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601238> <https://www.youtube.com/watch?v=vBJHayAyJd0>

SOBRE O E-BOOK

Tipografia: Gentium Basic, Century Gothic, Calibri
Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia-
Goiás. Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br>
